



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

JOSIMAR GOMES DA SILVA

**ASPECTOS INTERATIVOS DA ENTREVISTA ORAL COM MORADORES DE UMA
COMUNIDADE QUILOMBOLA, EM ALAGOAS**

Maceió-AL
2017

JOSIMAR GOMES DA SILVA

**ASPECTOS INTERATIVOS DA ENTREVISTA ORAL COM MORADORES DE UMA
COMUNIDADE QUILOMBOLA, EM ALAGOAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, na área de concentração **Estudos Textuais: Oralidade, Leitura e Escrita**.

Orientadora: Profa. Dr^a. Maria Francisca Oliveira Santos.



Maceió-AL
2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- L732a Silva, Josimar Gomes da.
Aspectos interativos da entrevista oral com moradores de uma comunidade quilombola, em Alagoas / Josimar Gomes da Silva. – 2017.
159 f. : il.
- Orientadora: Maria Francisca Oliveira Santos.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Lingüística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2017.
- Bibliografia: f. 122-125.
Apêndices: f. 126-157.
1. Linguística. 2. Comunidade quilombola – Alagoas. 3. Conversação.
4. Entrevista oral. I. Título

CDU: 800.855

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGLL
---	--	--

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSIMAR GOMES DA SILVA

Título do trabalho: "ASPECTOS INTERATIVOS DA ENTREVISTA ORAL COM MORADORES DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM ALAGOAS"

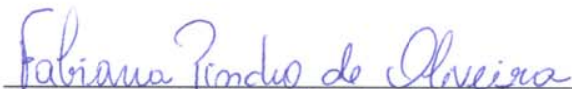
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGLL/Ufal)

Examinadores:



Profa. Dra. Fabiana Pincho de Oliveira (Ufal)



Prof. Dr. Cristiano Lessa de Oliveira (Ufal)

Maceió, 17 de julho de 2017.

Aos meus pais, José Vieira da Silva II e Maria do Socorro Gomes da Silva. Sem vocês nada disto seria possível. Sempre me apoiaram, amaram, financiaram e me deram o melhor de vocês para que eu estudasse e me tornasse um homem de valor, de caráter.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos sempre são oportunos. Tenho a agradecer a muitas pessoas que, de várias formas, passaram a pertencer à minha vida.

Costumo dizer que o Senhor Deus não se esqueceu de mim, pobre pessoa a seu serviço. Desse modo inicio meu agradecimento ao Pai Eterno que nos socorre a todo instante e nos dá oportunidades e recomeços.

Agradeço à minha família, de modo particular, meus pais, José Vieira e Maria do Socorro, os quais souberam compreender cada situação porque passei na confecção desta pesquisa. Digo que o lugar aconchegante que me serviu de ambiente de estudos travados, em longos e “cansados” dias e noites, foi a cozinha lá da casa do sítio, onde meus pais habitam. Durante os dias que passava lá, a mesa não era de refeições, mas do banquete intelectual de que me servi. Às vezes refletia: minha família, mesmo sem saber o conteúdo, as teorias que me orientavam, ajudava-me por saber a importância que é progredir nos estudos.

Agradeço a cada professor do PPGLL, pois contribuíram muito para que eu saísse da “caverna” e enxergasse a luz do conhecimento. Aproveito e estendo meus agradecimentos aos colegas que estudaram comigo nos semestres em que cursei as disciplinas, de modo especial minhas amigas Alessia Pontes e Arly Tenório, que sempre compartilharam dos momentos de aprendizagem. No nome delas agradeço a todos os companheiros de orientação que se tornaram, comigo, filhos de nossa orientadora Maria Francisca, a quem tenho profundo apreço e gratidão.

A professora Dra. Maria Francisca tornou-se amiga, mãe e modelo a ser seguido, pois sempre foi a mulher que está por trás da pesquisa, guiando os meus passos, supervisionando e conduzindo ao caminho certo. Nos momentos em que mais precisei ela me amparou. Foi a professora Francisca que me inseriu nos estudos da oralidade por meio da disciplina Análise da Conversação, cursada em 2014, como aluno especial do programa. Agradeço imensamente a ela por me guiar pelos caminhos da Academia, fazendo-me instrumento do conhecimento, da intelectualidade. De professora de seminarista à orientadora de um professor da educação básica. Muito obrigado, amiga!

Agradeço à amiga Ma. Claudemira Maria, que sempre me apoiou, confiando em minha capacidade, desde a época em que atuou como minha professora. Não foi à toa que participou de minha banca de TCC, na UNEAL, dando suas contribuições e sugestões para o melhoramento do trabalho acadêmico, em torno da análise de gêneros textuais da modalidade escrita da língua e sua aplicabilidade nas propostas de produção textual presentes nos livros didáticos de português do Ensino Fundamental. E não parou por aí: ainda tive a satisfação de trabalhar na mesma escola que ela, por ocasião de minha aprovação para professor de português no concurso da Secretaria de Estado da Educação, em 2013. Agradeço também, amiga, pela ajuda na revisão ortográfica do texto desta dissertação.

Não posso esquecer de José Carlos da Silva Junior, mais conhecido por Junior Zeca, companheiro inseparável que, nos momentos em que mais precisei soube me auxiliar, deixando-me no meu espaço, bem como me ajudando na transcrição das entrevistas quando meu computador e *pen drives* foram roubados em junho de 2016, em Aracaju-SE, quando fui apresentar trabalhos do mestrado no III Seminário Internacional de Estudos sobre o Discurso e Argumentação (SEDIAR), organizado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Tive que refazer todo o material que já havia organizado e que foi perdido devido ao roubo. E você, Junior Zeca, soube, com tranquilidade restaurar um pouco de minha paz, desempenhando papel primordial na reconstrução dessa etapa de pesquisa “perdida/destruída”. Obrigado por se fazer presente em todos os momentos do mestrado e por se envolver de forma tão eficaz para que tudo pudesse dar certo.

Agradeço à professora Ma. Dariana Nunes, professora da Campus Zumbi dos Palmares (CAMUZP), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e coordenadora do Núcleo de Estudos Linguísticos (NELING/CNPq), grupo de que faço parte e que saiu em campo para a coleta dos dados. Devo especialmente a você a disponibilização dos áudios do *corpus* da Comunidade Mariana, os quais transcrevi para as análises presentes nesta pesquisa. Sei das dificuldades que se impuseram na difícil labuta de formar os integrantes do NELING e realizar as entrevistas em cada comunidade quilombola da Região Serrana dos Quilombos.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pela cessão de 15 meses de bolsa de estudos, no intuito de que realizasse minha pesquisa com qualidade, servindo de recursos para a compra de

livros na área de pesquisa, para a participação em eventos, dentre outros interesses relacionados à pesquisa.

Agradeço a todos do CAMUZP, situado em União dos Palmares-AL, na pessoa da diretora, a Professora Ma. Adriana Rocely Viana, que me acompanhou desde que ingressei no Mestrado Profissional (PROFLETRAS), mestrado interrompido por ocasião de minha aprovação no Mestrado Acadêmico da UFAL. Enquanto trabalhei nessa IES, meus horários foram flexibilizados.

Agradeço aos professores, funcionários e gestores das seguintes instituições de educação básica: Escola Estadual Monsenhor Clóvis Duarte de Barros, em União dos Palmares-AL, e Escola Municipal Professora Amélia Vasconcelos, em Chã Preta-AL. Todos vocês souberam me compreender, flexibilizando meus horários quando precisei.

Sou muito grato também à professora Fabiana Pincho de Oliveira e ao professor Cristiano Lessa de Oliveira que, a partir da leitura cuidadosa da dissertação, contribuíram com sugestões que enriqueceram de forma significativa este trabalho.

Por fim, parafraseando o apóstolo, “combati o bom combate”!

RESUMO

Este trabalho, inserido na linha da Análise da Conversação, tem como objetivo analisar os aspectos interativos da entrevista oral com moradores de uma comunidade quilombola da Região Serrana dos Quilombos, em Alagoas. Serviram de aporte teórico para as análises dos textos orais as discussões de: Marcuschi (2002; 2003; 2006; 2010a; 2012), Kerbrat-Orecchioni (2006), Levinson (2007), Koch (1992; 2003; 2005) e Santos (2004; 2013) no que diz respeito à contribuição dos estudos conversacionais para as análises do *corpus*, bem como os estudos de Hoffnagel (2010), Fávero (1999; 2006), Costa (2014) e Morais & Santos (2014), no que concerne ao tratamento do gênero entrevista oral. Quanto ao aspecto metodológico, este trabalho segue o método fenomenológico (HUSSERL, 2000; MOREIRA, 2002), que evidencia a análise descritivo-interpretativa dos dados colhidos, na linha da pesquisa qualitativa (MINAYO, 1998; FLICK, 2004). Esta pesquisa utiliza o *corpus* de entrevistas realizadas com moradores da comunidade quilombola Mariana, situada no município de Santana do Mundaú, em Alagoas, o qual é formado por quinze entrevistas. Dessas entrevistas, foram retirados, aleatoriamente, seis fragmentos para as análises. Os resultados apontam para a existência de marcas interativas que possibilitam a organização dos turnos por meio dos pares adjacentes, do uso de repetições e de marcadores conversacionais. A relevância da pesquisa se dá por analisar os aspectos interativos em entrevistas orais a quilombolas alagoanos.

Palavras-Chave: Análise da Conversação. Interação. Entrevista Oral. Comunidades Quilombolas.

ABSTRACT

This work, inserted in the line of the Conversation Analysis aims to analyse the interactive aspects of the oral interview with residents of a quilombola community of the Mountain Region of Quilombos, in Alagoas. They served as a theoretical contribution for the analysis of the oral texts the discussions of Marcushi (2002; 2003; 2006; 2010a; 2012), Kerbrat-Orecchioni (2006), Levinson (2007), Koch (1992; 2003;2005) and Santos (2004;2013), with regard to the contribution of the conversational projects to the analysis of the corpus, as well as the studies of Hoffnagel (2010); Favero (1999; 2006), Costa (2014) and Morais & Santos (2014); regarding the treatment of the oral interview. As for the methodological aspect, this work follows the phenomenological method, (HUSSERL, 2000; MOREIRA, 2002), which evidences the descriptive-interpretative analysis of the data collected, in line with qualitative research (MINAYO,1998; FLICK, 2004). This research uses the corpus of interviews conducted with residents from Mariana quilombola community, located in the municipality of Santana do Mundaú, in Alagoas, that is formed by fifteen interviews. In these ways, six fragments were randomly collected for the analyses. The results point out for the existence of interactive brands, which allow the organization of shifts through adjacent pairs, the use of repetitions and conversational markers. The relevante of this research is to analyse the interactive aspects in oral interviews to quilombolas from Alagoas.

Keywords: Conversation Analysis. Interaction. Oral Interview. Quilombola Communities.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação triádica da entrevista	51
Quadro 2 – Tipologias das entrevistas	74
Quadro 3 – Relação dialógica da entrevista.....	76
Quadro 4 – Unidades da organização da entrevista	78
Quadro 5 – Embasamento do texto.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise da Conversação
AD	Análise do Discurso
CAMUZP	Campus Universitário Zumbi dos Palmares
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPEAL	Fundação de Amparo à Pesquisa em Alagoas
ITERAL	Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas
LRT	Lugar Relevante para a Transição
LT	Linguística Textual
M	Matriz
NELING	Núcleo de Estudos Linguísticos
PC	Princípio Cooperativo
P-R	Pergunta-Resposta
R	Repetição
SI	Sociolinguística Interacional
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
TE	Textos da escrita
TF	Textos da fala
TV	Televisão
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2 QUESTÕES DE ORALIDADE	18
2.1 Acerca da oralidade	18
2.2 Os estudos conversacionais	24
2.2.1 As diferentes correntes da Análise da Conversação	26
2.2.2 Relação da Análise da Conversação com outras áreas de estudos	28
2.3 A questão da interação na conversação	30
3 CATEGORIAS ENCONTRADAS NO TEXTO CONVERSACIONAL	35
3.1 A organização do texto conversacional	35
3.1.1 O turno conversacional	35
3.1.2 Os marcadores conversacionais	40
3.1.3 O par adjacente	44
3.2 O uso de repetições no texto falado	52
3.2.1 Tipos e manifestações da repetição	53
3.2.2 Aspectos funcionais da repetição	58
4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO GÊNERO ENTREVISTA ORAL	68
4.1 Algumas pontuações sobre o estudo dos gêneros textuais	68
4.2 O gênero entrevista oral	71
4.2.2 A organização da entrevista	75
4.2.3 Envolvimento dos participantes na entrevista	80
5 QUESTÕES METODOLÓGICAS E ANÁLISE DO CORPUS	83
5.1 Metodologia usada na pesquisa	83
5.1.1 Perspectiva metodológica aplicada aos estudos conversacionais	85
5.1.2 Acerca da pesquisa qualitativa	87
5.1.3 O método fenomenológico	90
5.2 Aspectos culturais da comunidade quilombola Mariana	93
5.3 Universo da pesquisa e constituição do <i>corpus</i>	97
5.4 Análises de entrevistas a moradores da comunidade quilombola Mariana ..	99
5.4.1 Primeiro momento interativo	99
5.4.2 Segundo momento interativo	104
5.4.3 Terceiro momento interativo	107

5.4.4 Quarto momento interativo.....	111
5.4.5 Quinto momento interativo	114
5.4.5 Sexto momento interativo.....	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	128
ANEXO A – Roteiro-guia para as entrevistas.....	129
ANEXO B – Tabela com as normas de transcrição das entrevistas.....	130
ANEXO C – Entrevista 4	131
ANEXO D – Entrevista 11	143
ANEXO E – Entrevista 14.....	152

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho se insere numa concepção de linguagem denominada sociointeracionista, pois toma a linguagem enquanto atividade da interação entre os sujeitos sociais, capazes de usar a língua em situações diversas, em momentos que exigem maior ou menor formalidade.

A todo instante, no processo comunicativo, as pessoas coordenam seus atos por meio da interação verbal (expressando-se na modalidade escrita ou oral) e por meio dos elementos não verbais¹, tais como o olhar, as pausas, as entonações, o riso, a distância e os gestos, a fim de que suas relações interativas possibilitem a construção de sentidos. É possível estudar a língua dentro desse *continuum* que reflete a relação dessas modalidades da língua, dentro de um processo de variações. A capacidade de interação proporciona o estudo da linguagem como espaço de diálogo, permeado por interesses e acordos firmados entre os interactantes.

Nessa perspectiva, os estudos conversacionais não só justificam o interesse em analisar as categorias que compõem o texto oral, mas, principalmente, são a base dos estudos sobre oralidade. Desse modo, este trabalho envereda por caminhos teóricos que evidenciam o estudo dos gêneros textuais como práticas sociointerativas, em que os sujeitos negociam suas trocas comunicativas por meio do gênero entrevista oral.

A dissertação tem o objetivo de analisar, através da descrição e interpretação de dados empíricos, os aspectos interacionais em entrevistas realizadas a moradores da comunidade quilombola Mariana, situada na zona da mata alagoana. O interesse em analisar os aspectos que medeiam a interação dos participantes das entrevistas partiu do reconhecimento desse povo como quilombolas, com a certificação de remanescentes, em 2009.

As entrevistas foram realizadas e gravadas em áudio em seis comunidades quilombolas da Região Serrana dos Quilombos, em Alagoas, pelo Núcleo de Estudos Linguísticos (NELING), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), com o intuito de servir de base para a tese de doutorado da professora Dariana Nunes

¹ A proposta desta pesquisa não busca analisar os elementos não verbais nem como esses dados interferem na interação verbal. No entanto, faz-se necessário explicitar esses elementos a fim de orientar o leitor para a presença dos não verbais no *corpus* analisado.

Santos, coordenadora do núcleo de pesquisa, a qual deu continuidade ao projeto do reconhecimento linguístico de comunidades quilombolas dessa região, iniciado pela professora Denilda Moura.

Dessas comunidades, escolheu-se o *corpus*² de Mariana, localizada na zona rural de Santana do Mundaú-AL, o qual foi disponibilizado pelo NELING a fim de que fosse transcrito e servisse de dados para esta pesquisa em estudos conversacionais. A escolha da comunidade se justifica pelo fato de fazer parte de um grupo que sempre foi marginalizado, fazendo com que se trabalhe a temática do negro, seguindo a perspectiva da Análise da Conversação, o que contribui com os estudos da oralidade, para que se dê maior visibilidade, em contexto acadêmico, político e social, à cultura de um povo que, historicamente, ficou às margens da sociedade.

Desse modo, a pesquisa buscou responder estas perguntas: como é organizado o discurso oral em entrevistas a pessoas remanescentes quilombolas? Como se dá a interação dos falantes (entrevistado e entrevistador)? Confirma-se a assimetria nesse gênero ou, vez por outra, há indícios de simetria? Quais estratégias os falantes dessas comunidades utilizam para manter o turno, iniciá-lo e transferi-lo? Como se dá a composição do texto oral por esses falantes? Quais os elementos de linguagem que permitem haver interação ou procuram bloqueá-la?

A organização interativa é fator primordial para a interpretação do *corpus*, buscando nele os elementos que contribuem para seu desenvolvimento e que conferem sentido ao texto oral, tais como uso de repetição, categoria que possibilita a organização do texto conversacional; de pares adjacentes; dos turnos e dos marcadores conversacionais.

Nesse sentido, o presente trabalho organiza-se em quatro partes que expõem, explicam e interpretam os dados coletados à luz da teoria proposta por autores da Análise da Conversação. Assim, a primeira parte (segunda seção) tem o objetivo de situar a pesquisa dentro dos estudos que analisam a conversação face a face. Para isso, pontuaram-se as diversas perspectivas que identificam a relação entre fala e escrita dentro de um *continuum* tipológico. Nessa seção, verificaram-se a importância dos estudos orais e sua relação com os estudos conversacionais, aplicando os conceitos, características e princípios da área.

² As gravações foram cedidas para esta pesquisa, cujo autor/pesquisador as transcreveu, por meio da escuta cuidadosa dos áudios, seguindo as normas estabelecidas por Marcuschi (2003) e Preti (2006).

A segunda parte (terceira seção) está voltada à apresentação e exemplificação das categorias presentes no texto dialógico. Sendo assim, priorizaram-se, como elementos básicos da interação verbal: os *turnos conversacionais*, confirmando-se a ocorrência de encontros conversacionais de natureza relativamente assimétrica no revezamento dos papéis de falante e ouvinte; o *par adjacente*, por a entrevista oral se organizar em torno de perguntas e respostas, confirmando o envolvimento dos participantes do evento comunicativo, em suas relações diádicas e triádicas; os *marcadores conversacionais*, que auxiliam no desenvolvimento do texto oral, funcionando como mecanismos de coesão e de coerência; e as *repetições*, recursos frequentes na oralidade, com tipos e funções, que garantem a unidade e o planejamento do texto falado, atuando nos planos da composição textual e do discurso.

A terceira parte (quarta seção) busca traçar algumas considerações a respeito do gênero entrevista oral, entendido como conversa formal que exige trocas comunicativas entre duas ou mais pessoas, possibilitando o controle do tópico conversacional por parte do entrevistador.

A quarta parte (quinta seção) aborda os aspectos metodológicos adotados na pesquisa. A seção revela a importância da pesquisa qualitativa para os estudos conversacionais, bem como para o processo de análise do *corpus*, identificado pelas entrevistas realizadas a quilombolas. Essas entrevistas buscaram conhecer a história da comunidade contada por eles mesmos.

Assim, as análises elucidam os textos orais, a partir da gravação e transcrição das entrevistas, servindo como materiais empíricos, que foram interpretados seguindo o método fenomenológico, que concebe o conhecimento fruto da relação entre objeto pesquisado e sujeito pesquisador, tendo por base a indução no tratamento dos dados e a evidência da cultura do afrodescendente.

2 QUESTÕES DE ORALIDADE

A presente seção surgiu da necessidade de situar a pesquisa realizada dentro dos estudos conversacionais. Para isso, serão evidenciadas as características, a localização, a importância, a conceituação e os princípios da Análise da Conversação (doravante AC).

Para situar a AC, faz-se necessário recorrer a vários teóricos que pautaram seus estudos nos acontecimentos linguísticos em condições e contextos os mais variados possíveis. Dentre eles, destacam-se Garfinkel (1967), Sacks, Schegloff e Gail Jefferson (1974) que se dispuseram a investigar, a partir da década de 60, a conversa seguindo a linha da Etnometodologia; Marcuschi (2002; 2003; 2008; 2010a; 2012), que introduz os estudos conversacionais no Brasil, tornando-se grande expoente de pesquisas voltadas à oralidade; Kerbrat-Orecchioni (2006) e Levinson (2007), os quais dispuseram a sistematizar os estudos voltados à AC; Koch (1992; 2003), Hilgert (2003), Preti (2003), Silva (2005) Santos (2004; 2013), Oliveira (2012) e Fávero, Andrade & Aquino (2012), dentre outros que se dedicaram a analisar a oralidade em suas especificidades através de elementos observados na conversação.

2.1 Acerca da oralidade

A oralidade, enquanto prática sociointerativa³, apresenta-se nos mais variados meios comunicativos, pois está presente desde uma simples conversa informal aos gêneros textuais mais formais e/ou elaborados.

Durante muito tempo, houve privilégios da escrita em detrimento da oralidade, conforme pontua Marcuschi (2010a). Mesmo a escrita tendo importante papel na atualidade, Marcuschi (2010a) reconhece que os seres humanos continuam povos orais, pois jamais a oralidade será substituída por quaisquer tecnologias modernas.

³ No livro *Desvendando os segredos do texto*, Koch (2003) apresenta três concepções de linguagem: *a linguagem como instrumento da consciência individual do sujeito* (nesta concepção, a linguagem é concebida como algo acabado, em que o sujeito psicológico e individual age manifestando seu pensamento por meio da língua); *a linguagem como assujeitamento* (nesta concepção, a linguagem é fruto da reprodução ideológica fora do indivíduo, dependente do discurso de outras pessoas – o sujeito social); e *a linguagem como lugar de interação* (aqui o sujeito é compreendido em sua relação psicossocial, cujo caráter provém da ação na sociedade e da interação com os outros sujeitos sociais). Para esta pesquisa, adota-se a *concepção sociointeracionista*, na qual os sujeitos são vistos como seres sociais que, ao interagir, usam a língua *dialogicamente*.

Continuando sua reflexão, o autor adota uma posição não dicotômica, que vê a relação entre fala e escrita, num *continuum* tipológico. Ele explica que a escrita não pode ser vista como representação da fala, no entanto, fala e escrita “[...] são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia” (MARCUSCHI, 2010a, p. 17).

É no contexto da linguagem representada no *continuum* que se insere a presente pesquisa: as entrevistas fazem parte da oralidade e apresentam contexto e papel específico, podendo ser caracterizada como conversação espontânea.

Outro aspecto relevante acerca da relação entre oralidade e escrita é o fato de que as comunidades linguísticas preservam suas culturas a partir de práticas da oralidade, como se observa nas tradições, cujas brincadeiras perpassam gerações, mesmo havendo inovações tecnológicas que tentem superar o uso da linguagem verbal (oral) em determinadas comunidades. Basta observar os trava-línguas e as adivinhas, como brincadeiras infantis que promovem a identificação com a língua materna ao passo que insere o indivíduo na sociedade e o faz partícipe dela.

Todos os povos, em diferentes situações, contextos e culturas, fazem uso de uma tradição oral, mas poucos destes se detiveram em uma tradição escrita. No entanto, isso não faz a oralidade mais ou menos importante que a escrita; faz perceber que aquela aparece primeiro que esta. Nessa perspectiva, é posto que a fala, enquanto manifestação da prática oral, é adquirida de modo natural, em situações informais do cotidiano através das relações interativas e dialógicas entre as pessoas.

Mesmo a escrita se impondo na sociedade, ao longo do tempo, a oralidade continua exercendo forte papel na cultura dita alfabetizada. A respeito da oralidade, Marcuschi (2010a, p. 25) advoga: “seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. A oralidade, nesse contexto, é usada em situações que exigem uma produção falada, em sua realização formal ou informal do uso da língua.

Nesse sentido, surge o conceito de fala como forma textual-discursiva da modalidade oral da língua, a qual não necessita de aparatos tecnológicos para sua realização senão o disponível pelo próprio ser humano. E a escrita seria também uma forma de produção textual-discursiva, de ordem gráfico-imagética,

complementar à fala, no entanto, bem mais explorada que a fala. Por isso, a escrita se tornou a modalidade de prestígio no uso da língua, sobretudo, aqui no Brasil.

Várias tendências tentam identificar e tratar as relações entre fala e escrita fundadas num *continuum*, as quais buscam se despir de preconceitos e dar o tratamento adequado a essas duas modalidades da língua. No livro intitulado *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, Marcuschi (2010a) aponta várias tendências de tratamento da questão aqui abordada: a *perspectiva das dicotomias*⁴, a *tendência fenomenológica de caráter culturalista*⁵, a *perspectiva variacionista*⁶ e a *perspectiva sociointeracionista*⁷.

O autor se posiciona dizendo que tanto escrita quanto fala são duas modalidades de uso da língua, de modo que, ao dominar a escrita, o falante se torna bimodal⁸.

A tendência *sociointeracionista* apresentada por Marcuschi (2010a) trata das relações entre fala e escrita seguindo a perspectiva dialógica, que toma a língua como processo interativo e dinâmico das relações entre os interlocutores⁹.

Marcuschi (2010a) expõe que essa perspectiva representa, com clareza, os seguintes fenômenos: *dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade*.

A *dialogicidade* é entendida pela relação que os participantes de uma conversa estabelecem, produzindo fala/escrita para um outro ouvir/ler. A dialogicidade é o elemento básico das interações face a face, pois visa à participação do outro no momento de interlocução. Nesse sentido, o texto conversacional é produzido em coautoria.

Os *usos estratégicos* são estabelecidos no âmbito da interação, num dado momento em que participantes se valem de artifícios para processar seu texto, tais como: mecanismos de repetições e/ou paráfrases, que servem para dar ênfase à

⁴ A *perspectiva das dicotomias* é a concepção linguística que vê língua falada e escrita em dois blocos distintos. Esse paradigma das dicotomias revela a separação entre língua falada e língua escrita e estabelece a língua como sistema de regras que devem ser aprendidas e ensinadas na escola.

⁵ A *tendência fenomenológica de caráter culturalista* segue a perspectiva epistemológica que identifica a inserção da escrita na sociedade como avanço na capacidade cognitiva dos indivíduos.

⁶ A *perspectiva variacionista*, por se tratar de uma forma intermediária entre as duas perspectivas anteriores, diz respeito ao papel exercido pela fala e pela escrita no tratamento da variação linguística, existente da relação entre língua padrão e não padrão.

⁷ Perspectiva abordada para este trabalho.

⁸ Fluente nos dois modos de uso da língua (fala e escrita).

⁹ Este termo refere-se a qualquer usuário da língua oral ou escrita, estando na posição de falante ou de ouvinte no momento de interação verbal.

argumentação, garantindo, assim, a compreensão do interlocutor e mantendo a coerência textual.

As *funções interacionais* e a *negociação* são elementos que promovem ao texto uma troca de influência daqueles que o produzem. Na conversação face a face, por exemplo, os participantes desse evento comunicativo negociam suas relações e posições (falante/ouvinte). Ao fazerem isso, compartilham seus conhecimentos, criam laços; repetem o que foi produzido por seu parceiro, pedem esclarecimento sobre algo que não ficou claro, confirmam suas ações e se abrem a novidades que aparecem no contexto interativo.

A *situacionalidade* e o *envolvimento* referem-se ao conjunto de fatores (ambiente, contexto social, cultural etc.) que tornam o texto (escrito ou oral) relevante num determinado evento comunicativo. A situacionalidade não somente está para o contexto interpretativo em que o texto é produzido, como também serve de orientação para a própria produção textual.

A *coerência* refere-se à convergência conceitual que confere sentido ao texto, tornando-se possível sua interpretabilidade (contexto local e global). “A coerência é, sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral, de maneira global e não localizada” (MARCUSCHI, 2008, p. 121).

A *dinamicidade* faz refletir que a língua possui caráter dinâmico fundado no *continuum* da oralidade e da escrita. Nesse parâmetro, a dinamicidade se manifesta pelas escolhas e pela criatividade estabelecidas no momento interativo, de modo que os interactantes adaptam a linguagem ao contexto situacional espontaneamente.

A *abordagem sociointeracionista* segue uma linha de investigação orientada pela perspectiva discursiva e interpretativa dos dados empíricos analisados. Além do mais, a atividade interativa face a face, enquanto formulação textual-discursiva, exige dos interlocutores uma cooperação que facilite esse processo em suas especificidades de forma a se perceber “[...] as diversidades das formas textuais produzidas em *coautoria* (conversações) e formas textuais em *monautoria* (monólogos), que até certo ponto determinam as preferências básicas numa das perspectivas da relação fala e escrita” (MARCUSCHI, 2010a, p. 33)¹⁰.

¹⁰ Grifo do autor.

É com essa perspectiva *sociointeracionista* que este trabalho se identifica, como linha de investigação da conversação face a face, a qual não concebe a língua do ponto de vista dicotômico, mas em seu uso contextual-interativo. A postura aqui defendida descreve e interpreta as relações negociadas nas entrevistas a remanescentes quilombolas, num contexto dinâmico e dialógico, que envolve os sujeitos da interação.

Nesse sentido, o *corpus* que será analisado na quinta seção não vai ser tomado em suas categorias como dados apriorísticos, mas como fenômenos construídos a partir de dados empíricos em seus usos linguístico-culturais, que possibilitem interpretações advindas dos dados fornecidos por meio de atividades de negociação e inferência, provenientes do momento interativo dos interlocutores.

A literatura aqui estudada revela que a perspectiva sociointeracionista é fortemente representada no Brasil por estudiosos que se preocupam com a construção dos sentidos na atividade textual-discursiva, a exemplo de Koch (2003), Preti (2003) e o próprio Marcuschi (2002; 2003; 2010a).

Em resumo, a relação entre fala e escrita é fundada no *continuum* que se manifesta entre as duas modalidades usuais da língua. Obviamente, a escrita é a modalidade de maior prestígio social, enquanto a fala tem sua precedência sobre a escrita.

A fala sempre dependerá do contexto de produção; a escrita dependerá de seu planejamento e de propriedades inerentes a ela; a fala estabelece uma implicatura de elementos que são inferidos e interpretados pelos interlocutores; a escrita é vista em sua explicitude de informações.

Por isso, “a oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa” (MARCUSCHI, 2010a, p. 36). Assim, a oralidade sempre estará presente como forma de manifestação da interação entre as pessoas e não será substituída por nenhuma tecnologia que, porventura, o homem venha a desenvolver.

Como se pode observar, nas últimas décadas, sobretudo, a oralidade vem sendo estudada no campo linguístico, dando destaque para a conversação enquanto prática social que se efetiva na interação verbal e/ou não verbal entre dois ou mais falantes. Dessa forma, em certa medida, as duas modalidades da língua refletem a organização da sociedade (MARCUSCHI, 2010a).

Etimologicamente, a palavra *conversa*ção vem do latim *conversare*, que significa convivência, ação que requer, em sua essência, uma cooperação entre os falantes para que ela seja efetivada. Nas diversas perspectivas científicas, o termo *conversa*ção ganha sentidos diferentes: “a *conversa*ção tem sido o centro de atenção de diversas perspectivas científicas, tanto do ponto de vista individual como do social. Por isso, o termo *conversa*ção pode ser concebido de diversas maneiras” (SILVA, 2005, p. 32)¹¹.

Num sentido amplo, pode se referir a qualquer interação oral planejada (*conversa*ção formal) ou não planejada (*conversa*ção informal). Num sentido estrito, ela aparece como *conversa*ção espontânea, desprovida de qualquer planejamento prévio.

Com base nesses aspectos, vários estudos da linguagem traçaram considerações a respeito da *conversa*ção, as quais dialogam entre si. Dentre eles, Marcuschi (2003) descreve a *conversa*ção como a primeira forma de interação que o ser humano utiliza através do uso da linguagem.

Fávero, Andrade & Aquino (2012, p. 9) consideram que a *conversa*ção “[...] se produz dialogicamente, como criação coletiva”. Desse modo, o texto produzido da interação entre dois ou mais falantes é resultado do processo de coautoria.

Levinson (2007, p. 361) salienta que a *conversa*ção é um “[...] tipo conhecido e predominante de fala em que dois ou mais participantes se alternam livremente, e que geralmente ocorre fora de contextos institucionais específicos [...]”. Por isso, o texto *conversacional* é fortemente marcado pela alternância dos turnos, em que ora um falante é locutor, ora, ouvinte.

Hilgert (2003) vincula a *conversa*ção a qualquer atividade social, produzida pelos usuários da língua que se alternam nos papéis de falante e ouvinte. Por isso, a *conversa*ção envolve atividades de formulação, em que é necessário o planejamento do texto falado para que os falantes desenvolvam o conteúdo abordado e, assim, o enunciado evolua e seja concluído.

Kerbrat-Orecchioni (2006) considera a *conversa*ção fruto do imprevisto, das trocas de turnos, cujos participantes interagem cada um com papéis não preestabelecidos, os quais gozam dos mesmos direitos e deveres nas trocas comunicativas.

¹¹ Grifo do autor.

Preti (2003) defende a ideia de que a palavra conversação abrange uma gama de atividades advindas da interação verbal. Esse enfoque torna possível entender por conversação tanto as interações mais formais como as menos elaboradas.

2.2 Os estudos conversacionais

É possível estudar a oralidade graças a um grupo de sociólogos como Garfinkel (1967), Sacks, Schegloff & Gail Jefferson (1974) que se dispuseram a investigar, a partir da década de 60, a conversa seguindo a linha da Etnometodologia. Essa linha de análise tem como precursor o sociólogo Garfinkel que, em 1967, publicou a obra *Studies in Ethnometodology*¹².

Nessa obra, o autor procurou romper com a Sociologia tradicional, buscando, na Etnometodologia, uma maneira de analisar a realidade social a partir do comportamento dos indivíduos de uma comunidade linguística. Essa abordagem permitiu um tratamento dos dados de modo empírico. Por isso, Garfinkel (1967) valoriza as atividades cotidianas das pessoas e o modo como organizam o processo comunicativo.

Etimologicamente, pode-se dizer que o termo Etnometodologia, cunhado por Garfinkel (1967), provém de dois radicais gregos: *ethno* que diz respeito à forma com que as pessoas se apropriam do conhecimento e das ações construídas socialmente; e *metodologia* que diz respeito à forma com a qual as pessoas aplicam o conhecimento adquirido conjuntamente.

Com essa motivação, a Análise da Conversação (AC) adquiriu um caráter pragmático da conversação que estabelece, por sua vez, uma forte relação com o contexto em que os falantes estão inseridos, no qual os interlocutores desenvolvem sua atividade linguística, manifestada na interação social ocorrida no dia a dia.

Para Silva (2005, p. 37), Garfinkel, criador da Etnometodologia, “[...] desejava romper com a tradição sociológica, que procurava realizar análises científicas de um mundo social objetivo, além do que o objeto de estudo permitia”. Visto que os comportamentos dos sujeitos são manifestados no cotidiano social, sua produção é regulada por técnicas percebidas no momento em que interagem uns com os outros.

¹² Estudos sobre Etnometodologia.

Esse autor chega “[...] à conclusão de que a Etnometodologia apresenta três aspectos básicos: estuda as atividades práticas do cotidiano; apresenta caráter empírico; e apresenta um princípio de organização” (SILVA, 2005, p. 38-39).

Esses aspectos são característicos de pesquisas empíricas e estão relacionados de tal forma que um não existe sem os outros, ou seja, a presença de um exige necessariamente a presença dos outros. Silva (2005) ainda contribui com os estudos que se seguiram dessa linha, dizendo que ela bebeu de três fontes:

[...] Talcott Pearson, com sua teoria da ação, segundo a qual a realidade jamais está pronta, mas é, constantemente, elaborada pelos membros do grupo social por meio das interações; o sociólogo alemão Alfred Schütz, com sua fenomenologia social, segundo a qual, para realizar pesquisas científicas sobre a realidade social, é necessário proceder à análise exata da realidade, tal qual ela se manifesta nas interações e nas experiências dos membros de uma sociedade; o interacionismo simbólico da ‘Escola de Chicago’, cujos principais expoentes foram Robert Park, Ernest Burgess e William Tomas. A ‘Escola de Chicago’ popularizou o uso dos métodos qualitativos na pesquisa de campo, métodos esses adequados para estudar a realidade social (SILVA, 2005, p. 40-41).

A Análise da Conversação surgiu desta linha de pesquisa com o intuito de analisar as categorias advindas da interação entre os falantes, por isso, ao referir-se neste trabalho à AC, o recorte teórico aqui abordado será a *Análise da Conversação de linha Etnometodológica*. “A conversação de linha etnometodológica preocupa-se em pôr em evidência as condições que presidem o exercício da palavra” (SILVA, 2005, p. 42).

Por isso, a AC ocupa-se em estudar duas condutas: o *comportamento* e a *ação*. Por comportamento, entende-se toda operação não verbal, como gestos, movimentos corporais etc.; por ação, entende-se toda atividade voltada para o intelecto.

A partir de conversas gravadas em aparelhos de armazenagem auditiva, surgem os dados empíricos que são transcritos, seguindo convenções da escrita com símbolos próprios e claros, considerando sempre a produção real dos interactantes (MARCUSCHI, 2003).

Na década de 80, Marcuschi (2003) introduz os estudos conversacionais no Brasil com a publicação do primeiro livro¹³ nessa área. Para ele, a conversação está presente no cotidiano das pessoas como a primeira forma de comunicação pela linguagem.

¹³ Ver livro **Análise da Conversação**, publicado pela Editora Ática (2003).

O referido teórico mostra que a AC é uma tentativa de responder a perguntas que esclareçam o modo com que as pessoas interagem e se entendem agindo de forma coordenada e cooperativa a fim de que, compreendendo-se mutuamente, cheguem a resolver certos conflitos próprios da interação face a face.

Por isso, a característica metodológica básica desta área de estudos procede da indução de dados experimentais, ou seja, surgidos a partir da experiência dos interactantes (*a posteriori*). De posse dos dados colhidos, procede-se a uma análise interpretativa da fala real dos participantes da conversa, pois o procedimento utilizado é de cunho qualitativo e não quantitativo.

Esse autor evidencia que a interação face a face não é condição necessária para que haja a conversação, mas a interação centrada. Como na conversação, os falantes partilham conhecimentos comuns, ou pelo menos deveriam partilhar, é possível classificar a conversação em dois tipos de diálogos: *assimétricos* e *simétricos*.

A conversação tem como uma das principais características a alternância de turno entre os interlocutores, ou seja, entre o falante e o ouvinte. Essa alternância de turnos, que será tratada mais adiante, permite perceber uma organização no texto conversacional, transformando-o em um processo que pode ser denominado simétrico ou assimétrico.

2.2.1 As diferentes correntes da Análise da Conversação

Entendendo que os estudos conversacionais se relacionam com várias áreas de conhecimento, seguindo o modelo de domínio *transdisciplinar*, Kerbrat-Orecchioni (2006) defende que o campo movente e não homogêneo por que atravessa a AC é fruto de uma constante construção coletiva que, ao longo dos anos, assumiu posições descritivas. A autora divide essas diferentes correntes em quatro tipos de abordagens.

A primeira abordagem considera o *enfoque psicológico* e psiquiátrico. Essa abordagem está relacionada ao interacionismo voltado à psicologia/psiquiatria. A referida corrente é representada pela Escola Palo Alto¹⁴ e está preocupada com o

¹⁴ Designação dada a um grupo de pesquisadores que, na década de 1950, aplicara a teoria cibernética da informação à interação animal e humana. Em 1959, Gregory Bateson e Paul Watzlawick, principais representantes desta escola, fundaram o *Mental Research Institute de Palo*

tratamento de pacientes que desenvolveram certos distúrbios de ordem comunicativa, como a esquizofrenia. Os defensores desse tipo de enfoque estavam preocupados com o tratamento dos indivíduos que desenvolveram esse tipo de patologia e viam na terapia um procedimento para tratar da “disfunção do sistema relacional global”.

A segunda abordagem considera os *enfoques etnossociológicos*. Essa abordagem foi considerada por Kerbrat-Orecchioni (2006) a mais importante e pode ser analisada a partir de três enfoques: a Etnografia da Comunicação, a Etnometodologia, a Abordagem Sociológica e o Pensamento Filosófico.

A *Etnografia da Comunicação*, corrente defendida por Hymes e Gumperz, contrapõe-se à concepção da linguagem difundida por Noam Chomsky. Para Hymes, o indivíduo sobrevive em sociedade não somente por ser detentor de uma competência linguística, mas também por possuir uma competência comunicativa. Desse modo, a competência comunicativa, conforme esse autor (HYMES, 1995), possui quatro componentes essenciais: a *competência gramatical* (fundada no código linguístico), a *competência sociolinguística* (fundada no contexto social), a competência discursiva (fundada no discurso) e a *competência estratégica* (fundada nas estratégias que complementam a compreensão do código linguístico).

A *Etnometodologia*, enquanto corrente da linguística, descreve métodos e técnicas “[...] que os membros de uma dada sociedade utilizam para gerir como convém o conjunto de problemas comunicativos que eles têm de resolver na vida cotidiana” (KARBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 20).

Com relação à Etnometodologia, a autora aponta que está fundada nos seguintes princípios: 1) todos os comportamentos observáveis nas trocas cotidianas são ‘rotinizados’, cujas normas implícitas são admitidas como evidentes; 2) as normas que sustentam os comportamentos sociais preexistem parcialmente e participam da contínua “construção interativa da ordem social”, podendo ser “reutilizadas e regeneradas” na ação diária dos sujeitos sociais; 3) o procedimento etnometodológico é teoricamente aplicável a todos os campos da atividade social, ou seja, a atividade de linguagem é componente da atividade de vivência em sociedade, o que deu autonomia para que a Análise da Conversação se configurasse a partir de estudos da conversação espontânea.

A *Abordagem Sociológica* foi uma corrente que deu origem à Sociolinguística, difundida por pesquisadores, tais como Labov, Frishman, Ervin-Tripp e Goffman.

A terceira abordagem considera os *estudos linguísticos*. Essa abordagem está representada pela Escola de Genebra¹⁵ e, segundo a autora, a Linguística começou a se preocupar com a conversação enquanto objeto de investigação com o advento do empirismo descritivo, pois até então, ela se preocupava com a língua enquanto sistema abstrato, o que cabia, no máximo, a investigações no campo do discurso escrito e monológico. A partir da década de 1960, com os estudos voltados à concepção interacionista da linguagem, a Linguística passa a analisar os discursos orais e dialogados em suas especificidades.

A quarta abordagem considera o *pensamento filosófico*. Essa abordagem procura uma definição de “canônica do diálogo” e das “condições de comunicabilidade” e vê em F. Jaques seu principal expoente. Essa abordagem filosófica retoma “[...] a concepção pragmática do discurso, segundo a qual ‘dizer é fazer’ (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 24) e assume a noção de “ato de fala” da filosofia analítica anglossaxônica de Austin e Searle.

Também essa abordagem utiliza as concepções de “jogo da linguagem” nas conversações, sugeridas pelo filósofo da linguagem Wittgenstein, e de “máximas conversacionais”, desenvolvidas por Grice que, ao formular as quatro máximas, subordinou cada uma a um Princípio Cooperativo (PC).

A essas abordagens defendidas por Kerbrat-Orecchioni (2006), somam-se outras postulações que fazem com que a Análise da Conversação se diferencie de outras áreas ou busque nelas uma relação que ajude nas diversas interpretações de dados orais.

2.2.2 Relação da Análise da Conversação com outras áreas de estudos

Os estudos conversacionais estabelecem fronteiras com outras áreas da Linguística. Desse modo, Levinson (2007) postula que a AC está estritamente ligada

¹⁵ Oriunda da Universidade de Genebra, na Alemanha, florescendo entre as décadas de 1940 e 1950, sob influência da teoria fonomenológica de Husserl, a denominada Escola de Genebra teve seu nascedouro em análises literárias. Os principais expoentes desta escola foram o belga Georges Poulet, os suíços Jean Starobinski e Jean Rousset, e o francês Jean-Pierre Richard. Ficaram ligados a esta escola o alemão Emil Steiger e o americano J. Hillis Miller. Os estudos de Bachelard e Barthes receberam influência dos trabalhos dessa escola. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6894/escola-de-genebra/>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

aos conceitos pragmáticos dos usos linguísticos, em virtude de as duas correntes estarem voltadas à atividade empírica.

Esse teórico ainda conclui que há várias abordagens ao se referir às questões levantadas pela AC. Nesse sentido, Levinson (2007) designou duas abordagens de investigação no campo conversacional: a Análise do Discurso (AD) e a própria Análise da Conversação.

Para ele, “ambas as abordagens procuram essencialmente oferecer uma explicação de como a coerência e a organização sequencial do discurso são produzidas e compreendidas” (2007, p. 363). Essas duas correntes apresentam, no dizer de Levinson (2007), um objeto comum: ambas estudam as estruturas do texto conversacional, embora sigam métodos e finalidades diferentes.

Tomando a Pragmática como ponto de partida para os estudos conversacionais, Tavares (2007) postula que a Pragmática estabelece limites com a Semântica, com a Sociolinguística Interacional (SI), com a Análise da Conversação, com a Linguística Textual (LT), dentre outras áreas de estudo.

Essa aproximação está em a Pragmática estudar a língua, vista como ato social, e seus usuários em variados contextos do cotidiano. Ela investiga questões sociais a partir da interação entre os falantes e “[...] do contexto situacional que determina os usos linguísticos nos momentos de comunicação” (OLIVEIRA, 2012, p. 25).

Outra área que a AC estabelece forte relação é a Linguística Textual. A LT é uma área de investigação do texto falado e escrito que surgiu, na década de 1960, juntamente com a Pragmática, a Análise da Conversação, a Sociolinguística, a Análise do Discurso e a Etnometodologia, as quais observam a linguagem em funcionamento.

Nesse sentido, a AC busca elementos de textualidade da LT para proceder em suas análises. Nessa perspectiva, Marcuschi (2012) coloca que há uma vasta literatura sobre esses elementos, porém ainda não se chegou definitivamente a um acordo entre os teóricos do texto.

No entanto, o que convém a este trabalho é (re)afirmar que a produção linguística (oral e escrita) se dá em textos. Desse modo, a investigação linguística se pontua no texto e não em palavras isoladas, pois o texto conjuga múltiplos sentidos e estabelece um propósito comunicativo ao se realizar como gêneros no processo de interação verbal.

Koch (2003), ao traçar que o conceito de texto está na dependência das concepções¹⁶ de língua e sujeito, estabelece o caráter interativo do texto, categoria que conduz as investigações aqui postuladas. Assim, fala e a escrita se realizam em textos, os quais são interpretados constantemente por qualquer área da Linguística e, nesta pesquisa, segue os fundamentos dos estudos conversacionais.

2.3 A questão da interação na conversação

Em seu livro intitulado *Análise da Conversação: princípios e métodos*, Kerbrat-Orecchioni (2006) reconhece a vocação comunicativa da linguagem verbal na conversação, ou seja, na troca de palavras que acontece naturalmente por meio da interação. E, para que haja a realização completa, o ato comunicativo expresso por meio do exercício da fala implica três características: a *alocução*, a *interlocução* e a *interação*.

A referida autora explica cada uma dessas características do seguinte modo: a *alocução* implica a existência de um ouvinte, no dizer da autora, de um destinatário, diferente do falante; a *interlocução* refere-se à alternância de papéis entre falante e ouvinte, permitindo haver o processo dialógico inerente à conversação face a face, o que faz com que a autora conclua ser “trocas de palavras” no turno conversacional; e a *interação*, que a autora coloca como sendo uma “rede de influências mútuas” que, na troca comunicativa, os participantes (interactantes) exercem uns sobre os outros.

Observa-se que esses três caracteres presentes no exercício da fala (*diálogo* ou *trílogo*¹⁷) se completam formando uma tríade de modo que a existência de um implica, necessariamente, a existência do outro para que se efetive a comunicação.

Para haver o que a autora (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 8) chama de “validação interlocutória”, não basta apenas a existência das trocas comunicativas entre os falantes. É necessário recorrer a procedimentos “[...] que deem sinais desse engajamento mútuo [...]”, tais como *emissor*, *receptor* e *sincronização interacional*¹⁸.

¹⁶ Língua como representação do pensamento, língua como código, língua como atividade interativa.

¹⁷ Concepção trazida por Kerbrat-Orecchioni, no livro *Le trilogie* (1995) e estudada por Fávero e Aquino (2003) no livro *Interação na fala e na escrita* (2003), organizado por Dino Preti (2003).

¹⁸ Para este trabalho dissertativo, serão usadas as designações falante, ouvinte e interação ao se referir a esses elementos trazidos por Kerbrat-Orecchioni (2006).

Por *emissor*, entende-se aquele que fala com alguém, presta atenção na monitoração do ouvinte e corrige certas falhas na comunicação que, porventura, venha a ocorrer; por *receptor*, entende-se aquele que exerce o papel de ouvinte, monitorando o turno do falante, no entanto, produzindo sinais que confirmem ou não o que o falante está dizendo, através de reguladores verbais (*sim, não, certo, ok*) e não verbais (*olhar, sorriso, postura*).

Por *sincronização interacional*, entendem-se os mecanismos utilizados pelos interactantes para que a comunicação prossiga de forma coordenada e harmônica de modo que funcione “[...] o enfoque interacionista das produções linguísticas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 11). Isso mostra que a conversação face a face é fruto de um trabalho de coprodução e, portanto, colaborativo, o qual inexistente sem a presença desses elementos.

Nessa linha de pensamento, Grice (1975) coloca que os participantes de uma conversa devem seguir o Princípio de Cooperação que visa ao acordo estabelecido entre os falantes, ao desenvolvimento de uma atividade coordenada e à decisão conjunta de como e quando terminar a atividade interativa.

No processo de interação exercido na conversação, os interlocutores exercem comportamentos e escolhas linguísticas, próprios da linguagem verbal, em que negociam as escolhas (o que falar, o que não falar) e o tópico (assunto tratado). Também a conversa é permeada de elementos não linguísticos (não verbais), tais como: a *paralinguagem*, a *cinésica* e a *proxêmica*¹⁹.

A partir do estudo dos componentes não verbais, percebe-se que uma situação de interação envolve outros elementos que não são explicitados por palavras. Eles passam a interferir no processo a que os interactantes se propuseram a assumir no encontro através do Princípio de Cooperação pelo qual o evento comunicativo é regido. Caso não haja o esforço dos participantes desse evento em negociar esse momento, haverá desarmonia, causando uma situação de desconforto e insegurança no encontro que não atingirá seus propósitos.

¹⁹ A respeito desses elementos, Rector & Trinta (1985) esclarecem da seguinte forma: a *paralinguagem*, enquanto atividade não verbal, é responsável por acompanhar a atividade verbal, ocorrendo como pausas, intensidade da voz, sorriso, sons que não fazem parte do código linguístico etc.; a *cinésica* diz respeito a todo movimento corporal contraídos pelos interlocutores voluntariamente no ato comunicativo, ocorrendo como gestos, movimento visual, postura etc.; a *proxêmica* caracteriza-se pelo uso do espaço onde os interlocutores conversam, de modo a contribuir aos estudos conversacionais que medem a intensidade/grau de intimidade existente entre eles.

Nessa mesma linha de pensamento, Preti (2003, p. 45) evidencia: “o conceito de *interação* pode ser entendido em sociedade sob o ponto de vista da reciprocidade do comportamento das pessoas, quando em presença uma das outras, numa escala que vai da cooperação ao conflito” (Grifo do autor).

Para esse autor (PRETI, 2003, p. 45), a interação atravessa dois processos que incluem a possibilidade de planejamento ou replanejamento dos falantes: de um lado, a *interação não focalizada*, que é vista pela simples copresença de dois indivíduos ou mais, os quais “[...] se cruzam na rua e que, mesmo sem se conhecerem, se observam, guardam distância e desviam-se para não se chocarem [...]”; de outro, existe a *interação focalizada*, que permite aos participantes de uma conversa face a face um único foco de atenção visual e cognitiva, “[...] em que os falantes por um momento se concentram um no outro e se ligam, não só pelos conhecimentos que partilham, mas também por outros fatores socioculturais, expressos na maneira como produzem o seu discurso e conduzem o diálogo”.

Desse modo, Preti (2003) defende que assim como acontece no texto escrito, o texto falado também se revela *planejável* e está continuamente se construindo através do que pode se chamar de *replanejamento*. A respeito do planejamento do texto falado, Koch admite:

1. [A conversação natural face a face] é relativamente planejável de antemão, o que decorre, justamente, de sua natureza altamente interacional; assim, ela é localmente planejada, isto é, planejada e replanejada a cada novo ‘lance’ do jogo.
2. O texto falado apresenta-se em ‘se fazendo’, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a ‘por a nu’ o próprio processo de sua construção.
3. O fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, devidas a uma série de fatores de ordem cognitivo/interativa e que têm, portanto, justificativas pragmáticas.
4. O texto falado apresenta, assim, uma sintaxe característica, sem deixar de ter como fundo a sintaxe feral da língua (KOCH, 1992, p. 69).

Como será visto na seção 4, em que será abordado o gênero entrevista oral, “[...] os falantes replanejam sua organização discursiva, em função das necessidades de compreensão, de envolvimento, de participação, de convencimento de seu interlocutor” (PRETI, 2003, p. 52).

Assim, as estratégias utilizadas na conversação situam-se no campo interativo e visam a estabelecer fatores pragmáticos que envolvem a interação dos participantes, tais como o grau de intimidade que os envolve, os conhecimentos de que partilham, o tópico tratado, o contexto situacional etc.

Santos (2013) parte da ideia de que a interação acontece da troca comunicativa exercida entre os interlocutores. Esse processo, pontua a autora, efetiva-se a partir da constituição de três categorias: a *expressão*, a *interpretação* e a *negociação*.

A *expressão* consiste no modo como os interlocutores organizam e demonstram suas ideias por meio da fala ou da escrita; a *interpretação* diz respeito à maneira com que as informações prestadas pelos interlocutores são compreendidas e interpretadas; e a *negociação* refere-se ao processo de correspondência de sentido e de aceitação ou não aceitação das informações emitidas pelos interlocutores.

Silva (2005) coloca que, no processo de interação, o contexto no qual os interlocutores estão situados serve para que aquele que ouve possa interpretar o que está sendo dito pelo locutor. Dessa forma, os falantes de um dado evento comunicativo compartilham mutuamente suas experiências e apresentam suas competências enquanto usuários da língua, utilizando-a em muitos contextos e com diferentes finalidades.

O conhecimento partilhado permite, na interação, não apenas a troca de informações, como também a construção em conjunto do texto falado. “A rigor, os falantes criam um texto em conjunto, colaborando ou contra-argumentando ou, às vezes, até completando-se, para levarem adiante o diálogo” (PRETI, 2003, p. 46).

Desse modo, qualquer evento comunicativo em que se observe o processo de interação, consideram-se os seguintes aspectos:

- quem é o outro a que o projeto de fala se dirige?
- quais são as intenções do falante com a sua fala, com a maneira de organizar as sequências dessa fala?
- que estratégias utilizar para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma mais adequada?
- como levar o outro a cooperar no processo? (BRAIT, 1999, p. 195).

Como visto, esses aspectos, junto aos elementos até aqui estudados, estabelecem a dinâmica da interação, que exige não apenas a troca de informações, como também a organização da fala, de modo a compreender o que é dito e se fazer compreender no que se diz.

Fávero, Andrade & Aquino (2012) corroboram com a ideia de que a construção de sentidos ocorre por meio da interação. O ato comunicativo se

estabelece mediante a cooperação dos interactantes que revezam os papéis de ouvinte/falante e compreendem-se mutuamente. “É na interação e por causa dela que se cria um processo de geração de sentidos, constituindo um fluxo (movimento de avanço e recuo) de produção textual organizado” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 18).

Como o texto conversacional acontece em uma dada situação, o evento comunicativo, seja face a face ou por outras vias (telefone, *internet*) acontece por meio de atividades interativas em que os participantes estão envolvidos. Nesse aspecto, Santos (2013, p. 30) afirma: “a interação se concretiza de maneira *verbal*, que se realiza principalmente por meios verbais (conversações)²⁰”.

No livro *A interação em sala de aula*, Santos (2004, p. 76) faz a seguinte reflexão: “as relações de poder se instauram nesse ambiente, por ser ele representativo de um lugar social onde um sabe mais que o outro, e como saber é poder, um pode dominar mais que o outro”.

Com base nesse entendimento, verifica-se que as relações estabelecidas nos momentos interativos das entrevistas, realizadas nesta pesquisa, também são caracterizadas como relações de poder: embora o entrevistado tenha conhecimentos sobre sua comunidade, quem conduz a interação é o entrevistador.

Além disso, Fávero, Andrade & Aquino (2012) entendem que a criação coletiva do texto conversacional, enquanto propriedade dialógica, faz com que a conversa se efetive não apenas pela *interação*, mas também pela *organização*.

²⁰ Grifo da autora.

3 CATEGORIAS ENCONTRADAS NO TEXTO CONVERSACIONAL

O texto conversacional apresenta categorias que o tornam passível de investigação. É possível analisar a interação na fala graças a teóricos da Análise da Conversação²¹, os quais se debruçaram em sistematizar e descrever os elementos que estão presentes na oralidade.

Desse modo, a seção trata das categorias presentes no texto conversacional que serviram para a análise do *corpus*, como a presença dos turnos (GALEMBECK, 1999; MARCUSCHI, 2003), dos marcadores conversacionais (CASTILHO, 1989; URBANO, 1999a; 1999b; FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012), do par adjacente (URBANO *et al.*, 2002; LEVINSON, 2007; FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2002) e das repetições (FIORIN, 2008; KOCH, 2005; MARCUSCHI, 2002; 2006; SANTOS, 2004).

3.1 A organização do texto conversacional

A conversação se organiza mediante a troca de posições feitas pelos participantes da conversa, a depender da necessidade exigida pelo próprio ato interativo. Ao tratar da organização do texto conversacional, Fávero, Andrade & Aquino (2012) apresentam quatro elementos básicos: o *turno*, o *tópico discursivo*, os *marcadores conversacionais* e o *par adjacente*.

Como categorias de análise para este trabalho, serão pontuados alguns aspectos sobre os turnos, os marcadores e o par dialógico, fazendo algumas considerações a respeito do trílogo também presente nas entrevistas.

3.1.1 O turno conversacional

O turno conversacional se caracteriza por os interlocutores revezarem os papéis de falante e ouvinte no evento comunicativo. “Estruturalmente, o turno define-se como a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 37).

²¹ Primeiros estudos da área vinculados à Sociologia e à Etnografia.

Nas interações verbais, as intervenções dos participantes da conversação ocorrem em caráter informativo, pois o que se propõe a conversar é externado por meio do uso da palavra e deve, necessariamente, ser entendido pelo interlocutor. Essas intervenções podem ocorrer também com breves sinais de monitoramento: acontece quando os interlocutores, exercendo o papel de ouvinte, interagem por meios de sinais que marcam sua posição ao confirmar ou não as informações do locutor (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012).

Galembeck (1999) afirma que o ponto de partida para o estudo das relações de trocas entre os interlocutores da conversação é o estudo de dois elementos da interação: a *simetria* e a *assimetria*. Evidentemente, essas duas situações estão atreladas ao conceito de tópico conversacional. Partindo desse princípio, Galembeck (1999, p. 57) explica que um turno é simétrico quando “[...] os interlocutores participam do desenvolvimento do tópico conversacional [...]”, pois se verifica o engajamento de ambos os interactantes para consecução de um objetivo comum.

Na conversação assimétrica, acontece o oposto: o tópico conversacional é conduzido por um dos interlocutores, enquanto o outro apenas “vigia” ou “segue”, monitorando o turno, fazendo intervenções secundárias em relação ao assunto tratado. Esse monitoramento pode se dar através de marcadores conversacionais (*certo, uhn hum, ok*). Em entrevistas, como será visto na seção 4, o entrevistador desenvolve o tópico de caráter referencial, cabendo ao entrevistado proceder às respostas da díade Pergunta-Resposta (P-R).

Como os turnos não possuem uma disposição fixa, Fávero, Andrade & Aquino (2012) caracterizam o encontro conversacional como *relativamente simétrico* e *relativamente assimétrico*. As autoras esclarecem que *relativamente simétrico* é o processo pelo qual ambos os interlocutores contribuem para o desenvolvimento do tema da conversação, processo pelo qual os interactantes possuem os mesmos direitos de tomar a palavra e direcionar o tópico. *Relativamente assimétrico* é o processo em que apenas um dos interlocutores contribui para o desenvolvimento do assunto da conversa, enquanto o outro monitora seu parceiro. Dessa forma, há um privilegiamento em relação à posse, à condução e à mudança do tópico, como ocorre nas entrevistas.

De acordo com Galembeck (1999), os turnos são de dois tipos: *nuclear* (quando o assunto desenvolvido tem valor referencial) e *inserido* (quando a intervenção acontece com o propósito de monitoramento). O *turno nuclear* acontece

em situação de simetria, no qual os interlocutores desenvolvem o tópico em consecução; o *turno inserido* acontece em situação de assimetria, com pequenas intervenções de quem monitora a conversa, conforme se observa no exemplo 1:

Exemplo 1 – Tipos de turno
E1 – é::: em relação ... à a segurança daqui da comunidade a senhora nota que ... a comunidade vive tranquilamente?
F4 – vevi graças a Deus meu fio veve sossegados sossegados/ às vez chega esses bebinho ((referindo-se a um senhor que chegou bêbado no ponto de encontro da entrevista)) aí mais ... num é fazendo bagunça mais a famia aqui as vez discute porque num tem famia qui num more junto pá num discutir um pouco né?
E1 – sim
F4 – mais pá andá pegado ni foice ni faca ni tiro essas coisa ... não não

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Nesse exemplo, o entrevistador²² (E1) utiliza-se de uma pergunta sobre a segurança na comunidade para iniciar seu turno de valor referencial (turno nuclear): “é::: em relação ... à a segurança daqui da comunidade a senhora nota que ... a comunidade vive tranquilamente?”. No entanto, quando E1 utiliza o advérbio “sim”, posteriormente, indica sua concordância (turno inserido) com a resposta dada pela entrevistada (F4), mostrando que o diálogo se mostra relativamente assimétrico.

Como “[...] o turno inserido não participa decisivamente do desenvolvimento do tema da conversação, já que seu papel primordial é indicar que um dos interlocutores aceita e assume a posição de ouvinte” (GALEMBECK, 1999, p. 67), apresenta as seguintes funções: *turnos inseridos de função interacional* e *turnos inseridos que contribuem para o desenvolvimento do tópico*.

A primeira função pode indicar reforço para que o locutor²³ continue na posse do turno, concordância para que o locutor continue desenvolvendo o tópico (como no exemplo 1) ou aviso de que o interlocutor deseja tomar posse do turno; a segunda acontece quando o interlocutor insere um turno relacionado com o tema em consecução, contribuindo para seu desenvolvimento, embora de forma secundária.

A gestão do turno apresenta alguns procedimentos para que aconteça o primeiro princípio postulado Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) teóricos: “a troca de falantes se repete, ou pelo menos ocorre”. Esse princípio é intrínseco às situações de conversação simétrica. Para haver troca de falantes, é necessário que o falante

²² A transcrição das entrevistas identifica os falantes por meio de siglas. Os entrevistadores são identificados por E, e os entrevistados, por F. Ambas as siglas são seguidas de numeração que assinala qual locutor participa da entrevista.

²³ Aquele que detém a posse do turno.

finalize seu turno nuclear e que o ouvinte assuma a posição de falante. E, como o turno se efetiva pelas intervenções dos participantes, caracteriza-se pela consecução do objetivo comum e pode ser de qualquer extensão.

Desse modo, verifica-se o que postula o segundo princípio da conversação: “na maioria dos casos, fala um por vez”. A essa distribuição de turnos, Marcuschi (2003, p. 19) chama de “[...] fator disciplinador da atividade conversacional”. Esse estudioso da linguagem, tomando por base os conceitos construídos por Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) explica que o turno pode ser concluído a qualquer momento em que houver um *lugar relevante para a transição* (LRT). Seguindo essa linha de pensamento, verificam-se dois processos na troca de falantes, em situação de *assimetria*: a *passagem do turno* e o *assalto ao turno*.

A *passagem de turno* está centrada nos LRT, cujo ouvinte percebe o momento no qual o falante está concluindo o seu turno. A passagem de turno se estabelece de dois modos: *passagem requerida* (quando o falante requer que o ouvinte tome o turno, seja por meio de uma pergunta direta ou pela presença de marcadores que visem à confirmação do ouvinte) e *passagem consentida* (quando o ouvinte intervém e detém o turno sem que a passagem seja solicitada pelo falante. Nesse caso, diz-se que a passagem do turno foi requerida implicitamente).

No exemplo 2, os falantes (E1 e F14) estão conversando sobre a existência de associação na comunidade. No primeiro e terceiro turnos do exemplo, o entrevistador (E1) solicita que o entrevistado (F14) tome posse do turno por meio de perguntas (passagem requerida). Já no décimo turno do exemplo, nota-se que F14 dá continuidade ao tópico (sendo a passagem do turno consentida pelo entrevistador) trazendo informações novas no intuito de esclarecer as atividades desenvolvidas pela associação de que os quilombolas participam.

Exemplo 2 – Passagem de turno

E1 – o senhor disse que aqui na comunidade existe uma Associação num é?

F14 – existe...

E1 – vocês fazem uma associação ... é:: só é uma associação mesmo ou existe um outro tipo de associação aqui na comunidade?

F14 – não pra gente aqui só existe uma ... mais só num é aqui na sociedade/ é:: aqui na comunidade

...

E1 – sim

F14 – a associação que existe aqui é a MOVAM

E1 – Sim

F14 – num sei se vocês já tão sabendo disso ... que a gente somos associados da MOVAM

E1 – não

F14 – é mais a MOVAM é pra negócio de/ negócio de safra de plantio de laranja essas coisa ... a

gente planta laranja que antigamente passava pra os atravessadores e então tinha época qui ninguém não queria nem de graça no causo ... qui o qui pagava não compensava nem a tirá ... só qui hoje depois da comunidade da associação ... e então a gente pra associação fica melhor pra gente produtor

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

O *assalto ao turno* acontece quando o ouvinte invade o turno do outro fora de LRT. O assalto viola o princípio “fala um por vez”. Esse tipo de tomada de turno se configura de dois modos: *assalto com deixa* (acontece quando o ouvinte se aproveita de alguma deixa do falante, como repetições, pausas e outras hesitações, para tomar posse do turno) e *assalto sem deixa* (acontece quando o ouvinte assalta bruscamente o turno de seu interlocutor e dele toma posse).

O exemplo 3 mostra que, ao tratarem sobre a habitação na comunidade quilombola, o entrevistado (F14) assalta o turno do entrevistador (E1), ocorrendo o *assalto com deixa*, pois F14 se aproveitou da pausa (...) no turno de E1.

Exemplo 3 – Assalto turno

E1 – Como são construídas as casas aqui ... construídas de quê?

[

F14 – hoje ... hoje esse negócio o pessoal tão ta tu tudo evoluído ... antigamente não era de alvenaria essas coisa assim ... antigamente era tudo de barro inclusive a casa que eu morei/ meu pai trabalhou e gantou um mundo de dinheiro pra construir uma casa e fazer uma casa de barro ... como se chama de barro né

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Ainda sobre o sistema de tomada de turno, Marcuschi (2003) esclarece que as *falas simultâneas* (quando os falantes iniciam simultaneamente seus turnos) e as *sobreposições de vozes* (quando o ouvinte fala durante o turno do outro) acontecem em decorrência de o interlocutor iniciar seu turno quando o locutor ainda está de posse do turno dele.

Nesse caso, há três possibilidades de autoescolha: alguém toma a palavra; ninguém toma a palavra; ocorre a múltipla autoescolha. Quando ocorre essa última possibilidade, em que duas ou mais pessoas falam ao mesmo tempo, entram em ação alguns mecanismos que o autor chama de *reparadores*, tais como: marcadores metalinguísticos (*deixe eu falar, espere aí*), parada prematura de um falante (acontece pela desistência da posse do turno de um dos falantes) e marcadores paralinguísticos (olhar incisivo, movimentação das mãos).

No exemplo 4, verifica-se que entrevistador (E1) e entrevistado (F14) discutem sobre o tema artesanato e trabalho na comunidade. O exemplo denota

uma atividade colaborativa entre os participantes da entrevista por meio de falas simultâneas e de sobreposições de vozes.

Exemplo 4 – Falas simultâneas e sobreposições de vozes	
E1 – entendi... mas o senhor sabe dizer se as primeiras pessoas que habitavam aqui ... elas produziam alguma coisa ...	
F14 – de artesanato?	
[
E1 – de artesanato? ...	
F14 – ((mais uma vez ascena com a cabeça para indicar não))	
E1 – também não... o tarbalho aqui sempre foi ...	
	[
F14 –	sempre foi
E1 –	de agricultura
	[
F14 -	de agricultura né
E1 – de agricultura	

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Como os turnos do exemplo são curtos, observa-se que os mecanismos reparadores da simultaneidade e das sobreposições ocorrem por meio da parada prematura de um dos falantes. No entanto, a múltipla autoescolha acontece com a finalidade de os interactantes colaborarem mutuamente com o desenvolvimento do tópico conversacional.

3.1.2 Os marcadores conversacionais

Urbano (1999a) afirma que os marcadores conversacionais aparecem na língua falada e não representam objeto de investigação da norma gramatical da modalidade escrita formal da língua. Por isso, os marcadores, por serem elementos típicos da fala, aparecem com grande recorrência discursivo-interacional, ajudando a estabelecer a *coesão* (articulação e encadeamento) e a *coerência* (compreensão e interpretação) na conversação.

Nesse aspecto, os marcadores aparecem como articuladores do texto falado e de seus interlocutores, os quais revelam e marcam, de alguma forma, “[...] as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático” (URBANO, 1999a, p. 85-86).

Para Castilho (1989), os marcadores conversacionais²⁴ exercem caráter multifuncional: operam na organização da interação (marcadores interacionais ou interpessoais) e servem de articuladores textuais (marcadores ideacionais ou coesivos). Os marcadores interacionais dizem respeito às posições, visando ao estabelecimento da tomada, manutenção e encerramento do turno, os quais marcam opiniões (eu acho) e envolvimento (olha, veja, você acha) dos interlocutores. Os marcadores ideacionais favorecem a continuidade do tópico conversacional ou introduzem um novo tópico por meio do emprego de certas conjunções e advérbios (e, então, agora, mas).

Já Fávero, Andrade & Aquino (2012) contribuem com a ideia de que os marcadores conversacionais, ao desempenharem sua função interacional na conversação, servem para designar: *elementos verbais*, *elementos prosódicos* e *elementos linguísticos*.

Elementos verbais referem-se aos sons produzidos pelos interlocutores da conversação (*claro, certo, uhum, viu?, sabe?, ok, né?, daí, então* etc.). Esse tipo de marcadores Marcuschi (1987 *apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 48-49) subdivide em quatro grupos:

- 1) *marcador simples*: realiza-se com uma só palavra: interjeição, advérbio, verbo, adjetivo, conjunção, pronome etc. Ex.: *agora, então, aí, entende, claro*.
- 2) *marcador composto*: apresenta um caráter sintagmático com tendência à cristalização. Ex.: *então, daí, aí, depois, quer dizer, digamos assim*.
- 3) *marcador oracional*: corresponde a pequenas orações que se apresentam nos diversos tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo). Ex.: *eu acho que, quer dizer, então eu acho*.
- 4) *marcador prosódico*: associa-se a algum marcador verbal, mas se realiza por meio de recursos prosódicos. Fazem parte deste grupo a entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz, entre outros (Grifos das autoras).

Já os *elementos prosódicos* abarcam os contornos entoacionais (ascendente, descendente e constante), o tom da voz, o ritmo, a velocidade, os alongamentos de vogais, as pausas (silenciosas ou preenchidas) etc.

E, por último, os *elementos não linguísticos*²⁵ (identificados através de comentários do documentador) que são de fundamental importância na interação

²⁴ O referido autor utiliza a designação marcadores discursivos.

²⁵ Os dados para análise foram gravados em áudio e transcritos seguindo as normas sugeridas por Marcuschi (2003) e Preti (2006). Os elementos não verbais foram identificados por meio de comentários do transcritor em duplo parêntese. Embora esses elementos estejam presentes nas

face a face e operam através do olhar, do riso, da gesticulação dos interactantes que, ao cooperarem, estabelecem um objetivo comum.

O exemplo 5 ilustra alguns tipos de marcador que estão presentes na conversação face a face:

Exemplo 5 – Tipos de marcadores conversacionais
F4 – é hoje eles estão lôcos pa entrá aqui que é da do coisa dos quilombola ...
E1 – a comunidade cresceu ...
[[
F4 – e tu é é aí eles quere ... entrar aqui mais agora num tem mais jeito né?
E1 – num tem mais jeito
[...]
F4 – ela é que é minha ... como é minha procuradora ela quem toma de conta de mim ...
E1 – ela toma de conta da senhora?
F4 – é:
E1 – ótimo é em relação/ mas tem algum projeto para para/ que a senhora falou todo tempo que fizerem ... a casa de alvenaria sua mãe virá pra cá
F4 – MINHA IRMÃ
[...]
F4 – nasceu aqui município de Mundaú ... foi ((movimentando a cabeça)) ... não na cidade você nasceu aqui ((risos ao se referir que ele nasceu no sítio))

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

O exemplo 2 apresenta três situações da entrevista em que aparecem os marcadores conversacionais. Na primeira situação, tratando sobre o tema “casamentos na comunidade”, F4 usa os marcadores verbais “hoje”, “aqui”, “aí” e “agora”. Observa-se a repetição do marcador “aqui”, usado para dar ênfase ao que a entrevistada propõe informar: as pessoas da vizinhança passaram a tratá-los melhor a partir da certificação da comunidade quilombola, no entanto, eles não podem mais casar com os quilombolas. Castilho (1989) classifica esses marcadores como ideacionais.

Na segunda situação, F4 utiliza os seguintes marcadores prosódicos: “é:” (alongamento da vogal, possivelmente, para ter tempo de planejar sua fala) e “MINHA IRMÃ” (tom da voz enfático, a fim de fazer uma correção na fala do entrevistador).

No último turno do exemplo, os elementos não linguísticos foram observados através de comentários do documentador: “movimentando a cabeça” (para indicar certeza) e “risos” (para tornar engraçado a fato de ela não ter nascida no hospital).

Esses marcadores podem ser produzidos por todos os participantes da conversação, estando eles tanto na posição de falantes quanto na de ouvintes. Os marcadores auxiliam na interação para que a atividade em pauta se estabeleça e prossiga.

Em estudo realizado com o *corpus* do *Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta* (NURC), Urbano (1999b) faz um levantamento sobre a função dos marcadores discursivos²⁶ orientadores de interação. Para o autor em questão, os marcadores podem ser identificados através de variáveis que mostram os traços de ocorrências que representam regularidades ou constantes nos textos falados.

A pesquisa realizada por Urbano (1999b) resultou em sete critérios para ocorrências de marcadores. O primeiro diz respeito às *funções textual-interativas*. Essa variável desempenha o grau de envolvimento dos participantes da conversa e as características da abrangência do processo de relação interpessoal e de manifestação pessoal em relação ao conteúdo tratado.

O segundo critério seria a *posição na frase oral*. Essa variável se refere às unidades entoacionais localizadas no início (*inicial*), no interior (*medial*), no término (*final*) das frases produzidas pelos falantes no contexto interativo ou mesmo aparecerem solitariamente como constituintes de interação verbal, como acontece com os *feedbacks*.

O terceiro evidencia a *posição no turno* (CASTILHO, 1989; URBANO, 1999b). Essa variável se refere à posição das formas localizadas no turno conversacional. Assim como ocorre na posição da frase oral, elas podem aparecer no início dos turnos (*inicial*), no interior dos turnos (*medial*), no final dos turnos (*final*) e solitariamente (com propósito unicamente interacional, como ocorre com os *feedbacks*).

Outro critério refere-se às *sobreposições de vozes*. Essa variável diz respeito a ocorrências ou não de sobreposições de vozes entre as formas em que se apresentam e os segmentos textuais existentes na conversação.

O quinto critério remete à *coocorrência de pausa*. Essa variável permite observar a ocorrência de pausas antes e depois do turno conversacional. A proposta

²⁶ Designação adotada por Urbano (1999b). Em trabalho realizado com Risso, Silva & Urbano (2002), os autores explicam que adotaram a designação *marcadores discursivos* por ser mais bem adequado e abrangente para a análise ora realizada. Para esse trabalho dissertativo, usou-se a designação *marcadores conversacionais* pelo comprometimento da pesquisa com base em entrevistas orais transcritas, fruto do que se denomina conversação face a face.

defendida por Urbano (1999b) permite observar também, dentre outros fatores, a duração das pausas, bem como sua ocorrência no interior do turno.

O penúltimo critério verifica a *coocorrência de outro marcador*. Essa variável, como acontece com os *feedbacks*, visa à produção de outro marcador, permitindo verificar “[...] o tipo, funções e eventual correlação entre marcadores” (URBANO, 1999b, p. 203).

O sétimo critério diz respeito à *natureza dos enunciados anterior ou posterior*. Essa variável se refere às funções exercidas pelos marcadores, as quais estão correlacionadas com a natureza dos enunciados a que eles se referem. Essa natureza pode sugerir a seguinte tipificação: ausência de enunciado escopado²⁷, declarativo (objetivo ou subjetivo), interrogativo, imperativo, optativo e emotivo.

O autor em evidência conclui que há limites impostos à pesquisa (Projeto NURC), o que permite algumas lacunas em relação ao objeto analisado. No entanto, as variáveis aqui apresentadas servem para mostrar a presença e funções mais frequentes exercidas pelos marcadores conversacionais.

Os marcadores conversacionais exercem forte papel no estudo do texto falado. Como ocorre nas entrevistas orais, temática tratada na seção 4, em que se configura a conversação *assimétrica*, os marcadores conversacionais podem indicar que o ouvinte está seguindo ou monitorando o turno do falante já que, nesse tipo de condução de turno, apenas um dos participantes domina o tópico em questão.

3.1.3 O par adjacente

O par adjacente é um elemento básico da interação face a face e se estabelece por meio do par pergunta-resposta (P-R). No texto conversacional, objeto deste estudo, concebe-se o entendimento de que não existe unicamente uma possibilidade de R a uma dada P, mas várias possibilidades de turnos que seguem o par adjacente.

Os estudos de Fávero, Andrade & Aquino (1999; 2002; 2012) permitem perceber uma estreita relação entre o tópico conversacional e o par adjacente, pois à medida que a conversação se organiza por meio do assunto em evidência, estabelece-se por meio do par P-R. Essa relação existente entre *tópico*

²⁷ Urbano (1999b) utiliza a terminologia “escopar” no sentido de “referir-se a”, “ter como alvo”, ou, ainda, “pontuar”, “predicar”.

conversacional e par adjacente permite que o texto falado se torne coerente de acordo com o contexto no qual está inserida a conversação.

De acordo com Marcuschi (2003, p. 35), “*par adjacente* (ou *par conversacional*) é uma sequência de dois turnos que concorrem e servem para a organização local da conversação” (Grifo do autor). Ao estudar perguntas e respostas, estuda-se o aspecto funcional desse fenômeno, que se constitui uma unidade mínima do diálogo, conforme apontam Schegloff & Sacks (1973 *apud* URBANO *et al.*, 2002).

Urbano *et al.* (2002, p. 76) afirmam, em suas análises, que, para uma pergunta ser respondida, é necessário o envolvimento circular de dois atos: “um ato de fala, a Pergunta, escolhe uma Resposta e um outro ato de fala, a Resposta, é a ação escolhida pela pergunta”.

Desse modo, essa díade implica a existência de dois tipos de perguntas: *perguntas abertas* e *perguntas fechadas*. As *perguntas fechadas* são perguntas que exigem sim ou não como resposta esperada, mesmo que apareçam outros elementos diferentes do sim e do não, mas que possuam os mesmos significados.

As *perguntas abertas* são perguntas sobre algo, as quais pretendem buscar informações novas. Esse tipo de pergunta exige, geralmente, a presença de marcadores interrogativos, tais como: “*onde, quando, quem, de quem, como, que* etc., seguidos de Respostas cujos termos estejam diretamente correlacionados com a circunstância indicada pelo marcador interrogativo” (URBANO *et al.*, 2002, p. 78)²⁸.

Com relação a esses dois tipos de pergunta, depreende-se que, na pergunta fechada, a resposta aparece apenas como uma confirmação do que foi perguntado, enquanto que, na pergunta aberta, a resposta aparece como elemento catafórico, preenchendo as lacunas deixadas pelas perguntas até sua exaustão.

Frente a essas questões, o exemplo 6 elucida a tipologia das perguntas usadas na entrevista realizada nesta pesquisa.

Exemplo 6 – Relação P-R	Tipologia
E5: o pessoal que trabalha nessa escola é daqui mesmo ou vem de outra cidade?	→ Pergunta aberta
F11: é:: da mesma comunidade	
E5: da comunidade?	→ Pergunta fechada
F11: é	
E2: tem muita gente trabalha aí ... é uma professora só?	→ Pergunta aberta

²⁸ Grifos dos autores.

F11: é duas professora ... é uma de manhã outra a tarde	
---	--

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Marcuschi (2003) descreve a relação P-R e, a respeito da pergunta fechada do exemplo 3, percebe-se que F11 repete o verbo utilizado na pergunta como resposta afirmativa a E5.

Em relação às perguntas abertas, nota-se que as entrevistadoras criam expectativas com as respostas dadas por F11. Nesse caso, as expectativas criadas por E2 e E5 podem ser confirmadas ou não. Esse é o comportamento criado pela interação na construção do objetivo comum.

Também é importante pontuar que não existe uma resposta única para uma pergunta, dada a existência de várias possibilidades de negociação entre os interlocutores, bem como seu envolvimento na conversa, sua partilha de conhecimentos e os fatores de contextualização necessários à conversação. Com base no exposto, é possível dizer que, nas entrevistas, as perguntas dirigidas ao interlocutor são abertas, pois promovem ao entrevistado falar livremente a respeito do que foi perguntado.

Fica difícil se efetivar uma conversação sem a presença do par dialógico, pois é através dele que o texto conversacional é organizado, estabelecendo a composição dos turnos em meio ao acordo firmado entre os interactantes que coordenam a conversa e cooperam entre si para que haja progressão do ato comunicativo: “a uma P segue-se uma R e esta, por sua vez, é decorrente de uma P” (FÁVERO, ANDRADE; AQUINO, 2002, p. 466).

Levinson (2007) considera que esses pares emparelhados se inter-relacionam com o processo de alternância de turnos, quando ocorre de o falante corrente selecionar o falante seguinte. Ao se referir à evidência desses pares, esse autor advoga: “[...] a existência dessas enunciações emparelhadas é evidente, mas uma especificação precisa das expectativas subjacentes nas quais se baseiam as regularidades não é tão fácil” (LEVINSON, 2007, p. 385).

Fica evidente que a responsividade é uma propriedade que exige bastante debruçamento sobre ela por ser uma atividade complexa. Então, ao escolher dar uma determinada resposta, vários fatores entram em ação, tais como a negociação entre os participantes da conversa, “[...] tendo em vista as possibilidades de

continuidade tópica, conhecimento partilhado, fatores de contextualização etc.” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2002, p. 468).

Os pares adjacentes se configuram uma unidade na organização da conversação. E, como formam uma unidade organizada, obedecem à seguinte regra: “tendo produzido uma primeira parte de certo par, o falante atual deve parar de falar, e o falante seguinte deve produzir, nesse ponto, uma segunda parte do mesmo par” (LEVINSON, 2007, p. 385). Nesse entendimento, Stenström (1984), ao restringir a díade a uma regra fixa de sequenciação, estabelece a seguinte conceituação:

No par dialógico, uma P é definida como um enunciado que pode exigir uma R. R é qualquer enunciado que esteja relacionado coerentemente com a P formulada previamente. R pode constituir-se, dessa maneira, de outra P, de Rs parciais, de declarações de ignorância do assunto, de negação da relevância de P, de detalhamento da pressuposição de R etc. (*apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2002, p. 469).

O que determina a identificação de uma pergunta é o contexto situacional em que a interação se estabelece, além de alguns mecanismos, a exemplo da entonação da voz que remete para a função do enunciado como pergunta.

Ainda, Fávero (2006) apresenta quatro elementos, que caracterizam a natureza das perguntas, por meio da seguinte tipologia: *pedido de informação, pedido de confirmação, pedido de esclarecimento e pergunta retórica*.

Nas entrevistas, no intuito de se desenvolver o tópico conversacional, as perguntas (*pedido de informação*) são direcionadas ao interlocutor com a finalidade de que este tenha uma atitude responsiva com relação ao que foi solicitado. As respostas podem conter apenas informações que se restringem às perguntas ou ir além: às informações principais acrescentam-se outras informações.

Como se verifica, no exemplo 7, a entrevistadora (E2) solicita uma informação de F14. O entrevistado não somente presta-lhe as informações pedidas – “ficava tudo na família” – como também acresce a informação de que ele chegou a namorar uma prima – “inclusive até eu gostei de uma prima mesmo”. Isso mostra que E2 ganhou a confiança de F14, que fala abertamente de sua intimidade.

Exemplo 7 – Pedido de informação

E2 – O senhor sabe dizer por que que casava muito primo com prima?

F14- não ... não sei se era porque tinha medo dos outro pessoal e ficava tudo na família ... eu tinha uma pa ... uma pa ... uma prima que ela sempre fala isso ... inclusive até eu gostei de uma prima

mesmo ... né ... vinha de Maceió praqui ... aí sempre tinha uns encontro ... aí a: mãe dela disse olhe acabe esse namoro que isso num dá certo não porque ela tá namorando com você porque tem medo de falar com outro homem ... e vendo que é parente com parente não vai ter produção nenhuma ... só o que eu sei falar é isso aí

Fonte: *Corpus da pesquisa (2017)*.

Já os *pedidos de confirmação* ocorrem quando o interlocutor tem o desejo de sustentar a informação dada por ele a partir de um pedido de informação ou mesmo quando um dos interlocutores procura certificar-se daquilo que o outro disse, certamente, por discordar do que foi dito.

No exemplo 8, verifica-se que, a todo momento, E1 pede que F4 confirme o que falou a fim de que a informação prestada seja sustentada. Por isso, E1 faz os seguintes pedidos de confirmação: “[...] a sua casa mesmo é uma casa de alvenaria num é?”, “era da sua mãe?”, “vem embora volta pra cá?”, “ela toma de conta da senhora?” Esses pedidos fazem com que o entrevistador se certifique de que o que foi dito pela entrevistada pode ser atestado com valor de verdade para que não haja nenhum desacordo na interação.

Exemplo 8 – Pedido de confirmação

E1 – entendi ... olha em relação às casas de vocês a gente nota que ... tem algumas casas/ a sua casa mesmo é uma casa de alvenaria num é?
 F4 – é:
 E1 – mas nós temos essa casa aqui que ... está servindo de ponto de apoio pra gente ... que: é de taipa
 F4 – é de taipa
 E1 – é mas assim ...
 []
 F4 – Era da minha mãe essa casa daqui ... aí minha fia
 []
 E1 – era da sua mãe?
 F4 – a minha irmã tava solteira com ela e ficou morando na casa ... eu só sei que ela ganhou essa terra mais ela disse que todo tempo que sair essa casa ela disse que vem embora
 []
 E1 – ela ...
 []
 F4 – vem embora
 []
 E1 – vem embora volta pra cá?
 F4 – é e eu eu dou graças a Deus porque o que eu ... peci/ nós precisamos nós duas nós estamos junto ...
 E1 – ótimo
 F4 – ela é que é minha ... como é minha procuradora ela quem toma de conta de mim ...
 E1 – ela toma de conta da senhora?
 F4 – é:

Fonte: *Corpus da pesquisa (2017)*.

O *pedido de esclarecimento* ocorre quando o interlocutor não consegue ouvir o que foi dito pelo locutor e solicita que ele repita o enunciado total ou parcialmente. Logo, o locutor esclarece o que disse.

No exemplo 9, a locutora E5 faz uma pergunta sobre os tipos de brincadeiras que havia para as crianças da comunidade se divertirem. Como resposta, F11 cita uma brincadeira que ele costumava fazer com os primos e amigos em sua infância. Por o entrevistado citar que brincava de “reio” (uma espécie de instrumento que é usado no cavalo para montá-lo, isto é, um arreio), a entrevistadora lança outra pergunta para que o entrevistado esclareça a que brincadeira ele se referia: “o que é reino?”, “não como é ...”, “como é que o senhor brincava com esse reio?” Assim sendo, F11 esclarece o que foi solicitado pelo locutor.

Exemplo 9 – Pedido de esclarecimento

E5: tem alguma brincadeira que o senhor brincava quando era criança e as crianças ainda brinca hoje?
 F11: homi se eu for fazer o que eu fazia do do sabe do tempo que eu era pequeno eu fui dizer o o ... essa semana as menina vingaram disse oxe... era peão... era peteca e reio... aí eles disse num sabe o que é isso não
 E2: o que é reino?
 F11: reio de de de de coisa ne cavalo... sabe não
 E2: não como é...
 [[
 Fx: e o carro
 F11: oxe corta assim grande e bota um cabo ... ô P. tu ainda sabe fazer aquele negócio de de reio de banana
 Fp: seio
 F11: apois eu também seio
 E5: como é que o senhor o senhor brincava com esse reio?
 F11? Hem?
 E5: como é que o senhor brincava com esse reio?
 F11: para judiar com os outro... aí eu butava uma ponteira... dava riada nos cabra
 E2: ah era para bater era?
 F11: era os caba queria dá ni nós nós também aproveitava né

Fonte: *Corpus da pesquisa* (2017).

A *pergunta retórica* acontece quando, na entrevista, o locutor lança uma pergunta com a finalidade de manter a interação, mesmo que não haja resposta da parte do interlocutor.

E1, no exemplo 10, faz uma pergunta a F14 já conhecendo a devida resposta, tanto é que, embora aconteçam sobreposições de vozes, o entrevistador torna-se o primeiro a concluir a elaboração da pergunta. Ao perguntar “o trabalho aqui sempre foi ... de agricultura?”, E1 sabia que a resposta seria a confirmação do que foi perguntado, pois a comunidade é rural e lá os moradores, em grande parte,

trabalham e sobrevivem da agricultura familiar. Eles trabalham como autônomos em terras quilombolas reconhecidas pelo governo federal.

Exemplo10 – Pergunta retórica	
E1 – Também não ... o trabalho aqui sempre foi ...	
F14 –	[
E1 –	sempre foi
	de agricultura?
F14 -	[
E1 – de agricultura	de agricultura né
F14 - serviço pesado braçal ...	
E1 – E tem sido a renda de vocês?	
F14 – a renda de cada um	

Fonte: *Corpus da pesquisa* (2017).

Na conversação, as trocas entre falantes não acontecem apenas com a presença da díade até agora estudada. A tríade pode ocorrer também no evento comunicativo que exige o conjunto de três locutores. Geralmente, essa estrutura ocorre em gêneros que requerem marcas de competitividade entre os participantes, a exemplo do debate.

Fávero & Aquino (2003) admitem a existência de papéis distintos no processo interativo em que ocorre a relação triádica, assemelhando-se ao que ocorre na díade: o interlocutor só pode intervir após o locutor terminar seu turno e consentir a passagem dele, podendo haver também a possibilidade de sobreposições de vozes e assalto ao turno.

No trílogo, o esquema A-B-A-B não se aplica, podendo acontecer de o terceiro locutor poder “[...] tomar a palavra sem que esta lhe seja dirigida” (FÁVERO; AQUINO, 2003, p. 160). Desse modo, as formulações de enunciados da conversação ocorrem assim: um participante detém a palavra, enquanto um dos interlocutores permanece na posição apenas de ouvinte ou ambos os interlocutores se reservam ao direito de tomar a palavra.

Para essas autoras, o trílogo segue o seguinte esquema: 1) Locutor 1 → Locutor 2 (Locutor 3: destinatário indireto); 2) Locutor 1 → Locutor 3 (Locutor 2: destinatário indireto); 3) Locutor 1 → Locutor 2 + Locutor 3 (destinatário coletivo, direto ou indireto). Em outras palavras, o esquema se comporta da seguinte forma: A → B (C); A → C (B); A → B + C, em que A está para Locutor 1; B, para Locutor 2; e C, para Locutor 3. Na formulação do texto falado, o trílogo funciona deste jeito: B e C

falam simultaneamente ou um após o outro; C, em sua fala, concorda com B, mas também complementa as informações dadas por B.

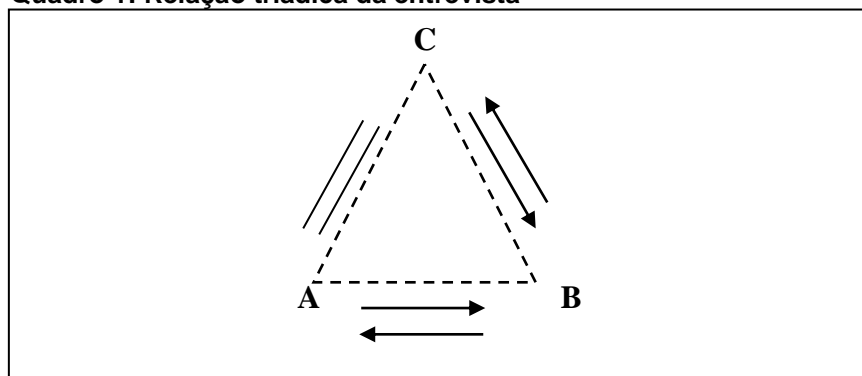
Como se observa, as relações triádicas são bem mais conflituosas que as diádicas, mesmo assim essas relações se tornam menos constrangedoras porque um dos participantes pode se manter em silêncio sem ameaçar o turno do outro.

Quando ocorre de todos os participantes do trílogo tomarem a palavra, acontece a formação de duos (FÁVERO; AQUINO, 2003). O duo pode ser *consensual* (quando o terceiro permanece excluído da conversa), *conflitual* (quando o terceiro ou fica sem atividade ou tira proveito da situação) ou *instável* (quando as coalisões são negociadas entre os participantes do trílogo).

Já o terceiro pode assumir três papéis: *mediador* (tem a função de mediar a situação conflituosa, como acontece nos debates), *aproveitador* (tira proveito da situação estabelecida entre os outros dois interlocutores) ou *provocador* (provoca o conflito entre os outros dois participantes do trílogo a fim de que seus interesses sejam mantidos).

Tomando como base o esquema do debate, no tipo de entrevista que segue o modelo triádico, o terceiro pode assumir os três papéis elencados acima. A partir dos dados discutidos por Fávero & Aquino (2003), a relação triangular estabelecida na entrevista pode seguir este esquema:

Quadro 1: Relação triádica da entrevista



Fonte: Elaborado a partir do esquema dado por Fávero & Aquino (2003).

Nas entrevistas que serão analisadas na seção 5, esse esquema se comporta da seguinte maneira: A pergunta a B ($A \rightarrow B$); B responde A ($B \rightarrow A$); C pergunta a B ($C \rightarrow B$); B responde C ($B \rightarrow C$); mas C auxilia A ($C = A$) a todo tempo. Nas

entrevistas a quilombolas, C está em pé de igualdade com A, na posição de entrevistador.

Observa-se, no exemplo 11, que há três participantes: duas entrevistadoras (E2 e E5) e um entrevistado (F11). Contextualizando o momento interativo, E2 representa o terceiro (C) do trílogo, pois as perguntas da entrevistadora E5 (A) são dirigidas ao falante F11 (B). O tópico a ser desenvolvido refere-se às relações matrimoniais estabelecidas entre os membros da comunidade: A lança a pergunta a B; C, antes que o interlocutor a quem a pergunta foi dirigida responda, colabora com A, mediando as relações estabelecidas entre o duo A → B.

Exemplo 11 – O trílogo na entrevista

<p>E5: como era que as mulheres e os homens ... se relacionava nesse tempo como era feito os casamentos deles? E2: no seu tempo E5: no seu tempo E2: um rapaz casar com uma moça como era? F11: ah minha filha eu num me lembro não E5: lembra não ...</p>

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Em virtude do que foi posto até aqui, é possível identificar, nas entrevistas, a conversação triádica, cujos participantes contribuem para o desenvolvimento do tópico, ora ajudando o entrevistador principal a formular a pergunta, ora auxiliando o entrevistado a dar mais informações a respeito daquilo que foi perguntado.

Além dos elementos estudados a respeito da organização do texto conversacional, será abordada, na subseção seguinte, uma categoria recorrente em análise de textos orais: a *repetição*.

3.2 O uso de repetições no texto falado

A repetição no texto falado foi estudada por Marcuschi, em sua tese para o concurso de professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no início da década de 1990. Na tese, ele coloca a importância da repetição para a formulação²⁹ textual. Também os trabalhos desse autor consideram as análises iniciadas por Travaglia, na década de 1980, bem como as considerações trazidas por Koch, na década de 1990.

²⁹ Para esta pesquisa, a noção de formulação deve ser entendida tanto nos aspectos de construção quanto nos de reconstrução textual.

Tomando como ponto de partida as discussões estabelecidas por Marcuschi (2002), convém tecer algumas considerações acerca dessa estratégia de formulação textual tão presente nas atividades interativas. Esse autor apresenta a repetição como sendo uma estratégia de composição do texto oral e de condução do tópico conversacional. Seguindo esse procedimento estratégico, ele admite que a repetição vai além da reprodução do mesmo segmento linguístico várias vezes, pois deve expressar algo novo.

Com isso, Marcuschi (2002, p. 106) explica: “[...] *repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa*” (Grifos do autor). Por isso, a presente subseção busca investigar os elementos constitutivos da repetição, valendo-se da literatura fornecida pelos teóricos da AC.

O uso da repetição tanto em textos escritos quanto orais é um recurso coesivo que serve para reiterar as relações textuais. Ninguém fala ou escreve por meio de frases desconexas e isoladas. A integração entre as ideias do falante, ao formular e reformular seus enunciados, constitui um *continuum* tipológico³⁰.

O uso da repetição pode tornar um texto menos interessante ou mais informativo, a depender do gênero textual. Há gêneros escritos em que seu uso pode ser mais funcional que em gêneros orais. “Desse modo, pode parecer um gênero textual na modalidade de língua escrita com marcas da oralidade e vice-versa, exigindo do falante a competência linguística para identificá-las” (SANTOS, 2007, p. 47).

Desse modo, convém estabelecer uma tipificação das repetições, pois elas aparecem tanto na formulação de um turno conversacional, como produção de um mesmo falante, quanto no estabelecimento de outro turno, iniciado por outro falante que se vale de expressões, léxicos, marcadores mencionados pelo falante precedente.

3.2.1 Tipos e manifestações da repetição

Na oralidade, as repetições são frequentes, pois, a todo momento, os falantes estão retomando, alterando, reafirmando numa continuidade textual, operando, muitas vezes, sentidos diferentes sobre o elemento repetido. “Tais repetições, no

³⁰ Como foi pontuado no início da seção 2.

entanto, são extremamente frequentes, visto que é comum os falantes utilizarem esse recurso para ganhar maior tempo de planejamento” (KOCH, 2005, p. 131).

Ao se falar em estruturas repetidas, ganham destaque dois tipos: as *autorrepetições* e as *heterorrepetições*. As *autorrepetições* são aquelas repetições produzidas pelo mesmo falante em uma interação face a face, tendo por função “[...] ganhar tempo para o planejamento, assegurar a posse de turno ou, ainda, simplificar a tarefa de produção discursiva [...]” (KOCH, 2005, p. 134). Em outras palavras, acontecem autorrepetições quando a matriz é repetida pelo mesmo falante, conforme esclarece Koch (2005). A seguir o exemplo 12 ilustra essa tipologia de repetição:

Exemplo 12 – Autorrepetição	
E5 –	como surgiu... como surgiu a comunidade / conte um pouco da história da comunidade ? ...
E2 –	o senhor sabe como surgiu a comunidade?

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Nesse caso, o falante corrente, ao fazer a pergunta para o entrevistado a respeito da origem da comunidade, repete o item lexical “comunidade”, dentro de seu próprio turno, ganhando, assim, tempo para planejar suas ideias (KOCH, 2005). Por meio de uma pergunta aberta, E1 pretende extrair da entrevistada (F4) informações valiosas sobre a comunidade. Planejando a pergunta, E1 faz um *pedido de informação* (FÁVERO, 2006) a fim de obter êxito em sua escolha. F4 deve tomar uma atitude responsiva para poder satisfazer, detalhadamente, a pergunta feita pelo entrevistador.

As *heterorrepetições* (alorrepetições) são aquelas repetições reproduzidas em diferentes turnos. Elas também podem funcionar para ganhar tempo para o planejamento das ideias, para garantir a posse do turno, para demonstrar atenção e interesse, expandindo a resposta a alguma pergunta, para aceitar a ajuda do interlocutor na construção do discurso, dentre outras funções.

No caso das *heterorrepetições*, o interlocutor repete a matriz formulada pelo locutor, no turno adjacente anterior, conforme o exemplo 13:

Exemplo 13 – Heterorrepetição	
E5 –	como surgiu... como surgiu a comunidade / conte um pouco da história da comunidade ? ...
E2 –	o senhor sabe como surgiu a comunidade ?
E5 –	[comunidade

F11 – a **comunidade** é: é boa né é boa né

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Esse exemplo evidencia que a repetição do item lexical “comunidade” é usada pela entrevistadora (E2) para auxiliar a outra entrevistadora (E5), no sentido de melhor formular a pergunta para ser entendida pelo entrevistado (F11). Esse modelo de uso de repetição, segundo Koch (2005), facilita a comunicação entre os interlocutores para se garantir a compreensão do tópico conversacional, nesse caso, a origem da comunidade.

Desse modo, a *heterorrepetição* garante um maior envolvimento na interação, pois, além das entrevistadoras do trílogo, o entrevistado (F11) recorre à repetição do item “comunidade” para dar ênfase ao local em que vive, referindo-se a ela como lugar bom: “a comunidade é: é boa né é boa né”.

A pergunta é feita a partir de algo comum ao entrevistado: sua comunidade. Isso faz com que haja equilíbrio entre o conteúdo da pergunta e a aceitação do entrevistado por meio de um ato de resposta que indique as informações a serem compartilhadas.

Ao serem estudadas as repetições (R), tem-se o entendimento de que a primeira entrada do segmento textual, que serve de reprodução, é designada matriz (M). Quando as R são adjacentes, diz-se que existe uma *repetição próxima*; quando, ao invés, há uma repetição mais distanciada, diz-se que existe uma *repetição distante*.

Dessa forma, as R podem ocorrer integralmente ou com variações. Nesse sentido, as repetições podem se manifestar, segundo Marcuschi (2002), das seguintes formas: *repetição de itens lexicais*, *repetição de estruturas sintagmáticas* e *repetição de oração*.

A *repetição de itens lexicais* ocorre quando a R reproduz a M integralmente. Ocorrem com maior frequência aquelas repetições que aparecem na posição adjacente à matriz. Esse tipo de repetição, também chamada de *R lexical adjacente*, aparece de variadas maneiras para: estabelecer noção de ênfase, sugerir continuidade, estabelecer elo coesivo, constituir um tópico ou sua mudança.

Nessa forma, os itens repetidos, geralmente, são nomes e verbos. O exemplo 14, em que os participantes falam sobre a assistência médica na comunidade,

mostra como se comporta a repetição de item lexical nas entrevistas realizadas para este trabalho.

Exemplo 14 – Repetição de itens lexicais

E1 – e quando/ entendi

F4 – [toda **segunda-feira** porque eu faço fisioterapia passo pela psicologo ... aí toda **segunda** eu tô ni mundaú ... aí na **segunda** que eu não posso ir ... ela já sabe que eu num consigo chegá lá ... mode as duas perna qui **fica** inxada e ... **fica** munhecando sem eu poder fazer movimento ...

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Nesse exemplo, verifica-se que a entrevistada (F4) usa a repetição da palavra “segunda”, dia da semana, de forma enfática a fim de sustentar seu turno, não consentindo que o entrevistador prossiga em suas ideias. Com essa ênfase, F4 passa a contar sobre sua vida, sobre os problemas de saúde enfrentados por ela. Ainda, no exemplo 14, há a repetição do item “fica”, utilizado para apresentar informações novas, sugerindo, assim, a continuidade do turno conversacional.

A *repetição de estruturas sintagmáticas*, também chamadas de *R de construções*, reproduz construções sintagmáticas de variados tipos: SN, SV, SPrep, SAdj, SAdv. O exemplo 15 pontua como a repetição se manifesta em construções subordinacionais.

Exemplo 15 – Repetição de estruturas sintagmáticas

E1 – o senhor sabe dizer ... é: ... como os homens e as mulheres se relacionavam nesse tempo ... como eram feitos os casamentos deles?

F14- não **casamento** praticamente **era o que ... era só um se se um se encontrar com o outro ...** e depois o **padre** é quem fazia **isso** aí ... né ...

E1 – o **padre**

F14- ... é ... por () o **padre** era ... acho qui iexistia até morte ... nera como hoje que é todo mundo liberal aí pra quem quiser ... antigamente **era coisa muito mais ... nera ... muito mais bem complicado ...** é o que eu sei dizer

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Nesse exemplo, em se tratando sobre como acontecem os casamentos na comunidade, nota-se que F14 utiliza o pronome “isso” para referir-se ao SN “casamento”, reiterando o processo matrimonial, cujo “padre” tem a competência de assistir. E1 repete (heterorrepetição) o item “padre”, mostrando que está atento ao que o entrevistado está dizendo.

Esse mesmo sintagma é autorrepetido por F14 no intuito de manter o turno e dar continuidade a seu pensamento. Observa-se também que o SV “era” é repetido

por F14 para reafirmar o que está sendo posto e para dar mais detalhe a respeito do processo de casamento, mostrando informações novas e, portanto, contribuindo com o andamento da interação. É importante observar que essas repetições são colocadas na posição adjacente à matriz.

As *repetições de orações* aparecem nos pares adjacentes cujas funções argumentativas e interativas prevalecem. Para Marcuschi (2006), as repetições integrais aparecem com mais frequência nesse modelo. São bastante usadas em *listagens* com a finalidade de desenvolver uma contra-argumentação em relação à M que a origina.

No exemplo 16, ao tratar do tópico (assunto) origem da comunidade, nota-se que aparecem orações repetidas. Essas orações são formadas por verbos acompanhados de complementos ou alguma atribuição ao sujeito da oração a que pertence.

Exemplo 16 – Repetição de orações	
E1 – então essa a origem né	
F4 –	[é ... é ... a gente era muito homilhada ... dane da minha vó que a gente era muito homilhada pelo povo ao redó ... só chamava a gente de raça de mundiça porque agente num tinha nada ... a gente num tinha nem uma cama pra durmi agente num tinha nada na vida aí o povo chamava noi de mundiça ... os minino brigava muito ... assim encrencando de um pra outro sabe?
E1 – sim	

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

No exemplo, verifica-se que F4, em seu turno, promove maior envolvimento na entrevista por tocar em uma particularidade vivenciada na comunidade: o preconceito. A fala da entrevistada denota esse aspecto: “a gente era muito homilhada”. Eram humilhados e os chamavam de raça de mundiça: “chamava noi de mundiça”. Essa oração passa a ser repetida com o intuito de comprovar a informação de que eram humilhados.

Mais adiante, ela repete a seguinte construção oracional: “a gente num tinha nada”. Isso mostra a condição econômica vivida pelos quilombolas antes de serem reconhecidos como afrodescendentes, os quais, em sua luta, resistiram aos desmandos dos grandes proprietários de terras da região. Essa construção oracional tem o intuito de mostrar ênfase à condição de pobreza, bem como acrescentar a informação de que não possuíam cama: “a gente num tinha nem uma cama pra dormir”.

3.2.2 Aspectos funcionais da repetição

A conversação demonstra claramente que não existe uma uniformidade na fala. No entanto, para haver melhor entendimento nas interações dos falantes, são utilizados vários recursos que ajudam na continuidade tópica do texto falado. A repetição, além de ser um grande recurso de coesão do texto conversacional, garante a coerência textual nas falas dos interlocutores.

Ao utilizar a repetição, os falantes almejam garantir a posse do turno e levar seus interlocutores a crerem naquilo que está sendo posto na conversação. Além de garantir a continuidade do tópico conversacional, através de reafirmação de algo previamente estabelecido por um dos interactantes, ela pode ser uma ferramenta de entrega do turno, pois, algumas vezes, o falante deseja omitir ou se isentar de dar uma resposta ao que foi interrogado, fazendo com que sua locução se desgaste e chegue ao término.

A repetição é bem mais recorrente em textos orais que em textos escritos, pois nestes ainda perdura o estigma de que o uso da repetição não é bem-vindo, causando uma redundância nos textos. Quanto àqueles, a repetição aparece como um fenômeno próprio da interação face a face, pois, conforme mostra Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 39):

Em vez de demonstrar o caráter defeituoso dos sujeitos falantes, tais fenômenos constituem manifestações de sua capacidade de construir enunciados **interativamente eficazes**. Sob a aparente “desordem” do oral espontâneo, escondem-se, de fato, regularidades que são de natureza diversa das que se observam na escrita, porque as condições de produção/recepção do discurso são elas mesmas de outra natureza. E se permanecemos durante tanto tempo cegos a essas regularidades que hoje a análise conversacional persegue, é sem dúvida porque estamos muito acostumados a nos “acomodar” exclusivamente ao discurso escrito. (Grifo da autora).

A repetição contribui para garantir a continuidade à organização tópica na conversação. Já que o texto oral, como rascunho de si mesmo, não pode ser repensado, a utilização de estratégias de repetição serve para garantir a unidade do texto. Ela serve como elemento coesivo textualizador que, como observa Koch (2005, p. 127), mantém a unidade discursiva através da coesão sequencial, pois “[...] a continuidade dos sentidos no texto é assegurada, em parte, pelos recursos de

manutenção temática, entre os quais se destaca a recorrência³¹ de itens de um mesmo campo conceitual ou lexical, muitas vezes também morfologicamente relacionados”.

Na construção do texto falado, há evidência da utilização da repetição: “gostamos de repetir provérbios, frases feitas, trechos de canções famosas, slogans políticos ou publicitários, palavras, expressões ou enunciados inteiros que são constantemente pronunciados por artistas de TV” (KOCH, 2005, p. 124). É nesse contexto de convívio social em que a repetição está inserida como elemento agregador capaz de fazer com que os diversos sujeitos da interação assimilem o novo a partir do que já é de seu conhecimento.

De acordo com Santos (2004), a repetição é um elemento importante na condução do tópico conversacional, garantindo, assim, a sustentação do turno do falante corrente, propiciando o controle do discurso. A repetição é vista em sua função interativa, em que os participantes do evento comunicativo assumem seus papéis, negociam suas trocas comunicativas e mostram entender, interpretar e construir sentidos com as informações prestadas.

Ao tratar sobre as estratégias de construção textual da oralidade, Fiorin (2008) estabelece a repetição em sendo um fenômeno da interação face a face que contribui para o processamento de informação e para a preservação da função comunicativa a que os interactantes estão inseridos.

Para Marcuschi (2002;2006), as repetições, ao exercerem suas funções, no planejamento do texto falado, atuam no *plano da composição textual* (por meio da *coesividade*, ligada ao encadeamento intra e interfrástico da composição textual-discursiva) e no *plano do discurso* (colaborando para a *compreensão* – intensificação e esclarecimento discursivo; a *continuidade tópica* – amarração das ideias, introdução e reintrodução temática, delimitação do assunto tratado; a *argumentatividade* – contra-argumentação, reafirmação; e a *interatividade* – ratificação do papel do ouvinte, monitoramento de turno).

Tomando como princípio esses dois planos, o autor enfatiza, em seus estudos, as cinco funções da repetição. A primeira função é a *coesividade*, que abarca a referenciação, a sequenciação, a expansão oracional, a parentetização e o enquadramento funcional. A coesividade, enquanto elemento da composição do

³¹ O termo *recorrência* deve ser entendido como equivalente à *retomada* ou *recuperação* por meio da repetição.

texto oral, é responsável por seu encadeamento (plano da cotextualidade) através da coesão referencial e da sequencial (KOCH *apud* MARCUSCHI, 2002; 2006).

A literatura trazida por Marcuschi (2002;2006) mostra que a coesão sequencial utiliza como recurso de repetições: *listagens*, *amalgamas sintáticas* e *enquadramento sintático-discursivo*.

As *listagens* são identificadas como *paralelismos sintáticos*, pois apresentam a manutenção da estrutura nuclear, cuja matriz pode ser repetida muitas vezes, com algumas variações lexicais e morfológicas. Por uma tipificação das listas, Marcuschi (2002;2006) as divide em: *listas abertas* (sugerem, através do ordenamento dos elementos, uma continuidade) e *listas fechadas* (sugerem que os elementos listados se encerrem).

As listagens podem aparecer como *autorrepetições* ou *heterorrepetições*, garantindo maior envolvimento entre os participantes da conversação, estabelecendo a interação do evento comunicativo. Elas se manifestam em repetições cuja matriz pode ser um *léxico*, uma *estrutura sintagmática* ou uma *oração*.

A partir do momento em que a matriz for produzida num enunciado, sua repetição numa lista pode se dar por *expansões* (quando há acréscimos à direita do núcleo frasal repetido) ou *elissões* (quando há supressão de algo já mencionado anteriormente à esquerda do núcleo frasal). Assim, Marcuschi (2002;2006) conclui que a listagem é um procedimento de *rematização*³² constante com a finalidade de sustentar o tópico conversacional, pois os elementos acrescentados sempre trazem algo novo.

Conforme Fiorin (2008), as listas, como recurso de coesão sequencial, garantem maior envolvimento entre os interactantes, pois elas se configuram um ritmo sucessivo de elementos para que a interação face a face se consolide.

No exemplo 17, a entrevistadora (E5) e o entrevistado (F11) estão falando sobre os tipos de transportes existentes na comunidade para levar as pessoas à cidade em dias específicos. A lista formada é autorrepetida por F11 em turnos diferentes e heterorrepetida por E5. Essa estratégia de repetição visa a garantir continuidade à informação dada e a promover uma informação nova: a de que o

³² Os conceitos de *tema-rema* estão nos trabalhos de Koch (1999). A *rematização* consiste no segmento dinâmico que funciona como predicado do *tema*. Para Marcuschi (2006), a listagem não é procedimento de tematização (topicalização), mas de rematização constante.

“caminhão” utilizado por eles é da comunidade. F11 se vale dessa repetição, ao expandir informações à direita do item repetido, porque entendeu que E5, ao dizer “MAIS tem horário que passa carro por aqui pra ir pra cidade”, deixou implícita a possibilidade de o transporte não ser da comunidade. Nesse sentido, o segundo turno de F11 demonstra que a listagem sofreu um processo de rematização.

Exemplo 17 – Listagem

E5 – MAIS tem horário que passa carro por aqui pra ir pra cidade?

F11 – tem não só no sábado ... no sábado tem carro de... de manhã é um **caminhão**

E5 – [é o que **caminhão** ônibus um **caminhão**

F11 – agora o **caminhão** é da mesma comunidade

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Os *amalgamas* são atividades de repetição que têm como base o aproveitamento de itens textuais já mencionados para formar outra construção textual, posterior, a partir da reconstrução de todas as partes anteriores. Quando o texto falado é construído colaborativamente, através das heterorrepetições, é muito comum o locutor construir suas ideias por meio do aproveitamento de construções ditas pelo interlocutor.

O exemplo 18 mostra uma atividade de heterorrepetição construída a partir do aproveitamento do material linguístico construído colaborativamente pelos participantes do evento comunicativo. Nele, a entrevistadora (E2) pergunta ao entrevistado (F11) sobre a existência da escola, desde sua fundação na comunidade. F11 pergunta a uma das ouvintes (Fz) da entrevista que responde: “uns cinco ano”. Nessa prática colaborativa, F11 se utiliza do que foi dito por Fz para dizer que a escola passou um período de cinco anos quando era de taipa: “cinco ano ela passou lá em baixo na casinha de taipa”.

Exemplo 18 – Amalgamas sintáticos

E2 – sabe há quanto **tempo** a escola está aqui?

F11 – o minha filha agora agora pegou eu... ô Chica? ((falando com uma das ouvintes))...

Fz – sinhô

F11 – quantos **tempo** faz que essa escola está aí... fizeram?

Fz – **uns cinco ano**

F11 – quanto?

Fz – **uns cinco**

F11 – tem mais ... **cinco ano** ela passou lá embaixo na casinha de taipa

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Os *enquadramentos* ocorrem para sinalizar uma informação diferente ou relacionada, pelo contexto, do/ao tópico em discussão e podem ocorrer tanto no início quanto no final de um turno (podendo também ser sinal de entrega do turno). Essa estratégia ajuda na *parentetização*³³, que ocupa “[...] sempre uma posição intratópica, configurando-se como segmentos que promovem desvios momentâneos do quadro da relevância tópica de uma unidade textual” (JUBRAN, 2002, p. 345).

No exemplo 19, ao ser perguntado sobre a origem da comunidade, F14 demonstra desconhecimento sobre sua comunidade: “eu num sei explicar muito sobre isso não”.

Pelo processo de parentetização, o entrevistado (F14) explica que vive mais na cidade devido a seu trabalho de feirante. Depois, numa entrega de turno, acaba repetindo, com variações parafrásticas, a mesma estrutura do início de seu turno, ocorrendo, assim, o enquadramento.

Exemplo 19 – Enquadramento sintático

E1 – seu J. A. como surgiu a comunidade? ... o senhor vai nos contar um pouco sobre a história aqui da comunidade Mariana
 F14- a comunidade Mariana ... eu quero falar pra dá **eu num sei explicar muito sobre isso não** ... porque eu vivo muito desligado disso aqui ... eu inclusive eu não vivo aqui ... final de semana é que quandixistia alguma reunião alguma coisa ... eu vivia mais na cidade qui eu trabalhava na feira ... e **eu não tenho muito o que contar disso sobre isso aqui não** ... agora quem tem de contar bastante é um irmão meu qui sempre vive aqui envolvido de dentro né incluído com o pessoal ... mais **eu num tenho não muito o que falar não** ...

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

A segunda função da repetição é a *compreensão*, que fortalece a intensificação e o esclarecimento. Para Marcuschi (2006), a compreensão tem caráter discursivo e visa a promover e a facilitar as informações abstraídas pelo interlocutor. O referido autor destaca três subfunções da compreensão.

A *Intensificação* (primeira subfunção) ocorre quando a repetição facilita a compreensão do conteúdo discutido na interação sem que seja enunciado explicitamente.

A relação *rema-tema* (segunda subfunção) acontece quando as estratégias de repetição são usadas com a finalidade de transformar o rema do enunciado

³³ Para Marcuschi (2006), a *parentetização* acontece quando um tópico é interrompido e a ele se segue uma breve inserção de texto, antes de se retomar o tópico com a repetição da construção produzida antes da interrupção.

precedente em tema (tópico) do enunciado que será dito posteriormente, devido à ênfase dada ao segmento repetido.

O *esclarecimento* (terceira subfunção) tem por finalidade repetir um segmento dado por meio de paráfrases ou expansões com variações tendo em vista sua explicitude.

No tocante ao processo de compreensão, o exemplo 20 evidencia que o entrevistado (F11) não quer, possivelmente, contar que os casamentos na comunidade se davam com membros da mesma família, preservando, assim, a imagem da comunidade (LEVINSON, 2007).

Pelo processo de heterorrepetição, o item “tempo” é enfatizado com a finalidade de intensificar o tópico discutido. A partir da construção “no seu tempo”, a entrevistadora (E2) esclarece ao entrevistado o intuito da pergunta: obter como resposta a questão de casamento entre familiares. Com esse mecanismo, F11 confirma a pergunta através do pronome “isso”, que reitera o que foi perguntado.

Exemplo 20 – Compreensão
E5: como era que as mulheres e os homens ... se relacionava nesse tempo como era feito os casamentos deles?
E2: no seu tempo
E5: no seu tempo
[...]
E2: no seu tempo quando que o senhor casou com a sua esposa como foi ... era da mesma família era primo com prima como era?
F11: homi toda vida teve isso ...

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

A terceira função da repetição, consoante Marcuschi (2002; 2006), é a *continuidade tópica*. Ela é a função textual-interativa que visa à organização do tópico conversacional, com base nas seguintes estruturas: *introdução, reintrodução, delimitação, condução e manutenção do tópico*.

A *introdução do tópico* é uma forma de reiterar um segmento de forma explícita para que ele seja desenvolvido no evento comunicativo, passando a ser o assunto discutido naquele momento. Na introdução do tópico, podem aparecer alguns marcadores conversacionais (*agora, então*).

A *reintrodução do tópico* acontece quando, ou após parentetização ou após a introdução de um novo tópico no interior daquele que vinha sendo desenvolvido, volta-se ao segmento que foi interrompido por meio de sua repetição. A *delimitação do tópico* ocorre quando um tópico é encerrado por meio de repetição do segmento

que o introduziu. A *condução e manutenção do tópico* ocorrem quando um item lexical é repetido constantemente a fim de que o assunto seja mantido e os interlocutores não se desviem dele.

O exemplo 21 demonstra que o entrevistador (E1) faz uma pergunta (introduz o tópico) sobre a escola ser o principal ponto de apoio na comunidade, onde se reúnem, festejam, participam de atividades religiosas e consultas médicas. No entanto, ao responder, F4 intervém com um parêntese, contando que estão batalhando para conseguir um ponto de apoio médico, pois, quando a escola está em atividades letivas, os pacientes são atendidos na casa de uma das famílias da comunidade. A entrevistada expressa a falta de privacidade que existe, por isso, deseja ter um cantinho para as consultas.

No intuito de reintroduzir o tópico, E1 volta a perguntar sobre a escola: “é: em relação a escola é a única que tem aqui na comunidade?”. Além do item “escola” que é repetido, também aparece a construção oracional “num vai dizer tudo né” repetida pela falante F4 com o intuito de dar continuidade à situação colocada sobre o local de consulta médica.

Exemplo 21 – Continuidade tópica	
E1 – a senhora falou da escola se reúne na escola ... celebra missa ... tem festas da criança que é comemorada na escola ...	
F4 – [é na escola é	
E1 – enTÃO a escola é o principal ponto que vocês se se reúnem ... atualmente	
F4 – [é	
é é por isso que a minina minha fia quer que batalha atrás disso pra fazer um canto porque as vez ... a médica vem e fica na casa da minha irmã agente tem uns probrema e num vai dizer tudo né?	
E1 – [sim	
sim sei	
F4- não vai dizer tudo né assim na vista do médico na casa dos outro aí as vez na escola tá ensinando aí ... num pode	
E1 – ok	
F4 – aí então	
[
E1 – é: em relação a escola é a única escola que tem aqui na comunidade?	
F4 – é: só é aquela dali	

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

A quarta função da repetição é a *argumentatividade*, que possibilita a reafirmação, o contraste e a contestação de argumentos. A argumentatividade ganha caráter interativo, pois os segmentos repetidos mostram as posições dos

interactantes. Marcuschi (2006) elenca as seguintes estratégias de R que servem para a argumentação: *reafirmação*, *contraste* e *contestação de argumentos*.

A *reafirmação de argumentos* acontece quando os participantes de um evento comunicativo optam por reproduzirem suas afirmações com base nas premissas ditas ao invés de apresentarem novos argumentos. O *contraste de argumentos* acontece quando o uso de R objetiva a produção de contrastes. Nesse caso, as repetições podem adquirir *status* de indagação (mudança de entoação), sugerindo uma contra-argumentação com base no material linguístico reproduzido, causando atitudes opostas em situações idênticas.

A *contestação de argumentos* visa ao estabelecimento de duas opiniões contrárias, cujas repetições representam uma oposição de princípios dos participantes da conversação. Esse tipo de contestação reflete posições tomadas pelos interlocutores que agem com menos polidez, resultando na não preservação da face (LEVINSON, 2007; TAVARES, 2007; GOFFMAN, 2012).

O exemplo 22 retrata sobre a infância do entrevistado (F11). Ele relata que sua infância não foi fácil por meio da repetição da construção oracional “eu fui criado”, que é constantemente repetida nos turnos, ganhando força de argumentatividade. Ao passo que F11 confirma seus argumentos pela repetição dessa estrutura, também contrasta dois fatos: não ter sido criado no seio da família e ter sido criado por outras pessoas. Essa estratégia visa a persuadir as documentadoras.

Exemplo 22 – Argumentatividade

E5 – mais assim o senhor lem/ sabe de quando o senhor nasceu quando ela cre/ surgiu como foi num conhece nenhuma história não dela não?

F11 – minha filha meu sofrimento quando eu nasci **eu fui eu fui meio meio cruel... fui criado** sem pai sem mãe

[

Fx – ô D.? ((chamando alguém))

F11 – **eu fui criado** pela casa dos outros ... já fui mesmo **já fui criado** pelos outro de fora

Fx – ()

Fy – cala a boca L.

Fx – ()

F11 – já **fui criado** pelos outros ... mais donde **eu fui criado fui** bem recebido que ainda hoje eu estou vivendo né

Fx – ((risos))

Fy – **criado** sem pai

Fonte: *Corpus da pesquisa* (2017).

A *interatividade*, quinta função da repetição, colabora na monitoração da tomada de turno, na ratificação do papel de ouvinte e na incorporação de opinião. Ao contrário do que foi dito no item anterior, a interatividade é um recurso de repetição que se volta à preservação das faces dos interlocutores, pois os participantes da conversa promovem a interação buscando tomar decisões de forma cooperativa (GRICE, 1975; GOFFMAN, 2012).

A função da interatividade apresenta quatro recursos utilizados pelos interactantes ao fazerem uso de repetições. As repetições que promovem ao falante expressar sua opinião (primeiro recurso) manifestam-se como heterorrepetições e podem indicar opiniões pessoais divergentes.

O *Monitoramento do turno* (segundo recurso) acontece quando o ouvinte se utiliza insistentemente de autorrepetições de um segmento linguístico, em sobreposição de vozes, no turno de quem está de posse até que o falante entregue seu turno.

A *ratificação do papel de ouvinte* (terceiro recurso) também ocorre em sobreposições de vozes, porém o uso de R visa a expressar a ideia de que quem está de posse do turno pode continuar falando.

A *incorporação de sugestões* (quarto recurso) é uma estratégia de repetição que visa a auxiliar o falante quando se percebe que ele está com dificuldades para encontrar palavras ou prosseguir com o assunto. Geralmente, esse tipo de R ocorre muito em momentos de *hesitação*³⁴.

O exemplo 23 evidencia a função interativa da repetição. As marcas deixadas pelos participantes da entrevista demonstram a ratificação do papel de ouvinte e o monitoramento de turno. Quando E5 pergunta sobre a segurança na comunidade, F11 responde: “só se for da rua”. Com isso, E5 monitora o turno do entrevistado por meio da heterorrepetição da construção dada por F11.

Exemplo 23 – Interatividade

E5: tem alguém que garanta a segurança daqui se caso alguém precisar de alguma coisa como é que faz... nessa parte assim... assim se o senhor acontecer alguma desgraça e quem é que vocês chamam ... vocês tem alguém que proteja e tem segurança?
 F11: tem não **só se for da rua**
 E5: **só se for da rua** ...
 as casa daqui são **todas de taipa** alvenaria?
 F11: uma maioria é

³⁴ Marcuschi (1999) advoga que o uso de *hesitações* pode revelar que o falante está usando pistas de adequação da linguagem para formular o texto que produz.

E5: todas de taipa F11: todas de taipa

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

É possível dizer que as repetições constituem um recurso interativo seja no plano da composição textual, seja no plano discursivo. Embora uma das funções da R seja a interatividade, não significa que a interação não esteja presente nas outras funções, pois, conforme Santos (2004, p. 56), a “[...] repetição na língua falada é considerável, porque possibilita a condução do tópico por parte daqueles que têm o controle do discurso [...]”.

Para garantir a continuidade tópica na conversação ou mesmo manter a coesividade, a repetição surge para fortalecer a sequenciação do discurso. As repetições se apresentam de modo recorrente na conversação. E, conforme Marcuschi (2010a), são importantes as pesquisas com os textos orais para se redescobrir e refletir melhor sobre seu uso nos contextos da vida social.

4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO GÊNERO ENTREVISTA ORAL

A conversação possibilita a interação entre os falantes, que procuram atingir seus propósitos e cooperar para que o evento comunicativo se efetive. O ponto de vista defendido nesta pesquisa concebe a conversação enquanto ato colaborativo, em que os participantes interagem em busca de um objetivo comum.

A entrevista é um gênero que faz parte da conversação formal porque requer um tipo de planejamento prévio, embora tenha aspectos informais, como neste trabalho, pois, mesmo não sendo uma conversação espontânea, deve transcorrer como se fosse. A entrevista envolve uma série de características e tipologias que a tornam um evento com o estabelecimento de condições contratuais.

Para a construção desta seção, nortearam os estudos de Costa (2014), Hoffnagel (2010), Fávero (2006), Morais & Santos (2014) e Moreira (2002) que conceituam e esclarecem as características e tipologias do gênero entrevista oral; Marcuschi (2008; 2010b) e Silveira (2005) que traçam algumas pontuações sobre os gêneros textuais.

4.1 Algumas pontuações sobre o estudo dos gêneros textuais

Para Marcuschi (2008), as discussões a respeito dos gêneros não são novas. O estudo dos gêneros textuais tem sua origem na Antiguidade Clássica, cuja observação sistemática iniciou-se em Platão, com a tradição poética, e em Aristóteles, com a tradição retórica.

Em Platão, a expressão *gênero* está relacionada à literatura, por isso, a concepção que se tem de gêneros literários está estritamente relacionada à noção de sequência/tipologia textual. Em Aristóteles, está vinculada aos aspectos discursivos (discurso *deliberativo*, discurso *judiciário* e discurso *epidítico*) devido ao caráter pragmático que exercem na sociedade e à sua funcionalidade para os leitores.

No século XX, os estudos sobre linguagem também se pautaram nos gêneros, pois eles estão em todas as áreas da sociedade e contribuem para o ordenamento das atividades sociointerativas: as pessoas comunicam-se através de gêneros.

O termo *gênero* tem acompanhado os estudos da língua e do discurso no ocidente desde a Antiguidade greco-latina. A partir do surgimento da retórica clássica, nas suas vertentes jurídica e literária, sistematizada pelos gregos e consolidada pelos romanos, o termo tem sido uma constante na moderna teoria literária, aparecendo também na sociolinguística e, a partir da divulgação das obras de Mikhail Bakhtin nos ciclos acadêmicos ocidentais, a noção de gênero ganhou uma dimensão considerável (SILVEIRA, 2005, p. 47)³⁵.

A noção que se tem de gênero está imbricada aos diversos discursos no cotidiano dos interlocutores, uma vez que “os gêneros estão presentes [...] em todas as circunstâncias da vida, em que as ações humanas são mediadas pela atividade discursiva” (SILVEIRA, 2005, p. 37). Por isso, toda vez que se tenta produzir um ato comunicativo, recorre-se a um tipo de gênero textual, envolvendo um propósito de comunicação entre os usuários da língua.

Considerando o aspecto sociointeracional dos gêneros, é preciso atentar também para sua variedade, haja vista os gêneros serem inúmeros, mas não infinitos.

Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais a sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Ao definir gênero, Marcuschi (2010b) parte do pressuposto de que a comunicação verbal se realiza basicamente através de um gênero que, por sua vez, realiza-se em textos. Enfatizando o caráter sociointerativo da língua, o autor advoga “[...] que os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-se de algum modo” (MARCUSCHI, 2010b, p. 23).

O percurso seguido neste trabalho é orientado pelo que estabelece Marcuschi (2008, p. 161), ao dizer que “os gêneros são necessários para a interlocução humana”, porque legitimam o discurso produzido.

O gênero abordado nesta pesquisa é determinado pelos objetivos comuns dos falantes, que partilham seus conhecimentos de acordo com o tópico tratado nas entrevistas. “Como os gêneros independem de decisões individuais e não facilmente

³⁵ Grifo da autora.

manipuláveis, eles operam como ferradores de expectativas de compreensão mútua” (MARCUSCHI, 2008, p. 189). O autor enuncia que os gêneros são formas evoluídas e maturadas de ações comunicativas, executadas socialmente, as quais resultam das práticas de linguagem das pessoas.

Enquanto representação de ações sociais, os gêneros estabelecem correlação com a fala e a escrita, estabelecendo um contínuo³⁶. Nesse sentido, alguns gêneros podem ser comparáveis e apresentar traços comuns. A tentativa de comparar os gêneros na relação fala-escrita indica uma visão antídicotômica, a qual, consoante o autor, teria as seguintes características:

1. são históricos e têm origem em práticas sociais;
2. são sociocomunicativos e revelam práticas;
3. estabilizam determinadas rotinas de realização;
4. tendem a ter uma forma característica;
5. nem tudo neles pode ser definido sob o aspecto formal;
6. sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição;
7. são eventos com contrapartes tanto orais como escritas (MARCUSCHI, 2008, p. 191).

Seguindo essa linha, a maioria dos teóricos do texto falado e escrito adota a concepção de gênero enquanto atividade que privilegia a natureza funcional e interativa da linguagem. Nesse contexto, aparecem as várias entrevistas que refletem a ação social situada na comunidade através das práticas sociais dos falantes.

No caso do gênero entrevista, que é divulgada no domínio discursivo jornalístico, na modalidade escrita da língua, sua realização enquanto gênero se dá na oralidade. Fica mais evidente esse uso oral da entrevista quando ela acontece em programas de rádios e televisão. No entanto, quando é divulgada em impressos, fica mais difícil perceber porque as marcas da oralidade tendem a ser apagadas para se aproximar o máximo possível da escrita, devido ao processo de editoração do meio de divulgação.

Utilizando, por exemplo, a entrevista para elucidar a noção de gênero, percebe-se a seguinte forma de composição: o entrevistador, que conduzirá a entrevista, sempre abrirá a sessão; depois, passará a palavra ao entrevistado; depois tomará a palavra de novo até que a entrevista seja encerrada por ele.

³⁶ Ver o *continuum tipológico* abordado na subseção 2.1.

4.2 O gênero entrevista oral

Tomando como base a ideia de que as entrevistas envolvem temáticas variadas, que perpassam desde o humor até assuntos do cotidiano e situações práticas, permitindo, assim, ao espectador tornar-se conhecedor de novos temas e desenvolver o senso crítico em relação aos seus pontos de vista, é inegável a sua aplicação prática para a sociedade como um todo, pois ela, ao tempo que propicia informação, deve proporcionar também entretenimento.

A conversação é um ato que pode ocorrer face a face ou a distância. No gênero entrevista oral, o evento comunicativo se efetiva face a face, e os interlocutores dialogam por meio de um discurso assimétrico. Pode-se dizer que entrevistar é coletar declarações, informações e opiniões que são utilizadas para divulgação, a fim de tornar o meio social conhecedor de algum conteúdo, tratado pelo entrevistador numa determinada situação de interação.

A entrevista possui uma linguagem expositiva, embora sejam encontradas outras sequências textuais no referido gênero. Ao tratar sobre esse gênero, Costa (2014, p.114) coloca: “[ela] pode designar também uma matéria jornalística em que se busca a opinião do entrevistado sobre determinado assunto (Pesquisa de opinião)”. O autor enfatiza que, na entrevista, os interlocutores assumem papéis diversos. Como discurso assimétrico, o entrevistado limita-se ao que lhe é perguntado, enquanto o entrevistador só exerce o papel de mero perguntador e organizador do diálogo, não podendo debater as respostas dadas, como ocorre no gênero debate.

No processo de diálogo estabelecido nas entrevistas, tanto entrevistador como entrevistado desempenham funções diferenciadas. Quem detém a palavra é o entrevistador que organiza e elabora as perguntas com base em um planejamento prévio para conduzir os turnos conversacionais e os tópicos. O entrevistado, por sua vez, limita-se ao que lhe é proposto durante a troca comunicativa.

Dessa forma, fica posto que a Análise da Conversação é uma área de pesquisa que estuda o modo como os significados, os sentidos e as funções pragmáticas são comunicadas não só nas conversações ordinárias, ou seja, não-formais, como também estuda as conversações formais e institucionais, como as várias formas de entrevista.

A entrevista é um evento comunicativo que se realiza em gêneros ou subgêneros diversos e pode ser usada com várias finalidades. Como gênero advindo da conversação face a face, a entrevista pressupõe pelo menos dois falantes: um entrevistador e um entrevistado (seguindo o par *pergunta-resposta*). Fica posto, então, o caráter oral desse gênero.

Em alguns meios de comunicação, como revistas e jornais, é possível notar que as entrevistas passam por um processo de retextualização³⁷, principalmente, devido à editoração do veículo de divulgação. Hoffnagel (2010, p. 204) esclarece o seguinte ponto sobre a retextualização das entrevistas editadas:

Não somente inclui-se apenas parte do material coberto na entrevista original, mas as marcas da oralidade (hesitações, falsos começos, repetições etc.) e da interação (comentário do ouvinte, sobreposições, pausas etc.) são eliminadas, tanto das respostas quanto das perguntas. Essas marcas são índices ou dicas que orientam a interpretação da interação.

De acordo com Moreira (2002, p. 54), a entrevista é “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente”, buscando evidenciar a história de vida de comunidades e suas experiências subjetivas para analisar as especificidades da formulação textual na fala desses participantes sociais.

Na tentativa de buscar uma definição mais precisa para a entrevista oral, Morais & Santos (2014) enfocam o caráter conversacional desse gênero e associam sua importância à possibilidade de os participantes interagirem e manterem o diálogo, com base no controle exercido pelo entrevistador que direciona as perguntas e o assunto tratado no evento comunicativo. Dessa forma, os autores caracterizam a entrevista oral como diálogo assimétrico, cujo locutor medeia a interação, ao passo que a controla.

Sendo assim, observa-se que, no texto falado, há uma organização tópica, com regularidades passíveis de investigação. Na entrevista, quem conduz o tópico é o próprio entrevistador, justificando a recorrência de turnos relativamente assimétricos presente nesse gênero. Nesse sentido, o locutor faz o controle devido do turno, estabelecendo não somente o início e o fim da entrevista, como também o assunto a ser desenvolvido no momento de interação.

³⁷ Entende-se por retextualização o processo pelo qual o texto oral ou escrito passa para simplificar as ideias, eliminando marcas orais, prolixidade, repetições a fim de que o texto seja direto. A respeito da *retextualização* consultar o livro de Marcuschi (2010a) **Da fala para a escrita**.

O entrevistado também utiliza várias estratégias que visam a evitar responder a algumas perguntas, desviando-se do assunto em questão e propondo outros aspectos que não foram elencados pelo entrevistador. Por isso, Hoffnagel (2010, p. 207) evidencia:

É importante dizer que o entrevistado não está completamente à mercê do poder do entrevistador. Aquele tem estratégias para evitar responder diretamente às perguntas deste. Principalmente nas respostas às perguntas abertas ou indiretas, o entrevistado pode enfatizar um aspecto da pergunta e ignorar outro e pode, às vezes, dar à pergunta uma interpretação completamente diferente da que foi pretendida pelo entrevistador.

Nesse caso, o entrevistador pode preservar sua face ou a face de sua comunidade, buscando responder o que lhe convier. Embora o entrevistador tenda a controlar a interação na entrevista, não significa que ele obrigue o entrevistado a responder o que não deseja. Quando acontece de o entrevistado não contribuir para uma resposta satisfatória, pode significar que não domina o assunto tratado ou não quer contribuir para o andamento da entrevista, talvez por haver uma tentativa de preservar o grupo social a que pertence.

Nos vários tipos de entrevista, há adequação de linguagem de acordo com o propósito específico (HILGERT, 1999). Nesse aspecto, a formulação do texto falado não é prevista pelos participantes da entrevista, mas ocorre simultaneamente com o seu planejamento. Em uma entrevista feita a um especialista em determinada área, por exemplo, tende-se a fazer uso da língua culta, linguagem mais padronizada. No caso de se fazerem entrevistas com quilombolas viventes em setor rural – objeto deste estudo – a linguagem tende a se adequar ao contexto campestre, evidenciando uma linguagem menos padronizada e mais coloquial.

Nessa mesma linha de pensamento, Hoffnagel (2010, p. 202) corrobora, evidenciando: “a linguagem usada nas entrevistas varia de acordo com público-alvo e o propósito e tópico da entrevista”. Evidentemente, a entrevista enquanto se realiza em gênero, tem um propósito comunicativo que corresponde a variadas situações, cabendo ao entrevistador adequar sua linguagem ao contexto no qual o entrevistado está inserido. Até a forma de como tratar o entrevistado deve ser posta em relevo.

Com base nos pressupostos teóricos trazidos pela literatura, pode-se fazer um quadro com as tipologias das entrevistas:

Quadro 2: Tipologia das entrevistas

Gênero	Subgênero	Entrevistador	Entrevistado	Público-alvo	Finalidade
Entrevista	Entrevista médica	Médico	Paciente	Paciente e familiares	Diagnosticar um problema de saúde
	Entrevista de emprego	Empregador	Trabalhador	Recursos humanos da empresa	Conseguir emprego
	Entrevista coletiva	Repórter	Pessoas públicas	Fãs ou sociedade	Promoção do entrevistado
	Entrevista jornalística	Jornalista	Especialistas, autoridades e outras pessoas	Pessoas interessadas em assuntos específicos, acadêmicos, pesquisadores, instituições etc.	Levantar informações ou opiniões

Fonte: Quadro elaborado com base nas discussões de Hoffnagel (2010).

As entrevistas a moradores de comunidades quilombolas assemelham-se ao subgênero entrevista jornalística, em virtude de ser uma pesquisa realizada com um certo planejamento prévio, combinação de local para ocorrência do evento, além de os dados gravados serem transcritos e servirem a pesquisadores e instituições que buscam enriquecer as investigações linguísticas na área do texto falado. Ao passo que se assemelha, também se diferencia em muitos aspectos, pois, enquanto a entrevista publicada em domínio jornalístico passa pelo processo de retextualização, a entrevista publicada na academia, não.

Ao fazer entrevistas com comunidades quilombolas, resgata-se sua cultura através da história da comunidade contada por eles mesmos. Por isso, pode-se, como funções básicas das entrevistas, suscitar informações ou opiniões dos moradores da comunidade (entrevistados considerados com maior grau de informações sobre a comunidade das mais diversas faixas etárias e gênero), bem como as diversas formas de interação e usos linguísticos. Além de resgatar a identidade e a memória da comunidade, também há possibilidade de interpretar e descrever os dados linguísticos, fatores que contribuíram para a realização desta pesquisa.

As entrevistas abordadas neste estudo têm finalidade acadêmica, na linha da AC, por isso elas guardam o sigilo dos nomes dos participantes por questões éticas em pesquisas. O que pode se verificar é que a todo momento entrevistado e entrevistador interagem: o entrevistado representa a comunidade onde vive; o entrevistador representa a instituição à qual está vinculado. A entrevista representa

um ritual específico, em que o entrevistado vai prestar informações, mostrando quem ele é e o que pensa sobre variados temas que, supostamente, domina.

No que concerne aos papéis desempenhados por entrevistador e entrevistado, Hoffnagel (2010) adverte que a figura em evidência no momento da entrevista não é o entrevistador e sim o entrevistado.

No que concerne às funções do entrevistador, pode-se descrever que ele abre e fecha as entrevistas:

Na abertura, o entrevistado é apresentado através de alguns dados biográficos pertinentes e a razão para a realização da entrevista é explicitada. No fechamento, há, às vezes, uma última pergunta para fechar o assunto da entrevista ou um resumo do que foi dito (HOFFNAGEL, 2010, p. 201).

No que respeita à abertura e fechamento das entrevistas, verifica-se que os entrevistadores seguiram o modelo apresentado por Hoffnagel (2010), processando as entrevistas de acordo com a estrutura tratada pelo teórico.

Exemplo 24 – Abertura e fechamento da entrevista

E1 – entrevista com Q. S. S. ... dona Q. ... como surgiu a comunidade? ... a senhora vai nos contar um pouco da história aqui da comunidade
 F4 – tá bom/ a comunidade coisou porque de primeiro era uma curadera que tinha ... essa curadera era chamada de Mariana ... pu Mariana ela ficou ... eu nasci já ca minha vó minha mãe mim insinuando que era a gente era ... da Mariana da Mariana por Mariana ficou ...
 [...]
 E1 – entendi ... a senhora tem alguma coisa a mais a a falar a acrescentar aqui a entrevista?
 [...]
 E1 – muito bem olha obrigado viu dona Q. terminamos a entrevista

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

O exemplo mostra que, na abertura, a entrevistada foi apresentado e logo se seguiu o assunto a ser tratado (a origem da comunidade); no fecho, ocorreu uma última pergunta que deixou a entrevistada à vontade para falar sobre o que quisesse e, por fim, surge o agradecimento à senhora que dispôs o seu tempo para a entrevista.

4.2.2 A organização da entrevista

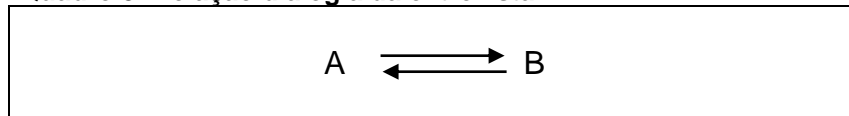
Ao observar que o modelo canônico da entrevista consta de pelo menos dois falantes, cada um com papel específico, em sua composição, Hoffnagel (2010, p.

196) destaca: “[...] o entrevistador, responsável pelas perguntas, e o entrevistado, responsável pelas respostas”.

Nesse sentido, Hoffnagel (2010) concorda com Marcuschi ao traçar que as entrevistas seguem uma organização: o entrevistador que, ao lançar a pergunta, introduz um tópico (assunto) para que a conversa se inicie; o entrevistado que responde ao que foi proposto pelo entrevistador; o entrevistador que mais uma vez se dirige ao entrevistado, estabelecendo outra pergunta sobre o mesmo assunto ou outro; o entrevistado que responde ao que foi posto.

Assim, pode-se estabelecer o seguinte esquema: Entrevistador-Entrevistado-Entrevistador-Entrevistado (A-B-A-B). Dessa forma, há uma constante relação, no par dialógico, em que o entrevistador (A) dirige uma pergunta (\rightarrow) ao entrevistado (B), que procede com uma resposta (\leftarrow) ao entrevistador, fazendo-se uma constante.

Quadro 3: Relação dialógica da entrevista



Fonte: Quadro elaborado pelo autor da pesquisa (2017).

Esse esquema mostra claramente o processo interativo estabelecido na entrevista e proporcionado pela existência dos papéis de entrevistador ($A \rightarrow B$) e entrevistado ($A \leftarrow B$). Vários estudiosos destacam aspectos centrais no momento interativo. Esses aspectos podem ser visualizados também nas entrevistas, de modo que os interactantes fazem parte de uma conversa formal, espontânea, contextualizada, com objetivos definidos e com preparação prévia e temas determinados por parte de quem entrevista.

Dionísio (2012) enfatiza que a organização da entrevista depende muito do processo interativo instaurado entre entrevistador e entrevistado, pois essa organização se reflete na estrutura do par P-R, em que o tópico será conduzido.

Para Fávero (2006), a entrevista é uma prática comunicativa que envolve as pessoas em práticas de inter-relação, pois a todo momento as pessoas assumem a posição ora de entrevistador, ora de entrevistado.

Como já foi elencado, nem todos os participantes da entrevista têm direitos iguais. O entrevistador exerce o controle do turno no momento interativo em que a

entrevista acontece. “O entrevistador pode simplesmente cumprir o papel de obter respostas ou dirigir de tal maneira que o entrevistado é conduzido às respostas pré-estabelecidas por aquele” (FÁVERO, 2006, p. 80), deixando, assim os participantes da entrevista em diferentes condições.

No entanto, pode ocorrer a inversão de papéis na entrevista: ao invés de o entrevistado responder à pergunta feita pelo entrevistador, dirige-se a este com outra pergunta em aprovação ou não ao que foi perguntado. A autora em questão deixa claro que o diálogo estabelecido na entrevista se caracteriza pela partilha de conhecimentos entre os interlocutores. Se acontecer de a pessoa entrevistada não quiser dar informações, a entrevista terminará ou nem começa, pois partilhar informações pressupõe um acordo estabelecido entre os participantes da entrevista.

Para a autora, quando os participantes da entrevista partilham seus conhecimentos, saem “modificados”. Assim, “cria-se um jogo duplo, porque é sempre possível a inversão da relação eu-tu, isto é, a qualquer momento o entrevistado pode alterar a direção da entrevista, tomando o turno ou mudando o tópico em desenvolvimento” (FÁVERO, 2006, p. 81).

Já foi observado, na seção 2, que o texto falado se caracteriza pelo não planejamento, tendo em vista que a conversação é assegurada pela espontaneidade dos interlocutores ao usar a língua para se comunicarem e estabelecerem laços de afetividade, de amizade e de interesses específicos.

No processo interativo que rege a entrevista, o planejamento se torna um aspecto relevante. Como a entrevista se materializa no ato em que está sendo executada, evidentemente, ganha o caráter da espontaneidade. No entanto, toda entrevista tem um certo grau de planejamento por parte do entrevistador. É interessante também observar que, dependendo do tipo de entrevista, há preparação tanto do entrevistador quanto do entrevistado.

No caso do *corpus* que será analisado na seção 5, houve uma preparação prévia do entrevistador por meio da anotação dos tópicos a serem desenvolvidos no momento da realização da entrevista. Da parte do entrevistado, não houve uma preparação prévia do assunto a ser tratado, fato que tornou a entrevista muito próxima da conversação espontânea, apresentando as seguintes características do texto falado: hesitações, repetições, paráfrases, marcadores, dentre outras marcas que compõem a oralidade.

Como se observa, a entrevista, enquanto prática comunicativa, segue uma conduta ordenada. Transpondo para as entrevistas as regras que governam qualquer interação verbal, concorda-se com Kerbrat-Orecchioni (2006) que divide essas regras em três categorias diferentes.

Na primeira categoria, a *alternância dos turnos de fala*, o princípio de gestão de turno é fundamentado pela atividade dialógica da conversação. Nas entrevistas, a sucessão dos turnos se dá pelo equilíbrio mantido entre os interlocutores que revezam os papéis de falante e ouvinte. Evidentemente, para manter o equilíbrio, deve-se manter uma negociação para que apenas um participante fale por vez.

Na segunda, a *organização estrutural da interação*, não basta apenas a alternância do turno para que a entrevista se consolide. É necessário também saber que a organização das entrevistas obedece a alguns princípios de coerência interna do texto falado. Os participantes do diálogo estabelecem uma relação de dependência condicional.

Como salienta Kerbrat-Orecchioni (2006), se um falante faz uma pergunta, espera-se que o interlocutor lhe responda. Essa autora enfatiza cinco unidades da organização das interações verbais. A partir do estudo dessas unidades, foi elaborado um quadro que, de modo particular, inscreve-se no tipo de interação estabelecido nas entrevistas discutidas ao longo desta seção.

Quadro 4: Unidades da organização da entrevista

UNIDADES BÁSICAS	NÍVEIS DE ORGANIZAÇÃO
Unidades dialogais	→Interação →Sequência →Troca
Unidades monologais	→Intervenção →Ato de fala

Fonte: Kerbrat-Orecchioni (2006).

Às unidades dialogais, compreendem a *interação*, a *sequência* e a *troca* porque fazem parte da relação estabelecida entre os participantes da entrevista. Os níveis dessas unidades são compreendidos da seguinte forma: a interação é a unidade comunicativa que apresenta a continuidade dos objetivos comuns a que os participantes se propuseram em negociar; a sequência é a unidade que estabelece o grau de coerência do tópico conversacional a fim de que a entrevista siga seu rumo, centrando-se nos objetivos da interação; a troca é a menor unidade dialogal e, para existir, é necessário haver pelo menos dois participantes que se revezem no diálogo.

Às unidades monologais, compreendem a *intervenção* e o *ato de fala*, pois são produzidas por um único falante da entrevista. A intervenção é a contribuição dada por um falante particular numa troca comunicativa, como acontece nas entrevistas. O ato de fala é constituído pelas intervenções dos falantes que perguntam e respondem.

Na última categoria, a *relação interpessoal*, trata-se das relações construídas através das trocas verbais entre os participantes da entrevista. A todo momento os participantes da entrevista estabelecem relações que os aproximam ou os distanciam.

As relações interpessoais possuem um conjunto de regras que criam um sistema de “direitos” e “deveres” aos participantes da interação verbal. Criam, dessa forma, expectativas que podem ser positivas ou negativas, pois as regras da conversação podem não ser seguidas, evidentemente, por serem flexíveis e dinâmicas.

A relação P-R favorece o uso de estratégias que, segundo Fávero (2006), servem de introdução de tópico, continuidade de tópico, redirecionamento de tópico e mudança de tópico. Pode-se dizer que a díade Pergunta-Resposta é de fundamental importância para os estudos conversacionais. É na entrevista oral que são possibilitadas a interação entre os falantes e a manutenção do diálogo, coordenado e controlado pelo entrevistador (MORAIS; SANTOS, 2014).

Fávero, Andrade & Aquino (2012) corroboram com a ideia de que há a presença de alguns elementos responsáveis pela organização do texto falado: o turno, o tópico discursivo, os marcadores conversacionais e o par adjacente. Todos esses elementos servem de auxílio para o andamento da interação entre os falantes.

Necessariamente, para a entrevista ser bem-sucedida, os participantes são obrigados a se envolver na conversação para que a interação aconteça de forma espontânea. Assim sendo, os falantes mantêm a atenção e o foco no tópico conversacional a fim de que a interação não fracasse (GOFFMAN, 2012).

Por isso, para que ocorra a entrevista, a presença do par adjacente é imprescindível. Torna-se impossível a realização desse evento sem ele. Evidentemente, além de existirem as perguntas, o entrevistador tem de utilizar estratégias variadas para que as respostas obtidas sejam boas ou mesmo revelem um certo grau de intimidade. Para isso, o entrevistado tem que se sentir à vontade e efetivar uma relação mais próxima com o entrevistador. Do contrário, a todo

momento o entrevistado mostrará por meio de usos verbais e não verbais que o assunto tratado é irrelevante para aquele momento.

Quando se falou do par adjacente, na seção 3, foi pontuado que essa sequência (P-R) se organiza em dois tipos de perguntas: *perguntas fechadas* e *perguntas abertas*. Nas entrevistas, as perguntas são caracterizadas pela tipologia aberta, pois, nelas, o respondente apresenta as informações livremente, sem ser induzido a dar respostas do tipo “sim” ou “não”. Quando existe ocorrência de perguntas fechadas, a função seria episodicamente interacional, muitas vezes para confirmar uma informação já dada anteriormente.

4.2.3 Envolvimento dos participantes na entrevista

No processo da entrevista, muitos estudiosos pontuam que entrevistador e entrevistado têm a obrigação de se envolverem na interação propiciada pelo momento interativo.

Garret (1991)³⁸ enuncia que, em entrevistas orais, as relações estabelecidas entre os interactantes seguem um sistema de práticas e regras próprios da interação face a face. Esse sistema funcionará como elemento orientador e organizador das trocas de mensagens estabelecidas pela alternância de turnos.

Os participantes da entrevista tendem a restringir seu envolvimento em direção ao tópico estabelecido na interação por meio de um acordo de polidez. Desse modo, os participantes da conversação devem seguir as regras de turnos e de pares adjacentes para uma boa condução do tópico em discussão. As convenções da conversação espontânea valem para as entrevistas, pois, por se concretizarem oralmente, assemelham-se à conversação cotidiana das pessoas.

Na entrevista, o grau do envolvimento não depende apenas do entrevistador. Sabe-se que ele deve controlar a situação em evidência, pois a relação estabelecida na díade P-R evidencia o discurso relativamente assimétrico. Nesse processo, o entrevistado, embora carregue as expectativas de seu grupo social, colabora para

³⁸ Garret (1991) publicou o livro *A entrevista: seus princípios e métodos* evidenciando as técnicas utilizadas nas entrevistas e trazendo grande contribuição no campo da Assistência Social. Ela coloca que a entrevista não serve apenas para indicar o processamento das relações humanas, mas também tem valor de estudo e pesquisa, fato que faz com que o trabalho dissertativo se relacione com os estudos da pesquisadora.

que os “desejos” do entrevistador sejam consolidados. O envolvimento é condição para a realização da entrevista.

Para Garret (1991), no jogo estabelecido pela entrevista, o entrevistado é levado a considerar o entrevistador como uma pessoa ideal, devido aos traços de polidez que auxiliam a interação e a continuidade dela. Ao se realizar a entrevista, os participantes partilham conhecimentos, concentram-se nos objetivos comuns, unem-se, convergem ou divergem em algum aspecto tratado durante o evento comunicativo.

Hilgert (2003), no artigo intitulado *A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante*, reflete sobre o papel do ouvinte nas diversas conversações estabelecidas no cotidiano. Transpondo para a entrevista o modelo proposto por esse autor, verifica-se que há vários fatores que tornam a entrevista colaborativa: as *repetições*, as *paráfrases*, a *correção*, a *negação* e o *desconhecimento*.

As *repetições* são recursos primordiais na formulação do texto falado. Então, seu uso nas entrevistas assemelha-se à conversação espontânea: geralmente, um termo surge como matriz pelo falante do turno em construção, colaborando para que o interlocutor formule seu texto a partir da repetição dessa matriz.

As *paráfrases* são recursos utilizados pelo falante corrente que incorpora, em seu turno, algo dito pelo interlocutor por meio de retomadas. Conforme Hilgert (1999), as atividades parafrásicas apresentam dois elementos de construção do texto: o *enunciado de origem* (que serve de base para a paráfrase) e o *enunciado reformulador* (o dizer de outro jeito).

Ainda, segundo o autor, é possível acontecer dois tipos de paráfrases: a *autoparáfrase* (acontece quando o falante repete seu próprio enunciado) e a *heteroparáfrase* (acontece quando o interlocutor parafraseia o texto produzido pelo outro falante).

A *correção* é um tipo de interação estabelecida quando o interlocutor faz correção de alguma “falha” ou “erro” do falante corrente. A esse respeito, Barros (1999) salienta que há dois tipos de correção: a *reparação* (ocorre quando o falante comete uma infração de ordem conversacional) e a *correção propriamente dita* (recebe a definição genérica de correção como ato de reformulação).

A *negação* acontece quando ocorrem falhas de ordem interpretativa nas entrevistas: o interlocutor não percebe que o locutor usou uma metáfora ou uma brincadeira e acaba não aceitando o que foi dito. No entanto, a negação não é

condição para a interrupção do tópico em evidência. O interlocutor releva o que foi dito pelo locutor, mantendo, assim, a interação.

O *desconhecimento* ocorre quando o interlocutor desconhece o item colaborativo do tópico enunciado pelo falante. O desconhecimento permite que o serviço de colaboração entre em ação para o esclarecimento do que não foi entendido, fazendo com que o interlocutor passe a se inteirar do assunto.

Esses cinco fatores estão presentes nas entrevistas, servindo para a continuidade do assunto tratado. A atividade colaborativa faz parte do processo que envolve entrevistador e entrevistado na interação centrada/focalizada.

As considerações ao longo desta seção buscaram confirmar as relações entre os interlocutores no gênero entrevista oral. Através da revisitação teórica de vários autores que estudam a entrevista, buscou-se pontuar o papel social desse gênero frente às necessidades e finalidades a que se propõem entrevistador e entrevistado ao partilharem seus conhecimentos.

5 QUESTÕES METODOLÓGICAS E ANÁLISE DO *CORPUS*

A metodologia utilizada no processo da pesquisa teve a contribuição dos seguintes teóricos: Husserl (2000), sobre a validade do método fenomenológico no fazer ciência; Flick (2004), acerca da pesquisa qualitativa; Moreira (2002) e Gil (2008), a respeito do método fenomenológico em pesquisa qualitativa; Minayo (1998), que trata das concepções metodológicas em pesquisa social; e Cestero Mancera (2000), que pontua sobre a importância dos procedimentos metodológicos voltados à Análise da Conversação.

Por último, estabeleceram-se a constituição do *corpus* e sua análise incidindo sobre o uso de repetições em entrevistas orais. Assim sendo, esta seção estabelece o *modus operandi*³⁹ de como se processou a busca do conhecimento inerente a esta pesquisa, desde o levantamento dos dados que fundamentaram o trabalho aos seus resultados analíticos.

5.1 Metodologia usada na pesquisa

O trabalho de pesquisa aborda as concepções teórico-metodológicas que exigem uma atividade processual e sistemática dos dados colhidos e analisados. Como todo trabalho tem um caminho a percorrer, Minayo (1998, p. 16) assegura que o trabalho de pesquisa aborda concepções teóricas e metodológicas que ajudam na construção da realidade:

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática.

O conhecimento exige uma atividade processual que necessita de parâmetros a fim de que o objeto pesquisado siga seu curso científico sem o estigma da dúvida, da mediocridade humana. A atividade de pesquisar envolve teoria e prática, pensamento e ação, por isso a autora advoga: “[...] *nada pode ser intelectualmente*

³⁹ Expressão latina que designa o processo percorrido pelo pesquisador para o desenvolvimento, as análises e os resultados do trabalho científico.

um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO, 1998, p. 17)⁴⁰.

No percurso do trabalho de pesquisa, a teoria ganha sua importância porque é através dela que se configura a criação de novas perspectivas do conhecimento. A teoria, constituída por outros estudiosos, elucida o objeto que se propôs a investigar, com a finalidade de compreendê-lo e explicá-lo como fenômeno do domínio empírico da teoria.

Minayo (1998) salienta que, por mais sofisticada ou elaborada que seja a teoria, nenhuma pode ser tida como absoluta, no sentido de poder explicar todos os fenômenos que envolvem o processo de pesquisa. Nesse entendimento, a autora coloca que cada corrente teórica constitui seus conceitos, que dão sentido às análises dos dados. Assim, as teorias cumprem as seguintes funções:

- a) colaboram para esclarecer melhor o objeto de investigação;
- b) ajudam a levantar as questões, o problema, as perguntas e/ou as hipóteses com mais propriedade;
- c) permitem maior clareza na organização dos dados;
- d) e também iluminam a análise dos dados organizados, embora não possam direcionar totalmente essa atividade, sob pena de anulação da originalidade da pergunta inicial (MINAYO, 1998, p. 18-19).

Essas funções permitem observar a pesquisa como atividade artesanal, realizada por meio da linguagem, fundada em conceitos advindos da teoria e construída com ritmo próprio, que mostre o novo com base no material existente, capaz de originar novas compreensões e interrogações.

As investigações processadas neste trabalho permitiram reconhecer os traços linguísticos advindos das conversações face a face, presentes nas transcrições dos dados coletados de entrevistas com moradores da comunidade remanescente estudada, pois o *corpus*, composto por entrevistas, possui as sequências conversacionais representadas pelo par *pergunta-resposta* (P-R).

Considerando o caráter dinâmico dos gêneros conversacionais, as várias estratégias de formulação textual no gênero entrevista oral possibilitaram a compreensão do processo comunicativo estabelecido entre os participantes, o que confere ao *corpus* traços característicos da conversação espontânea. Como atividade organizada, as entrevistas realizadas implicam uma construção colaborativa entre os interactantes.

⁴⁰ Grifos da autora.

Os estudos conversacionais possibilitam as análises, considerando os fenômenos interacionais dos falantes, como também a articulação dos vários mecanismos da fala dos interactantes, preocupando-se com a formulação e a composição do par P-R.

Tendo em vista o mencionado, pode-se analisar no *corpus*, constituído a partir das transcrições das entrevistas orais gravadas em áudio, os turnos conversacionais, os marcadores discursivos, as sequências conversacionais, as marcas de oralidade, os modalizadores, a coerência e a coesão conversacionais, a cortesia, a organização tópica, o uso de repetições, dentre outros mecanismos próprios da interação face a face.

Como se pôde verificar, o ciclo da pesquisa nunca se fecha, pois seu processo sempre provoca novas questões acerca dos conhecimentos obtidos. Os métodos de interpretação da linguagem verbal, especificamente, das entrevistas orais, revelam os fenômenos básicos da interação face a face, que acontece devido ao envolvimento dos participantes que se propuseram a *cooperar* (GRICE, 1975).

5.1.1 Perspectiva metodológica aplicada aos estudos conversacionais

Buscando apresentar uma metodologia para a Análise da Conversação, no sentido de situá-la mediante as análises dos fenômenos apresentados pelo contexto da interpretação dos dados, Cestero Mancera (2000) expõe que os procedimentos metodológicos da AC envolvem quatro passos: coleta de materiais, transcrições minuciosas das gravações, análises dos materiais e apresentação dos resultados.

Esses passos, em suas especificidades, foram eficazes para a construção desta pesquisa. Observando os passos preconizados por Cestero Mancera (2000), esta pesquisa enveredou caminhos que a constituem objeto de pesquisa da AC devido aos seguintes processos: *coleta de materiais, transcrições das gravações, análise dos materiais e divulgação dos resultados*.

A *coleta de materiais* se efetivou com as gravações de entrevistas, em contexto específico, o que permite dar validade aos dados coletados. A gravação das entrevistas permitiu à pesquisa observar a interação existente entre os participantes que foram entrevistados, fornecendo o material necessário para que se pudesse analisar as categorias conversacionais presentes no *corpus*.

A entrevista, entendida como conversa que exige a formulação de perguntas e respostas, apresenta propósitos bem definidos e procedimentos técnicos. Por meio dela, foram colhidos dados linguísticos relevantes para o conhecimento da linguagem e da realidade social dos agentes participantes.

Foi possível também colher dados objetivos e subjetivos de indivíduos ou da comunidade. A interpretação desses dados está fortemente relacionada a fatores como a cultura, os valores, as crenças dos atores sociais que participam da entrevista.

As entrevistas realizadas seguiram um modelo estruturado por meio de perguntas previamente formuladas⁴¹, versando os seguintes tópicos: surgimento da comunidade quilombola, estilo de vida, casamento, relação da comunidade com a Serra da Barriga, artesanato, hierarquia entre os membros da comunidade, práticas religiosas, educação, saúde, trabalho/emprego e moradia etc.

As perguntas foram realizadas por diferentes entrevistadores e a diversas pessoas da comunidade quilombola. Ao elaborar o roteiro, foram feitas algumas suposições básicas: adequação da linguagem a fim de que as perguntas fossem formuladas com palavras familiares aos respondentes; a cada morador entrevistado obteve-se um contexto diferente e conhecimentos partilhados diferentes; a cada entrevistado foi utilizada uma habilidade de formulação de perguntas.

É importante ressaltar que, nas entrevistas, foram evidenciados o tipo de discurso do entrevistado, a importância da atuação do entrevistador na construção do texto oral, os tópicos recorrentes na entrevista e a reconstrução da memória da comunidade pelo morador.

Fazer entrevistas na comunidade quilombola é muito importante para manter a tradição oral local e fazer um resgate da história daquele povo, a qual pode ser perdida devido a muitos jovens que saem da comunidade e migram para outros lugares em busca de empregos, aos povos mais velhos que vão morrendo e a chegada de novos habitantes na comunidade.

As *transcrições das gravações* aconteceram com base na escuta repetida das entrevistas, o que permitiu a localização das categorias a serem analisadas. É importante destacar que não existe uma transcrição considerada melhor (MARCUSCHI, 2003). Mas é importante observar que o tratamento das entrevistas

⁴¹ Consultar Anexo A – Roteiro-guia para as entrevistas.

gravadas seguiu normas de transcrição sugeridas por Marcuschi (2003) e Preti (2006)⁴². É interessante pontuar que o processo de gravação das entrevistas foi o que tornou a transcrição confiável.

O processo de *análise dos materiais* se deu por meio da leitura das transcrições acompanhada da escuta repetida dos áudios gravados. Por isso, Silva (2005, p. 44) observa: “o melhor é utilizar, ao mesmo tempo, a gravação e a transcrição” para que apareçam os fenômenos pertinentes para a análise. Para a AC, o método de análise é indutivo, pois os dados a serem analisados são extraídos de situações reais, comprovadas empiricamente (*a posteriori*). Assim, a AC estuda qualquer tipo de interação, como as conversações espontâneas e as entrevistas.

O último processo, a *apresentação dos resultados*, dá-se com a divulgação das conclusões que chegaram a partir da análise do material. As análises são direcionadas a partir de teorias já postuladas e consolidadas cientificamente, o que torna os resultados comparáveis a outros tipos de materiais existentes.

Esses passos se constituem pela sua importância para se interpretar as entrevistas realizadas aos quilombolas da comunidade Mariana, pois as ações interativas realizadas pelos participantes (entrevistador e entrevistado) pertencem a situações reais do cotidiano, as quais se abstêm de modelos *a priori*, cujo método indutivo revela o fenômeno linguístico investigado.

5.1.2 Acerca da pesquisa qualitativa

Esta pesquisa segue o método qualitativo, que evidencia o estudo do homem enquanto ser agente, de convívio social. É o ser que interpreta o mundo em que vive, sua linguagem, sua comunidade, seus hábitos. Servindo-se do tipo de pesquisa qualitativa (MOREIRA, 2002; FLICK, 2004), seguindo o método fenomenológico (HUSSERL, 2000; MOREIRA, 2002; FLICK, 2004; GIL, 2008), foram colhidos, em várias situações, dados que comprovem, empiricamente, a oralidade de um povo sofrido, trabalhador rural e remanescente quilombola, a partir de sua história contada por eles mesmos.

Além do mais, a pesquisa seguiu uma análise processual desses dados investigados em entrevistas, fazendo com que seu uso se aproxime estritamente do

⁴² Consultar Anexo B – Tabela com as normas de transcrição das entrevistas.

contexto educacional. Como a pesquisa foi voltada a entrevistas orais, seguindo a perspectiva fenomenológica, foram utilizadas palavras reais dos participantes, as quais ajudaram no processo de interpretação, descrição e análise dos dados.

Para Minayo (1998, p. 22), a pesquisa qualitativa está preocupada com a interpretação dos dados analisados: “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. A autora expõe a abordagem qualitativa da pesquisa a partir da dicotomia existente entre as seguintes correntes: o *Positivismo*, a *Sociologia Compreensiva* e a *Dialética*.

Para a autora, somente a Dialética seria capaz de resolver o impasse deixado pelas outras duas correntes, buscando compreender a realidade como um todo constituído de fenômenos que processam teoria e prática, pensamento e ação. Minayo (1998) acrescenta que o Positivismo está mais preocupado com posturas quantitativas para a compreensão da realidade, mensurada pela matemática. A Sociologia Compreensiva é criticada por enfatizar o subjetivismo dos pesquisadores na compreensão dos dados analisados. Desse modo, para a referida autora, tanto a abordagem positivista quanto a interpretacionista são insuficientes para clarificar a realidade observada. Por fim, ela conclui que a atividade de pesquisa se constitui um trabalho complexo, porém que se deve perseguir.

Para Moreira (2002), a natureza da pesquisa qualitativa está associada às seguintes características: *a) interpretação* dos dados que foram coletados, de acordo com a visão dos participantes⁴³; *b) subjetividade* do informante deve ser valorizada, servindo de critério para manter uma pesquisa empírica, cujo conhecimento se mostra espontaneamente por meio da consciência de seus participantes; *c) flexibilização* no processo de pesquisa, pois o pesquisador deve eliminar seus julgamentos *a priori*; *d) análise processual* dos dados coletados, pois a pesquisa deve ser entendida em seu processo, livre de qualquer juízo que a torne produção acabada e finalizada; *e) contexto*, propriedade a ser observada pelo pesquisador, pois as análises do *corpus* devem indicar comportamentos dos informantes e sua relação com a experiência linguística vivida na comunidade de que participam e/ou convivem.

⁴³ Nesse contexto, participantes são aqueles informantes que foram entrevistados na pesquisa.

Corroborando com a ideia de pesquisa qualitativa entendida em seu processo, Flick (2004, p. 18) salienta que “os estudos são planejados de tal maneira que a influência do pesquisador (entrevistador, observador etc.) possa ser excluída ao máximo”. Essa exclusão faz garantir a objetividade da pesquisa enquanto ciência.

Obviamente, comenta o teórico, as descobertas advindas do processo de pesquisa são “[...] influenciadas pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos” (FLICK, 2004, p. 19). Dessa forma, cabe um olhar especial para o contexto não somente de realização da coleta de dados, como também da cultura em que os informantes estão envolvidos.

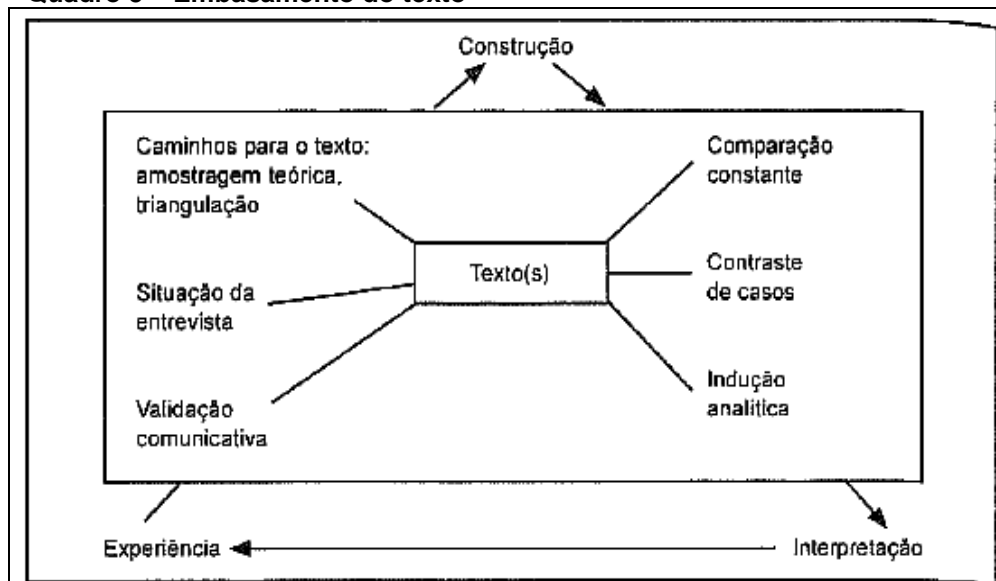
Esse autor indica três fundamentos utilizados no processo de pesquisa qualitativa: “experiências provenientes de sua aplicação em estudos empíricos, experiências do seu ensino a estudantes e experiências que provenham do treinamento de pesquisadores em projetos em progresso” (FLICK, 2004, p. 26). É importante ressaltar que o ponto de partida usado pelo referido autor na construção do trabalho científico de cunho qualitativo consiste em se trabalhar, especificamente, com textos.

Na trajetória deste trabalho, a teoria utilizada elucidada, pertinentemente, o trabalho de campo, realizado com as entrevistas, que marcam a construção de textos a partir de dados verbais orais gravados. É por meio do material gravado que os dados verbais são transcritos e documentados em textos escritos para se processarem as interpretações.

Sobre esse aspecto, Flick (2004) salienta que, em pesquisa qualitativa, a subjetividade do pesquisador deve também ser considerada, no sentido de que suas reflexões podem auxiliar o processo de interpretação dos dados, como, por exemplo, as observações e impressões feitas em diário de campo e outras anotações do entrevistador.

Para Flick (2004), o processo de construção do trabalho científico, ou seja, o processo de redação do texto dissertativo constará de teorias e práticas de análises empíricas das várias situações que aparecem nas entrevistas, como se pode observar no quadro 5. A construção do texto científico se dá por meio da triangulação dos dados verbais com a teoria estudada. Nesse processo, há comparação constante dos elementos empíricos com os teóricos, o que favorece a interpretação por meio da indução.

Quadro 5 – Embasamento do texto



Fonte: Flick (2004, p. 254).

O autor ainda coloca que os textos são utilizados como materiais empíricos. É desse envolvimento que os textos resultam em interpretações, pois eles são elementos centrais no processo de (re)construção da experiência. Assim, os textos cumprem três finalidades: “representam não apenas os dados essenciais nos quais as descobertas se baseiam, mas também a base das interpretações e o meio central para as apresentações e a comunicação das descobertas” (FLICK, 2004, p. 45). Só assim os textos passam a servir de instrumentos de interpretação. Essa interpretação confere aos textos sua objetividade enquanto descoberta inédita da ciência da linguagem.

5.1.3 O método fenomenológico

Seguir o método fenomenológico⁴⁴ na pesquisa qualitativa é conceber a própria essência do ato de pesquisar esquivando-se de ideias preestabelecidas. Um pesquisador deve tratar o objeto pesquisado como fenômeno passível de se mostrar e ser apreendido pelo pesquisador.

Em sua busca fenomenológica, Husserl (2000) propõe uma postura ao problema do conhecimento, cujo pesquisador se distancia de seus julgamentos num

⁴⁴ Husserl (2000) explica que a palavra fenômeno (*φαινόμενον*) apresenta duplo sentido: o *aparecer* e o *que aparece*, significando efetivamente o segundo sentido.

processo chamado *epoché*⁴⁵, processo pelo qual as ideias preconcebidas pelo pesquisador eram colocadas em suspensão. O conhecimento primeiro de si, consoante o autor, torna o problema passível de solução, permitindo a clareza de respostas frente a obscuridade das perguntas. O filósofo, estabelecendo a crítica ao conhecimento, reporta-se à *epoché*, e coloca a seguinte questão:

Se nada lhe é permitido pressupor como *previamente dado*, deve então começar por algum conhecimento, que ela não toma sem mais de outro lado, mas antes a si mesma o dá, que ela própria põe como conhecimento primeiro” (HUSSERL, 2000, p. 53)⁴⁶.

De acordo com Mondin (2003), *epoché* não significa colocar o conhecimento em dúvida, mas, antes, abster-se dos conhecimentos adquiridos previamente ao momento das análises dos dados, para poder iniciar o momento gnosiológico do princípio.

Nesse sentido, Moreira (2002, p. 88) explicita esse processo de conhecimento: “na *epoché*, o filósofo não duvida da existência do mundo, mas essa existência deve ser colocada entre parênteses, exatamente porque o mundo existente não é o tema verdadeiro da fenomenologia”.

A proposta de Husserl (2000) está voltada para o mundo da experiência, pois é dele que todas as ciências brotam. Essa proposta fenomenológica visa a descrever o fenômeno pesquisado e não a explicá-lo, pois, para o filósofo, a fenomenologia volta-se para como o objeto estudado se manifesta.

Para ele, “o método de crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 2000, p. 22). Essa crítica não põe em xeque a validade do conhecimento, mas, antes, elucidada sua validade.

Corroborando com essa ideia, Gil (2008) destaca que, nas pesquisas que utilizam o enfoque fenomenológico, as coisas não precisam ser explicadas com base em leis ou princípios. O método fenomenológico proporciona ao pesquisador a descrição da experiência dada como ela é. Por relacionar-se diretamente com a

⁴⁵ *Epoché* (ἐποχή) é um termo, de origem grega, adotado por filósofos céticos que significa ‘colocar entre parênteses’. Em Husserl, esse termo ganha novo significado: abstenção de emitir quaisquer juízos sobre o objeto estudado pelo método fenomenológico. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Suspens%C3%A3o_do_ju%C3%ADzo >. Acesso em: 22 fev. 2017.

⁴⁶ Grifos do autor.

consciência do sujeito que apreende o objeto, o pesquisador deve, pois, excluir tudo o que pode modificar a análise dos dados levantados.

O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito de sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa. [...] O objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito (GIL, 2008, p. 14).

Traçado o caminho para o conhecimento, Husserl (2000) aplica ao método empírico fenomenológico o conceito de *redução fenomenológica*. A redução fenomenológica diz respeito à possibilidade de o pesquisador poder conhecer a verdade do objeto apreendido (sujeito-pesquisado). Ao descrever o método, o filósofo declara que é possível apreender o conhecimento excluindo-se “[...] tudo o que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro” (HUSSERL, 2000, p. 29).

Ainda, o filósofo articula a teoria de *redução fenomenológica* em dois momentos: *redução eidética* e *redução transcendental*. Na *redução eidética*, ocorre a suspensão do juízo a respeito do dado pesquisado, objeto real de estudo. Nessa etapa, a fenomenologia se aplica à análise das representações do objeto, visto como pura representação, “[...] prescindindo-se da existência tanto do sujeito cognoscente como do objeto conhecido” (MONDIN, 2003, p. 185).

Na *redução transcendental*, ocorre a suspensão do juízo acerca dos conteúdos de análise das categorias do conhecimento. Nessa etapa, a fenomenologia decorre do “eu” (consciência pura) que transcende a qualquer conhecimento para se manifestar “[...] como intencionalidade, como tendência para um objeto” (MONDIN, 2003, p. 186). Dessa forma, a experiência com o objeto em análise se manifesta em conhecimento pela simples razão de ser em atos cognitivos⁴⁷, volitivos⁴⁸, apetitivos⁴⁹ etc.

Nesse entendimento, o caminho percorrido neste trabalho seguiu o método fenomenológico, em que o pesquisador abandona quaisquer tipos de julgamentos preconcebidos, deixando o conhecimento nascer de sua experiência com o objeto pesquisado.

⁴⁷ Relativo ao conhecimento a que o homem está propenso. Consultar Mondin (2005).

⁴⁸ Acerca da vontade humana, conforme Mondin (2005).

⁴⁹ Qualquer inclinação do homem para o bem (MONDIN, 2005).

5.2 Aspectos culturais da comunidade quilombola Mariana

A comunidade quilombola Mariana está situada no município de Santana do Mundaú-AL. De acordo com o ITERAL, esta comunidade recebeu a certificação de quilombola em 19 de novembro de 2009 e abriga cerca de 35 famílias. Com a realização desta pesquisa, percebeu-se o interesse desse povo em manter sua história e suas tradições por razões vinculadas ao seu reconhecimento enquanto comunidade quilombola. Em meio a tantos sofrimentos diários e preconceitos, o governo chancela o reconhecimento “[...] daqueles que, historicamente, foram excluídos, a população afrodescendente, em geral, e, no bojo desta, os quilombolas” (SILVA, 2015, p. 43).

A cultura de um povo compreende o ambiente em que o homem expressa sua linguagem, seus costumes, suas crenças, seus hábitos, suas ideias, seus valores, bem como a organização do espaço em que vivem (MONDIN, 2005). É nesse parâmetro em que o contato do pesquisador com o ambiente em que vivem os entrevistados se torna imprescindível para o bom êxito da pesquisa e o tratamento dos dados.

Em Mariana, os quilombolas sobrevivem do plantio e colheita da laranja, como também de lavouras temporárias, como o milho, batata, feijão etc. Alguns moradores, em época de moagem, saem da comunidade para cortar cana-de-açúcar em lugares que cultivam esse tipo de plantação, sobretudo, em União dos Palmares e São José da Laje, municípios vizinhos. Também alguns filhos de moradores de Mariana passam metade do ano no estado de Mato Grosso trabalhando, depois retornam para viver do seguro desemprego, fazendo-se uma constante todos os anos.

Algumas famílias possuem veículos automotivos, não dependendo mais de transporte coletivo. No dizer de um dos moradores, eles trocaram o cavalo pela moto e pelo carro. Mensalmente recebem a visita médica e uma cesta básica do governo federal. Estão encaixados em programas sociais de transferência de renda (Bolsa Família), outros são aposentados.

As entrevistas vêm mostrar o convívio entre os quilombolas da comunidade, sua identidade enquanto negros e sua resistência política, social e cultural. Como se observa na entrevista 4, o fortalecimento da comunidade passa a se efetivar com a certificação de quilombolas. Isso fez com que se combatesse o racismo e a

discriminação vividos por eles. Começaram também a ser reconhecidos pelos vizinhos como gente, como negros, como quilombolas, conforme se verifica no exemplo 25.

Exemplo 25 – O fortalecimento da comunidade	
F4 –	é ... é ... a gente era muito homilhada ... dane da minha vó que a gente era muito homilhada pelo povo ao redó ... só chamava a gente de raça de mundiça porque agente num tinha nada ... a gente num tinha nem uma cama pra durmi agente num tinha nada na vida aí o povo chamava noi de mundiça ... os minino brigava muito ... assim encrencando de um pra outro sabe?
E1 – sim	
	[[
F4 –	mais aí ficou esse nome de Mariana oia a raça da Mariana oia a mundiça ... hoje ... eles são louco pra entrá na raça aqui na Mariana ... e hoje num tem brecha pra eles mai né ... a gente num podia nomorar com rapais de fora assim de redó que eles num deixava ... você vão si misturá com aquela ... raça de cachorro era o nome qui a gente levava aqui ...
E1 –	ah então quer dizer que ... é geralmente a os casamentos ... aconteciam da própria família?
F4 –	era se vinhesse alguem de fora sabe?
E1 –	alguém de fora
F4 –	aiguém de fora ... que se o povo num pudesse te afastar assim pá conta uma coisa que a gente era ou num era ... mais só qui graças a Deus a gente num era o que eles pensava
E1 –	entendi
F4 –	é hoje eles estão lôcos pa entrá aqui que é da do coisa dos quilombola ...
E1 –	a comunidade cresceu ...
	[[
F4 –	e tu é é aí eles quere ... entrar aqui mais agora num tem mais jeito né?

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Como se verifica, F4 se queixa do tratamento que eles recebiam antes da certificação como povo quilombola: “a gente era muito homilhada pelo povo ao redó ... só chamava a gente de raça de mundiça”; “a gente num tinha nem uma cama pra durmi agente num tinha nada na vida aí o povo chamava noi de mundiça”; “raça de cachorro era o nome qui a gente levava aqui ...”. Quando foram reconhecidos, passaram a ser visitados, a receber cestas básicas, a ter direito a algum benefício social do governo, o modo de serem tratados pelos vizinhos também muda: “hoje ... eles são louco pra entrá na raça aqui na Mariana”; “é hoje eles estão lôcos pa entrá aqui que é da do coisa dos quilombola”; “entrar aqui mais agora num tem mais jeito né”.

Outro aspecto que se pode destacar nas entrevistas é o fato de que, mesmo antes de se ampliar a educação escolar, em nível nacional, para incluir a população afrodescendente, os próprios membros da comunidade iniciam o processo educativo de suas crianças através da construção de uma escola, mesmo sem o reconhecimento legal da secretaria de educação do município, consoante exemplo 26.

Exemplo 26 – Processo educativo

E1 - é:: o senhor sabe em que época foi construída, desde quando ela está ... aqui na comunidade?
 F14- eu acho que essa escola deve está aqui: ... eu acho que mais ou meno dos ano 70 ... eu penso assim ... quem fundou essa escola aqui foi meu pai ... ele tinha um bucado de filho ... e aquele pessoal muito: rívido com os filho ... num dava a oportunidade de ninguém estudar lá fora ... e então ele preferiu arru/ fazer uma casinha ... arrumar uma professora ... como ele feizi e pagava do bolso dele pra ensinar os filho na casinha dele lá ... depois foi qui surgiu: o tempo foi aumentando mais a população e surgiu até um grupo qui tem aí ... com o nome do meu pai ... J. P. S. ...
 E1 – é o nome do seu pai
 [
 F14- é o nome do meu pai qui foi o fundador disso aqui ... dessa escola aqui

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Percebe-se, pela entrevista que F14 orgulha-se por seu pai ter começado o processo educativo na comunidade: “quem fundou essa escola aqui foi meu pai”. A escola foi fundada em meados dos anos 70, com a finalidade de educar os filhos dos quilombolas, pois, como o entrevistado salienta, o pai dele era muito rívido e não permitia que seus filhos fossem estudar fora: “muito: rívido com os filho ... num dava a oportunidade de ninguém estudar lá fora”. Como seu pai não permitia que os filhos saíssem da comunidade para estudar fora, ele mesmo era quem financiava a educação dos filhos: “e então ele preferiu arru/ fazer uma casinha ... arrumar uma professora ... como ele feizi e pagava do bolso dele pra ensinar os filho na casinha dele lá”. Ao passo que a população foi aumentando, surgiu a necessidade de se construir uma escola pública na comunidade: “depois foi qui surgiu: o tempo foi aumentando mais a população e surgiu até um grupo qui tem aí”. Na entrevista, percebe-se também a expressão de agradecimento do entrevistado: “é o nome do meu pai qui foi o fundador disso aqui ... dessa escola aqui”.

Kerbrat-Orecchioni (2006) destaca a importância do contexto para a análise de qualquer material falado. Ela assegura que o contexto, no enfoque interacionista, é inerente às situações de comunicação concretas. Desse modo, é possível traçar as seguintes características contextuais ocorridas nas entrevistas realizadas com os moradores da comunidade quilombola Mariana: o *lugar*, o *objetivo*, os *participantes*, os *papéis interlocutivos*, os diferentes *tipos de receptores*, o *tropo comunicacional*, os *papéis interacionais*, o *papel do contexto* e *as relações entre o contexto e o texto conversacional*.

No que respeita ao *lugar*, a entrevista ocorreu em espaço aberto. A líder da comunidade juntou os moradores da comunidade que iriam participar das entrevistas com a equipe de pesquisadores na área de uma casa. Quanto ao *objetivo*, as entrevistas foram realizadas com intuito de saber a história oral da comunidade

quilombola contada pelos próprios quilombolas; a partir das análises do *corpus*, foram evidenciadas as categorias conversacionais de maior recorrência.

Em relação aos *participantes*, as entrevistas foram realizadas face a face, com informantes pertencentes à comunidade, seguindo os seguintes perfis: homens e mulheres, divididos em três grupos de idade (15 a 30 anos; 31 a 49 anos; 50 anos em diante). Os participantes são trabalhadores rurais (agricultores), domésticas e estudantes.

No que se refere aos *papéis interlocutivos*, as entrevistas seguiram o par dialógico P-R. De um lado, o entrevistador, com o papel de fazer as perguntas; de outro, o entrevistado, com a designação de responder, cada um com seus turnos bem definidos. Quanto aos diferentes *tipos de receptores*, houve a definição de quem seriam os entrevistados (participantes reconhecidos). As perguntas foram direcionadas tão somente aos destinatários diretos ou alocutário. Entrevistador e entrevistado se distanciavam dos outros participantes para iniciar o processo de entrevista (distante das conversas paralelas que poderiam prejudicar a gravação da conversa). Embora se tenham definido os participantes, também aconteceu de aparecer testemunhas da troca comunicativa, a exemplo de espectadores ocasionais, pois o espaço onde ocorreu a entrevista foi um lugar aberto e de grande fluxo de pessoas que passavam pela estrada (próxima ao local).

Em relação ao *tropo comunicacional*, o ato comunicativo ocorreu, individualmente, com cada participante alocutário que se dignou responder aos questionamentos feitos a respeito da comunidade onde vive. Aparentemente, pode-se dizer que as perguntas se dirigem a eles, enquanto atores sociais. Na realidade as perguntas eram direcionadas à comunidade da qual o participante participa, sendo seu representante, em sua totalidade: o conhecimento da comunidade quilombola sob o ponto de vista e repertório do membro quilombola.

No que concerne aos *papéis interacionais*, nas entrevistas, os papéis dos falantes (entrevistador e entrevistado) são complementares. Ocorre uma conversação assimétrica na troca comunicativa. Os participantes cooperam entre si, como se estabelecessem um contrato para a realização do evento comunicativo e exercem papéis diferentes na interação: o entrevistador, acadêmico, constitui um *status* mais estável na entrevista; o entrevistado, informante quilombola, contribui para que o conhecimento se efetive por meio dos dados fornecidos por ele.

Quanto ao *papel do contexto*, os dados contextuais favorecem uma boa interpretação do *corpus* em análise. Por isso, no processo de produção do texto conversacional, selecionam-se os temas a serem discutidos, as formas de tratamento dos interlocutores, a adequação da linguagem, os atos de fala etc. Na interpretação dos dados coletados e transcritos, deve-se atentar para os implícitos que apenas os fatores contextuais são capazes descrever. A ausência do contexto para a interpretação pode trazer perdas irreparáveis na divulgação das análises.

Por último, no que respeita às *relações entre o contexto e o texto conversacional*, sabe-se que a linguagem verbal ocorre, primeiramente, sob a forma oral. Desse modo, o material linguístico obtido nas entrevistas é gravado em aparelho captador de áudio e depois transcrito seguindo as normas de convenção para a transcrição de falas. Essas transcrições favorecem observar o fenômeno gravado em áudio. A interpretação desses dados acontece pela escuta repetida dos dados orais e sua leitura propiciada pela transcrição.

A relação entre contexto e texto se dá por meio do processo que é construído ao longo do desenvolvimento da entrevista. A cada tópico discutido, a cada tomada de turno, a cada manifestação propriamente da oralidade, como gaguejos, pausas, repetições, reformulações, hesitações, marcadores (que ocorrem espontaneamente), a situação contextual é redefinida para se adequar aos acontecimentos conversacionais que aparecem ao se produzir o texto conversacional.

Com base nas observações feitas por Kerbrat-Orecchioni (2006), é possível notar que o funcionamento da conversação não segue uma abordagem fixa e sim contrastiva, que varia de uma cultura para outra. Dessa forma, as entrevistas possibilitaram visibilizar que os participantes das entrevistas, ao terem uma oportunidade de expressar suas opiniões acerca da história da comunidade, mostraram-se influenciados pelo seu grupo social e familiar, colaborando, assim, com o entrevistador.

5.3 Universo da pesquisa e constituição do *corpus*

Esta pesquisa utiliza o *corpus* de entrevistas realizadas com moradores da comunidade quilombola Mariana, situada no município de Santana do Mundaú, Alagoas. Por se tratar de uma comunidade quilombola, o trabalho traz a temática do

negro para os estudos conversacionais por meio da análise dos dados verbais das entrevistas, que foram coletadas⁵⁰ através de gravações de áudio e transcritas seguindo convenções propostas por teóricos da Análise da Conversação.

Os entrevistadores são alunos e pesquisadores do grupo de pesquisa intitulado Núcleo de Estudos Linguísticos – NELING, do Campus Universitário Zumbi dos Palmares – CAMUZP, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Das 15 entrevistas realizadas nessa comunidade, optou-se por analisar as entrevistas 4, 11 e 14, devido à ocorrência das categorias que foram elencadas ao longo da seção 2, quando tratou a respeito do turno, dos marcadores, do par adjacente e dos tipos e aspectos funcionais da repetição.

Todas as entrevistas foram transcritas (universo da pesquisa), no entanto, escolheram-se, aleatoriamente, seis fragmentos de três entrevistas⁵¹, seguindo as indicações de Flick (2004), para serem analisadas e interpretadas, contabilizando cerca de 60:01 (sessenta minutos e um segundo). A escolha dessas entrevistas se deu seguindo o grau de maior conhecimento do falante sobre a comunidade e sua experiência vivida/partilhada naquele lugar.

A seleção dos fragmentos a serem analisados e interpretados foi realizada com a leitura e a escuta repetida das transcrições e gravações, respectivamente. Nesse processo fenomenológico, o próprio *corpus* mostrou “o que” analisar pela recorrência de elementos/categorias passíveis de interpretação e descrição.

Desse modo, as análises das entrevistas se efetivaram pela reunião de fragmentos das entrevistas, nos quais se pôde identificar as categorias observadas no processo teórico da pesquisa.

⁵⁰ Tais dados foram coletados tendo em vista a tese de doutorado de Dariana Nunes Santos, pesquisadora da área de Sociolinguística pelo PPGLL/UFAL e Professora da UNEAL, em que coordena o grupo de estudos NELING. A pesquisa foi submetida ao CEP da UFAL e aprovada com a nomenclatura que dá título ao projeto de tese de doutoramento da referida professora: *Concordância variável em português brasileiro: a realidade de comunidades quilombolas alagoanas*. A coleta dos dados engloba cinco comunidades remanescentes da Região Serrana dos Quilombos, na Zona da Mata Alagoana: Filús, Jussara e Mariana, em Santana do Mundaú-AL; Gurgumba e Sabalangá, em Viçosa-AL. O projeto de doutorado da professora Dariana dá continuidade às pesquisas do Programa de Estudos Linguísticos – PRELIN, da UFAL, o qual foi coordenado pela Professora Dr^a. Denilda Moura. À época, foram realizadas entrevistas com a comunidade quilombola Muquém, em União dos Palmares-AL. A pesquisa resultou na publicação das entrevistas no livro *Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz*, em 2009. Para este trabalho, escolheu-se a comunidade quilombola Mariana, localizada em Santana do Mundaú, por ser uma das comunidades da região que foi certificadas como quilombolas, a fim de que seja dada maior visibilidade a essa comunidade não somente pela realização de um registro histórico, mas também pela análise de categorias que a Análise da Conversação possibilita, com o estudo de aspectos da interação verbal.

⁵¹ Consultar Anexos C, D e E, os quais trazem as três entrevistas transcritas na íntegra.

5.4 Análises de entrevistas a moradores da comunidade quilombola Mariana

Para a análise dos dados transcritos, serviram os pressupostos teóricos discutidos ao longo da fundamentação teórica desta pesquisa: a respeito da organização do texto conversacional e dos tipos e das funções da repetição em textos falados e da organização das entrevistas.

Esta subseção parte do interesse de o pesquisador, com base nas teorias traçadas, fazer as análises do *corpus*, procedendo com a interpretação dos dados, cerne da pesquisa qualitativa, conforme lembra Flick (2004).

As análises das entrevistas constam de 6 (seis) momentos interativos⁵², nos quais são observadas as categorias apreendidas a partir da descrição dos fenômenos contidos nas entrevistas.

5.4.1 Primeiro momento interativo

O evento comunicativo, representado pelo fragmento a seguir, tem como tópico conversacional as práticas religiosas vivenciadas na comunidade quilombola. A entrevista constitui-se um exemplo de conversação relativamente assimétrica, enquanto unidade básica da interação entre o entrevistador, identificado por E1, e entrevistada, identificada por F4. Verifica-se que a predisposição de turnos relativamente assimétricos presentes na entrevista reflete as relações de poder (SANTOS, 2004; 2013) instauradas pelo entrevistador que pergunta e conduz o tópico conversacional.

Fragmento da entrevista 4 – Tópico: Práticas religiosas

E1 – e a religião daqui ... como é que vocês fazem pra ... pra se voltar para um ser superior para espiritualidade?
 F4 – assim né a gente o sonho da gente era fazer uma igreja aqui ... que aqui mesmo nós de nós num tem nenhum ... que seja negócio de crente sabe?
 E1 – sim
 F4 – só tinha uma cunhada minha aqui que ela está ni Mato Grosso que é um irmão meu que tá em Mato Grosso
 E1 – sim
 F4 – foi ver se trabalhava pra fazer uma casinha pra ele né ... mais já tá com dois ano e num teve condições de fazer essa casa dele né ... o sonho dele a casinha dele estava caindo aquela num tem ... o sonho dele era fazer essa casa ... aí ele ta pra lá pra Mato Grosso ele dixeu que ia passar um ano pra lá pra vê se adquire mais os filhos e a mulé ver se ... volta pra fazer essa casa ... mais o sonho

⁵² Os momentos interativos podem ser definidos como as situações interativas das entrevistas, em que os participantes se envolvem em interações verbais, negociando cada participação contextual e prestando informações a respeito dos tópicos (assuntos) que se propuseram desenvolver.

da gente era ser ... do jeito que a gente somos do jeito que eu nasci ... negócio da de igreja evangélica eu sou e vou morrer assim ...

E1 – sim

F4 – sabe?

E1- e em relação a reuniões ... a o pessoal sempre se junta pra fazer reunião na casa dos dos outros Missas?

F4 – não assim tem/ ali embaixo tem um minino qui ... de vez em quando chama o pade o pade já vem pa aí pa pa ... pa escola celebrá missa ... ((apontando para a escola))

[
E1 – pra escola celebrar missa

F4 – assim como tem brincadera no dia das criança o pade já vem ... pr'aí também ... sabe?

E1 – entendi

F4 – sim tem ali embaixo na beira da rodage ... qui seu A. ajeita o pade vem também pra lá ...

E1- hurum

F4 – aqui quando tem uma reunião a gente se senta alí dibaixo do pé de manga ... ou aqui a gente da do movimento das mulé né ... SEMpre elas vem pra aqui ...

[
E1 – sim

F4 – o movimento das mulé

E1- a::h e é?

F4 – é acho que vocês sabe quem é aquela G. ...

E1 – não não conheço

F4 – O MININO que veio mais vocês sabe quem é ela ...

E1 – sim

F4 – aí sempre ela vem pr'aqui com as minina ... da outa comunidade de Junçara ela vem pra aqui pra fazer reunião ...

E1 – a senhora falou da escola se reúne na escola ... celebra missa ... tem festas da criança que é comemorada na escola ...

[
F4 – é na escola é

E1 – enTÃO a escola é o principal ponto que vocês se se reúnem ... atualmente

[
F4 – é
é é por isso que a minina minha fia quer que batalha atrás disso pra fazer um canto porque as vez ... a médica vem e fica na casa da minha irmã agente tem uns probrema e num vai dizer tudo né?

[
E1 – sim

sim sei

F4- não vai dizer tudo né assim na vista do médico na casa dos outro aí as vez na escola tá ensinando aí ... num pode

E1 – ok

F4 – aí então

[[
E1 – é: em relação a escola é a única escola que tem aqui na comunidade?

F4 – é: só é aquela dali

Fonte: *Corpus da pesquisa* (2017).

Nesse fragmento da entrevista 4, o entrevistador (E1) lança uma pergunta para a entrevistada (F4) sobre a orientação religiosa da comunidade quilombola. Em relação aos sentidos produzidos no momento interativo, os elementos contextuais são importantes para interpretar as práticas da comunidade. Flick (2004) observa que, na pesquisa qualitativa, o contexto cumpre papel importante para se proceder com a hermenêutica do texto transcrito. Como as perguntas são do tipo *abertas* (MARCUSCHI, 2003), favorecem não somente a produção de um material rico em

categorias suficientes para se fazer as análises, considerando-se os fatores contextuais, como também possibilita a busca de informações novas.

A relação estabelecida pelo par P-R norteia-se por meio do acordo (negociação) estabelecido pelos participantes da entrevista em cooperarem na prestação das informações (SANTOS, 2013). A teoria posta por Fávero, Andrade & Aquino (2012), ao referirem-se que perguntas e respostas podem servir para a *introdução do tópico* conversacional, comprova que o turno do entrevistador se inicia com um *pedido de informação*: “e a religião daqui ... como é que vocês fazem pra ... pra se voltar para um ser superior para espiritualidade”. Para essas autoras, a interação existente na entrevista tem por objeto central um dado assunto ou tópico conversacional, no caso do fragmento, as práticas religiosas.

As respostas dadas por F4 remetem à *continuidade tópica*: “assim né **a gente** o sonho **da gente** era fazer uma igreja aqui ... que aqui mesmo nós de nós num tem nenhum ... que seja negócio de crente sabe”. O item lexical “a gente” comprova a função da repetição. Ao responder à pergunta feita por E1, a entrevistada marca a continuidade do tópico remetendo ao entrevistador outra pergunta: “sabe”.

Com base nos preceitos trazidos por Galembeck (1999), o entrevistador tem o direito a conduzir o tópico conversacional. Como já foi constatado, nas entrevistas, predomina-se a natureza *relativamente assimétrica*, ao se tratar do conteúdo desenvolvido na interação que ocorre face a face. Os traços da assimetria explicitam os papéis dos participantes da entrevista: quem conduz o tópico (entrevistador) mantém o controle sobre o respondente (entrevistado), com o objetivo de obter informações a respeito de sua comunidade.

O contexto é uma questão crucial nas análises e interpretações, pois é a partir dele que o texto analisado ganha e constrói sentidos. Por isso, a importância da escuta repetida do áudio da entrevista para o processamento da análise dos dados verbais (FLICK, 2004).

F4 relata que seu irmão com a família foram trabalhar em Mato Grosso em busca de conseguir recursos para voltarem à comunidade e construir sua casa: “mais já tá com dois ano e num teve condições de fazer essa casa dele né”. Eles saíram de sua terra para um lugar em que há mais chances de ascender economicamente, no entanto, não foi o que aconteceu.

Essa situação remete ao ciclo de retirantes nordestinos que migram para outros lugares em busca de trabalho, no intuito de conquistar condições para

retornar à sua região de origem e reconstruir sua história, a partir da construção de uma casa digna para habitar com os familiares e de uma reserva de dinheiro para tocar a vida no campo.

Outro aspecto que pode ser evidenciado é o fato de que F4 conta os fatos para explicitar que o único membro evangélico da comunidade é sua cunhada que não mora mais lá, fazendo uma correção do que disse anteriormente: “que aqui mesmo nós de nós num tem nenhum ... que seja negócio de crente sabe”. A entrevistada admite que sua cunhada, que viajou à procura de melhores condições de vida, é a única evangélica na comunidade quilombola: “só tinha uma cunhada minha aqui que ela está ni Mato Grosso”.

F4 ainda, para manter seu turno, vale-se de uma estratégia própria da conversa natural através do uso do *marcador conversacional* “né”. Esse marcador denota o grau de envolvimento dos participantes da interação, cumprindo sua função textual-interativa (URBANO, 1999b). Com a utilização do marcador “né”, a falante pretende manter o *turno conversacional* fazendo uma explicação de que apenas a cunhada dela era evangélica na comunidade, no entanto, não está mais na comunidade por ter viajado com sua família.

Ao finalizar seu turno, F4 quer dizer ao entrevistador que nasceu católica e vai morrer com a mesma crença no catolicismo. Nesse direcionamento, os turnos conversacionais cumprem forte relevância na entrevista, pois a ordem em que aparecem faz constatar a seguinte tipologia: E1 desenvolve *turnos nucleares*, pois direciona o tema de valor referencial a ser discutido na entrevista; F4 desenvolve *turnos inseridos*, pois a interlocutora contribui para o desenvolvimento do tópico em consecução de maneira significativa, cooperando para o andamento da entrevista, assumindo, assim seu papel de entrevistada.

Com base no processo de gestão do turno, a passagem do turno, em decorrência da assimetria evidenciada na entrevista, ocorre pela *passagem requerida*, quando E1 dirige as perguntas à F4, configurando, assim, a tomada de posse do turno: quem está de posse do turno escolhe o próximo falante (MARCUSCHI, 2003). Também a tomada do turno acontece por meio da *passagem consentida*, quando E1, no intuito de obter novas informações, permite que F4 continue sua fala fazendo, apenas, pequenas intervenções de monitoramento através dos seguintes marcadores: “sim”, “sim sei”, “entendi”, “hurum”, “a::h e é?”, “ok”. Verifica-se também a constante repetição do marcador “sim” solitariamente,

com propósito interacional, conforme pontuam Castilho (1989) e Urbano (1999b), e ocorre ora em sobreposição de vozes, ora no início do turno (posição).

Em relação às sobreposições de vozes, que ocorrem ao longo desse fragmento, fica substancialmente claro que um dos falantes para prematuramente seu turno, desistindo da posse dele e favorecendo o interlocutor por meio da autoescolha (MARCUSCHI, 2003). Essas sobreposições são marcadas por colchetes simples ([– ocorre quando o interlocutor fala durante o turno do locutor) ou duplo colchetes ([[– ocorre quando os falantes iniciam seus turnos ao mesmo tempo). Notadamente, todas as vezes que ocorrem sobreposições, um dos falantes é obrigado a entregar seu turno, pois essas sobreposições infringem este princípio: “fala um por vez” (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

Ao falar sobre o local onde acontecem as reuniões, as missas, as festividades, F4 acaba colocando uma insatisfação, pois a escola também serve de ponto de apoio para as consultas médicas. F4 fala que uma equipe da saúde familiar visita mensalmente a comunidade a fim de atender os moradores. A conversa deixa transparecer que, quando a escola já está ocupada com as atividades de ensino, a equipe médica passa a atendê-los na residência de um dos moradores, o que configura a falta de privacidade para eles confienciarem quaisquer intimidades: “é é por isso que a minina minha fia quer que batalha atrás disso pra fazer um canto porque as vez ... a médica vem e fica na casa da minha irmã agente tem uns problema e num vai dizer tudo né?”.

E1 acaba aceitando esse desvio através dos marcadores de confirmação “sim” e “ok”. E, para F4 não se alongar mais, E1 reintroduz o tópico, ora desviado por F4, ao dizer: “é: em relação à escola é a única escola que tem aqui na comunidade? ”. A reintrodução do tópico se configura por meio da repetição do item lexical “escola”, estabelecendo-se a organização do tópico em discussão. Além desses marcadores, aparece no fragmento o alongamento das vogais “a::h”, “é:”, configurando-se a presença de marcadores prosódicos.

A entrevistada também se vale da repetição da construção oracional “num vai dizer tudo né” com a finalidade de se manter de posse do turno e dar continuidade à relação parentética inserida em sua fala, ao falar da falta de privacidade quando os pacientes são atendidos por equipe médica no domicílio de sua irmã. Ainda mais, F4 usa o marcador “né” para estabelecer a interação com o entrevistador, exigindo que E1 monitore seu turno pela aceitação do que ela informa.

Fávero (1999) classifica o desvio ora analisado como *digressão baseada no enunciado*, por apresentar uma espécie de relação de conteúdo: as reuniões acontecem na escola, assim como as consultas médicas. Marcuschi (2002; 2006) concebe o desvio como um processo de *parentetização*, processo que se dá entre a matriz e a repetição que reconduz ao tópico inicial.

A escola é tida como espaço agregador na comunidade: é lugar de ensino (educação), de reuniões e missas (religião), de consultas médicas (saúde), de festas (lazer). Embora a escola seja tida como espaço agregador na comunidade, também passou a ser uma espécie de símbolo da insatisfação. As análises colocadas neste primeiro momento vêm evidenciar a forte relação entre a teoria e a interpretação dos dados transcritos.

5.4.2 Segundo momento interativo

O segundo momento interativo situa o evento comunicativo que tem como tópico a busca de informações sobre a origem da comunidade quilombola Mariana. Esse evento comunicativo, representado no fragmento a seguir, é realizado pelos mesmos participantes (E1 e F4) do primeiro momento interativo.

Fragmento da entrevista 4 – Tópico: Origem da comunidade

E1 – entrevista com Q. S. S. ... dona Q. ... como surgiu a comunidade? ... a senhora vai nos contar um pouco da história aqui da comunidade

F4 – tá bom/ a comunidade coisou porque de primeiro era uma curadera que tinha ... essa curadera era chamada de Mariana ... pu Mariana ela ficou ... eu nasci já ca minha vó minha mãe mim insinuando que era a gente era ... da Mariana da Mariana por Mariana ficou ...

E1 – então essa a origem né

[

F4 – é ... é ... a gente era muito homilhada ... dane da minha vó que a gente era muito homilhada pelo povo ao redó ... só chamava a gente de raça de mundiça porque agente num tinha nada ... a gente num tinha nem uma cama pra durmi agente num tinha nada na vida aí o povo chamava noi de mundiça ... os minino brigava muito ... assim encrencando de um pra outro sabe?

E1 – sim

[[

F4 – mais aí ficou esse nome de Mariana oia a raça da Mariana oia a mundiça ... hoje ... eles são lôco pra entrá na raça aqui na Mariana ... e hoje num tem brecha pra eles mai né ... a gente num podia nomorar com rapais de fora assim de redó que eles num deixava ... você vão si misturá com aquela ... raça de cachorro era o nome qui a gente levava aqui ...

E1 – ah então quer dizer que ... é geralmente a os casamentos ... aconteciam da própria família?

F4 – era se vinhesse aiguem de fora sabe?

E1 – alguém de fora

F4 – aiguem de fora ... que se o povo num pudesse te afastar assim pá conta uma coisa que a gente era ou num era ... mais só qui graças a Deus a gente num era o que eles pensava

E1 – entendi

F4 – é hoje eles estão lôcos pa entrá aqui que é da do coisa dos quilombola ...

E1 – a comunidade cresceu ...

[[
 F4 – e tu é é aí eles quere ... entrar aqui mais agora num tem mais jeito né?
 E1 – num tem mais jeito
 F4 – é o povo fica as vez com raiva da gente ... e tudo porque a gente ... num bota eles para ser/
 mais a gente num pode quem pode é o povo ... que eles pode entrá tudo aqui na comunidade né/ a
 gente num pode
 [
 E1 – eu sei
 F4 – e só era essas esses três hectáre de terra aqui que era dos quilombola
 E1 – a senhora sabe dizer ... QUANto tempo mais ou menos tem essa comunidade DESde essa
 essa senhora chamada Mariana? ... faz mais ou menos quantos anos?
 F4 – eu acho que oxe fa/ minha vó está com sessenta anos que morreu e já existia isso aí
 E1 – e já existia aqui
 [
 F4 – e já existia isso aí
 E1 – entendi
 F4 – sabe que era uma/ ela também era curadeira essa vó minha também que morreu
 E1 – sim
 F4 – essa T./ é T. ... já era curadeira também uma vó outa vó da gente também que ela chamava M.
 V. ... era ... curadeira também ... e bem sabida essa visse ela sabia de muita coisa mermo
 E1 – entendi
 F4 – foi entonse ... começou Mariana Mariana por Mariana tamo aqui

Fonte: *Corpus da pesquisa* (2017).

Na construção do turno conversacional, os participantes da entrevista se utilizam de heterorrepetições do item lexical “Mariana”. A repetição também se dá em forma oracional: “por **Mariana** ficou”, “por **Mariana** tamo aqui”. Isso se deve ao fato de os interactantes estabelecerem um paralelismo sintático, sendo a repetição usada para dar coesão ao texto falado, cumprindo, nesse caso, a função de *coesividade*, que se dá pela sequenciação de elementos e/ou orações repetidas com ou sem variações (MARCUSCHI, 2002; 2006). Esse tipo de listagem favorece a interação entre os participantes da entrevista, possibilitando, assim, um maior envolvimento no evento (FIORIN, 2008).

Com a finalidade de manter a posse do turno, F14 intensifica a construção oracional “a gente era muito homilhada”. Esse tipo de construção, através do excesso de repetições (autorrepetições) no turno da falante, é um traço característico da *função de compreensão*, que objetiva facilitar a assimilação da informação pelo interlocutor. Quando a entrevistada usa essa repetição, quer mostrar o clima vivido por eles na comunidade. A humilhação quer significar que os quilombolas não eram aceitos como pessoas civilizadas, por isso eram rejeitados pelos povos vizinhos.

Para mostrar que acompanha o turno da falante, o entrevistador utiliza o marcador “sim” para mostrar que está compreendendo o que a informante fala. Esse marcador tem o intuito de estabelecer a coerência do texto falado, possibilitando o

envolvimento dos participantes e constituindo o *feedback* no processo interacional (URBANO, 1999b).

No processo estabelecido pelo uso da função compreensiva, é bastante salutar mostrar que as remissões efetivadas pela repetição da matriz devem provocar a continuidade das ideias a fim de que aconteça a apreensão do sentido proposto na conversa. Se essa continuidade não fosse estabelecida, a interação seria bloqueada, pois as remissões usadas na autorrepetição não reativaria a construção de sentido com a devida correspondência (SANTOS, 2013).

Nessa perspectiva, é estabelecido que a pergunta feita por E1 provocou em F4 um ato de resposta tão envolvente que resultou no apontamento de informações novas (URBANO *et al.*, 2002). Os pares adjacentes possuem força ilocutória, de modo que as informações prestadas nas respostas satisfazem às expectativas das perguntas.

A entrevistada relaciona o crescimento da comunidade aos relacionamentos conjugais, realizados entre membros da família. Ela também mostra que sofreram muito preconceito: ninguém da vizinhança queria casar com eles por serem negros. O racismo ainda perpetua na comunidade, no entanto, com o reconhecimento e certificação como povo quilombola, a vizinhança começa a se aproximar a fim de obter benefícios. F4 autorrepete, em turnos alternados, a construção sintagmática “alguém de fora”. A matriz é acompanhada da pergunta “sabe” para que E1 ratifique o fato expressado pela entrevistada. Essa ratificação é comprovada pela heterorrepetição da matriz: “alguém de fora”.

O propósito dessas repetições, por meio da *função argumentativa*, é reafirmar que o racismo da vizinhança impedia a aproximação e os relacionamentos entre os membros da comunidade Mariana com os membros das comunidades vizinhas. A Mariana foi crescendo e hoje é reconhecida como comunidade afrodescendente. No entanto, os quilombolas não querem mais relações matrimoniais com o povo vizinho, confirmando sua argumentação: “agora num tem mais jeito né”.

E1 confirma repetindo a construção oracional de F4, pois, no processo interativo, a presença do marcador “né” no final da frase configura uma exigência de assentimento por parte do interlocutor. Essa confirmação valida a comunicação estabelecida no momento interativo (FLICK, 2004).

F4 continua repetindo o sintagma “a gente”, dando ênfase à coletividade do povo de Mariana: não se trata apenas de um aspecto particular, mas da

representação de toda a comunidade. A falante representa, nesse momento, os interesses de seu grupo social e, assim, preserva a face da comunidade. Ao repetir a oração “a gente não pode”, F4 expressa que a comunidade não permite mais que aconteçam laços matrimoniais com pessoas de fora, reiterando sua argumentação.

Conforme Santos (2004), o engajamento dos interactantes da conversação garante a construção de uma atividade colaborativa. Por isso, nesse fragmento da entrevista 4, nota-se que a relação existente entre pergunta e resposta obedece à negociação estabelecida na entrevista para que o discurso dialógico se efetive e seja compreendido.

Ao responder sobre o tempo de existência da comunidade, F4 responde: “minha vó está com sessenta anos que morreu **e já existia isso aí**”. A oração “e já existia isso aí” é repetida por E1, mantendo o paralelismo por meio do processo coesivo denominado *listagem* (MARCUSCHI, 2002; 2006). As listas acontecem quando os elementos repetidos formam paralelismos com mesmo valor sintático (apresentam a mesma estrutura nuclear). A oração “e já existia isso aí” é heterorrepetida pelos interlocutores, sugerindo que os elementos listados se encerrem, por isso pode ser classificada como *lista fechada*.

A entrevistada continua sua locução apresentando mais informações a respeito de sua vó: “ela também era curadeira”. Essa estrutura é autorrepetida, com pequenas variações, configurando a *listagem* como processo de *rematização* constante (MARCUSCHI; 2002; 2006; FIORIN, 2008), garantindo a progressão do texto oral e, conseqüentemente, a posse do turno por parte da falante.

5.4.3 Terceiro momento interativo

O evento comunicativo representado pelo fragmento da entrevista 11 se propõe discutir a respeito do modo de vida do povo quilombola, elencando os seguintes aspectos: alimentação, vestimentas, trabalho, liderança e casamentos. Nesse evento, nota-se a relação triádica estabelecida no momento interativo. De um lado, tem-se a presença de duas entrevistadoras (E2 e E5) que formulam o texto oral, por meio de perguntas, de forma cooperativa; de outro, tem-se a presença de

dois falantes: um entrevistado (F11) e um falante⁵³ (Fx) que, ao observar a entrevista, tira proveito de algumas situações.

Fragmento da entrevista 11 – Tópico: Modo de vida na comunidade

E5 – como era... a comunidade né na época que o senhor nasceu mais ou menos o senhor lembra ... como era?
 F11 – do tempo ... que que a gente nasceu era tão ruim ((risos))
 E2 – era ruim por quê?
 F11 – oxe passava uma fome da pega ... inté bananin
 []
 Fx – () ((risos))
 F11 – inté inté inté banana verde com sal é nós comia
 []
 Fx – ()
 F11 – para ver para ver se escapava
 E5 – como era as pessoas na época... na/ nessa época que o senhor nasceu mais ou menos... como era as pessoas ... é diferente de hoje?
 F11 – oxe é muito mais ... hoje a coisa é coisa ... mais mió né ... o cara tem uma roupinha ... antigamente nós num tinha ... só vestia uma roupa quando achava um que desse alguma roupinha né... e hoje o caba já pode ... comprar né
 E2 – antigamente pra sobreviver aqui o que é que fazia para poder sobreviver trabalhava na agricultura?
 []
 F11 – trabalhava na agricultura
 plantava mandioca batata macaxe ... macaxeira né que antigamente era o ... mandioca nera ... hoje é que a gente planta macaxeira né mais antigamente nós fomo criado era mandioca né daquela () ... se lembra?
 E5 – naquele tempo já tinha ... representante a comunidade alguém que já falasse com vocês?
 F11 – tinha não
 E5 – tinha não
 F11 – tinha não
 E5 – como era que as mulheres e os homens ... se relacionava nesse tempo como era feito os casamentos deles?
 E2 – no seu tempo
 E5 – no seu tempo
 E2 – um rapaz casar com uma moça como era?
 F11 – ah minha filha eu num me lembro não
 E5 – lembra não ...
 E2 – no seu tempo quando que o senhor casou com a sua esposa como foi ... era da mesma família era primo com prima como era?
 F11 – homi toda vida teve isso ...

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Nota-se, a partir das análises desse momento interativo, que a entrevistadora E2 participa da entrevista de forma colaborativa: ela auxilia a entrevistadora principal (E5) a fim de buscar mais informações do entrevistado (F11).

Quando E5 pergunta “como era” a comunidade na época em que F11 nasceu, estabelece um enquadramento sintático-discursivo a fim de estabelecer a *coesividade* do tópico que pretende relacionar à entrevista. Observa-se que esse

⁵³ Os falantes que aparecem nas entrevistas e que não estão sendo entrevistados foram identificados com a sigla F acompanhada de letras escolhidas aleatoriamente.

enquadramento é realizado pela presença da construção suboracional “como era” no início e no final do turno da entrevistadora. Essa estratégia utilizada por E5 requer do entrevistado uma resposta concernente ao que foi perguntado.

Ao responder, F11 serve-se da repetição da forma verbal “era” e acrescenta: “**era** tão ruim”. Nesse processo de repetição, E2, de forma colaborativa, transforma o *rema* “**era** tão ruim” em *tema*: “**era** ruim por quê”. Dessa forma, a sequência de informações construídas se dá pela ênfase no enunciado precedente. Essa função de repetição recebe o nome de *compreensão* (MARCUSCHI, 2002; 2006). A *compreensão* visa a promover a intensificação de elementos e/ou orações por meio da repetição da matriz. Dessa forma, a intensificação dos elementos heterorrepitidos facilita a compreensão das informações que são inferidas pelo interlocutor.

No que respeita ao processo colaborativo evidenciado nesse fragmento, verifica-se que existe uma relação de *simetria* na construção do tópico conversacional por parte das entrevistadoras (E2 e E5). Ambas conduzem as perguntas para enriquecer o momento interativo e para extrair mais informações do entrevistado (F11). O processo da entrevista triádica é reflexo da construção de duos: E5 dirige-se a F11 (E2 permanece como ouvinte); E2 dirige-se a F11 (E5 permanece como ouvinte); F11 dirige-se a E5 (E2 permanece como ouvinte); F11 dirige-se a E2 (E5 permanece como ouvinte). As coalisões estabelecidas na tríade são negociadas, de modo que as entrevistadoras sempre cooperam entre si. Nota-se também a exclusão de Fx, pois ele não foi selecionado para o momento da entrevista.

F11 passa a falar do estilo de vida precária que os habitantes da comunidade Mariana tinham anos atrás: “**inté inté inté** banana verde com sal é nós comia”. Percebe-se a repetição enfática do item lexical (marcador conversacional) “inté” (até) para garantir, diante da sobreposição de vozes dos turnos anteriores (F11 e Fx), a posse do turno por parte do entrevistado.

F11 termina sua ideia em outro turno, pois mais uma vez um dos ouvintes (Fx) tenta atrapalhar seu turno. Ao terminar sua ideia, F11 repete a construção “para ver” a fim de garantir a posse do turno e finalizar sua fala pelo uso da *coesividade* por *listagem*.

As *listagens* continuam aparecendo na pergunta de E5: “como era as pessoas na época”. Essa matriz é repetida por meio da elisão da forma verbal “era”: “nessa

época que o senhor nasceu mais ou menos”. Observa-se que a repetição aparece adjacente à matriz. Esse recurso é estabelecido em alusão ao período da infância do entrevistado (F11).

Estabelecendo a comparação entre a época de sua infância e a realidade atual, F11 localiza o tempo a que quer se referir por meio do advérbio “hoje”. Brevemente diz que, em sua época, as coisas eram mais difíceis, mas atualmente as pessoas da comunidade já podem comprar algo melhor. Também F11 repete três vezes, em seu turno, o marcador “né”, com a finalidade de estabelecer maior envolvimento na interação.

A posição dos marcadores no turno permite entender o maior envolvimento que o entrevistado dá ao colaborar com as entrevistadoras. Dois marcadores aparecem no interior do turno, os marcadores mediais: “mais mió **né**”, “só vestia uma roupa quando achava um que desse alguma roupinha **né**”. Esses marcadores têm a função de estabelecer a interação dos participantes e manter a posse do turno do falante. O terceiro marcador aparece no final do turno: “comprar **né**”. Esse marcador tem a função de fazer com que as entrevistadoras aceitem o que foi dito pelo entrevistado.

Outro marcador em evidência é o interrogativo “como”, utilizado sempre no início de perguntas feitas pela entrevistadora E5 (autorrepetição). Esse marcador é utilizado no sentido de obter explicação sobre o estilo de vida na comunidade, fazendo um resgate da memória quilombola.

Estabelecendo um *amálgama sintático*, E2 aproveita o item lexical “antigamente”, do turno anteriormente produzido e adjacente ao seu, para construir sua fala: “antigamente pra sobreviver aqui”. E2 autorrepete o verbo “sobreviver”, por *listagem*, garantindo a coesão do texto falado. Do mesmo modo, acontecem as seguintes heterorrepetições: “trabalha na agricultura”, “planta”, “antigamente”, “macaxeira” e “mandioca”.

Ao continuar a entrevista, E5 pergunta sobre a existência de uma liderança na comunidade, no tempo de infância do entrevistado, mas obtém a seguinte resposta: “tinha não”. A forma verbal “tinha” é heterorrepetida por F11. É comum a resposta ser formulada com o verbo da pergunta, mesmo se tratando de perguntas fechadas, como é o caso da pergunta feita pela entrevistadora: “naquele tempo já **tinha**”. A oração “**tinha** não” aparece numa heterorrepetição, como *ratificação do papel de ouvinte*, desempenhando a *função interativa* da repetição.

A partir dos elementos analisados nesse fragmento da entrevista 11, constata-se que as repetições são uma categoria que se materializa na formulação do texto conversacional dos falantes, contribuindo com a interação do evento comunicativo.

Desse modo, a continuidade do tópico conversacional é garantida pelo uso da repetição do item lexical “tempo”. E5 pergunta sobre os casamentos realizados antigamente. E, para referir-se à época, utiliza um pronome anafórico “nesse”. E2, colaborando com E5, repete: “no seu tempo”. Esses elementos são reproduzidos por E5, enfatizando a informação solicitada. Essa repetição já não mais aparece com função interativa, apenas, mas como *função de compreensão*. A compreensão visa a facilitar a apreensão do significado informacional passado.

Evidencia-se também que o nome “casamentos”, dito por E5, é transformado no verbo “casar”, por E2. Assim, essa repetição, ao sofrer variações no campo morfológico, possui a dimensão de reformular a pergunta de E5, por meio do *amalgamento* de ideias, garantindo a *coesividade*. O processo de *amalgamento nome-verbo* também faz lembrar a nominalização⁵⁴.

Já a heterorrepetição da construção oracional “lembra não” dita por E5 cumpre o papel de *ratificar o papel de ouvinte*, formulação própria da *função interativa* da repetição.

No último turno do fragmento, F11 utiliza o pronome “isso” para referir-se à ocorrência de casamento entre membros da mesma família. Possivelmente, o entrevistado não deseja continuar com o assunto para preservar a face da comunidade (LEVINSON, 2007; GOFFMAN, 2012). Pronominalizando o item lexical “casamento”, F11 deseja encerrar seu turno e, em consequência, não dar continuidade ao tópico.

5.4.4 Quarto momento interativo

O quarto momento interativo, cujo tópico conversacional é direcionado à produção de artesanato na comunidade quilombola, foi retirado também da entrevista 11. Nele, o trílogo também é evidenciado. Mais uma vez, E5 recebe a colaboração de E2. Na entrevista, é mostrada a opinião de um membro da

⁵⁴ A *nominalização* é o processo pelo qual um verbo é transformado em substantivo. Assim, esse processo é entendido pela associação entre nomes e verbos presentes em textos.

comunidade do sexo masculino. Além do gênero, a posição desse membro na comunidade se reflete nas informações prestadas.

Fragmento da entrevista 11 – Tópico: Artesanato na comunidade

E5 – a comunidade produz algum tipo de artesanato alguém faz alguma coisa assim?
 E2 – produz não?
 E5 – as mulheres faz negócio de barro de costura alguma coisa?
 Fx – produz não
 F11 – produz não hoje num estão fazendo mais não
 E5 – mais fazia?
 F11 – fazia
 E2 – fazia o quê?
 F11 – panelinha de barro... mais hoje é tudo rico né... fazia de alumínio ninguém quer mais o barro... um pote ninguém quer
 Fx – quer nada
 F11 – quer geladeira

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Esse fragmento apresenta um *status* informacional relevante sobre a cultura da comunidade. A forma verbal “produz” é topicalizada e reproduzida várias vezes pelos interlocutores do momento interativo. Essa repetição garante a identidade referencial da conversação.

Essa conversação apresenta quatro participantes (trílogo) e centra-se no uso que os interactantes fazem da repetição para formular suas falas. O grau de envolvimento dos participantes torna a interação verbal centrada (MARCUSCHI, 2003). A conversação é montada sequencialmente, de modo que a repetição se torna essencial para manter a coerência do texto falado.

Observa-se, então, que as relações estabelecidas no trílogo tornam-se positivas, pois existe um equilíbrio na participação dos envolvidos na entrevista. Dessa forma, o fragmento apresenta duas entrevistadoras (E2 e E5), um entrevistado (F11) e Fx é um participante que, ao presenciar a entrevista, faz uso da palavra n intuito de colaborar com F11, pois são da mesma comunidade, embora esse participante não esteja sendo entrevistado no momento. E5 faz as perguntas a F11; E2 auxilia E5 na entrevista, remetendo-se também ao F11; F11 responde tanto a E5 quanto a E2. As relações interpessoais são marcadas pelo envolvimento de entrevistadoras e entrevistado para que a conversação se desenvolva (FÁVERO; AQUINO, 2003; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Primeiramente, tem-se a pergunta efetuada pela entrevistadora (E5): “a comunidade **produz** algum tipo de artesanato”. Depois, E2 reitera com a repetição

da forma verbal: “**produz não**”. Essa repetição é formulada para manter o valor referencial da pergunta efetuada no turno anteriormente adjacente e, portanto, cumprindo a *função de continuidade tópica*. Nesse caso, observa-se que E2, como entrevistadora, procura intensificar o item repetido para facilitar a introdução tópica e sua apreensão por parte do entrevistado (E11). Assim, o item repetido possui o mesmo *status* referencial que a matriz.

Nesse trecho da entrevista, a tomada de turno se dá sem sobreposições de vozes, configurando-se pela recorrência da troca de falantes no turno (MARCUSCHI, 2003). Nesse fragmento, os falantes respeitam o turno do outro, atentando-se para o *Lugar Relevante de Transição*.

Na gestão dos turnos, as falas das entrevistadoras (E2 e E5) são desenvolvidas em turnos nucleares; já a participação de Fx se dá em turno inserido de função interacional, enquanto a fala de F11 se dá em turno inserido, contribuindo para o desenvolvimento do tópico.

O turno de Fx configura uma *repetição* de caráter *iterativo*: “**produz não**”. O turno de F11 contribui melhor para o desenvolvimento do assunto tratado, pois esse entrevistado acrescenta informações novas ao que foi solicitado: “**produz não** hoje num estão fazendo mais não”. Ao repetir, F11 mantém a sequência dialogal, permanecendo coerente com o tópico conversacional e formando uma *lista* para garantir a *coesividade* do texto falado.

Ao utilizar o marcador temporal “hoje”, F11 deixa subtender que antes havia a produção de artesanato na comunidade, fato percebido pela entrevistadora E2, que, ao continuar a entrevista, pergunta: “mais fazia”. A repetição da forma verbal “fazia”, a partir da matriz “fazendo”, requer do entrevistado (F11) a *confirmação de argumentos* através da repetição: “**fazia**”. Então, a entrevistadora E2 lança outra pergunta, repetindo a mesma forma verbal: “**fazia** o quê”. Essa construção mais uma vez garante a coesividade das falas dos interactantes e permite também a coerência. A partir dessa pergunta, começa o processo de *listagem*: “{Ø} panelinha de barro... mais hoje é tudo rico né... fazia de alumínio ninguém quer mais o barro... um pote ninguém quer”.

Para responder, F11 utiliza listas, primeiramente, suprimindo algo já dado, à esquerda do núcleo frasal, por meio da elisão {Ø}; posteriormente, expandindo elementos novos à direita do núcleo frasal: “**fazia** de alumínio ninguém quer mais o barro”. A forma verbal “fazia” não possui a mesma significação das repetições

anteriores (produção de panelas de barro). Agora, refere-se à preparação dos alimentos (da comida) que se dá em panelas de alumínio. E, para manter a interação, F11 usa o marcador “né” no interior de seu turno.

F11, em seu turno também repete a construção oracional “ninguém quer”, *reafirmando os argumentos* utilizados por ele: “**ninguém quer** mais o barro ... um pote **ninguém quer**”. No intuito de contrastar com a informação dada por F11 de que ninguém na comunidade quer mais usar panelas de barro, Fx colabora: “**quer** nada”. Para reafirmar o que o disse, F11 finaliza: “**quer** geladeira”. Assim, os argumentos são apresentados por meio de heterorrepetições, estabelecendo o contraste e a reafirmação das ideias argumentadas na entrevista.

5.4.5 Quinto momento interativo

O quinto momento interativo consta de um evento, em que os participantes da entrevista discutem sobre o tópico educação na comunidade quilombola. Esse momento é representado pelo fragmento da entrevista 14. Nesse fragmento, o entrevistador é identificado por E1, e o entrevistado, por F14. Mais uma vez, os turnos conversacionais são estabelecidos por meio do trílogo, em que a entrevistadora E2 colabora com o entrevistador E1.

Fragmento da entrevista 14 – Tópico: Educação

E1- eu tenho observado que há uma escola aqui na na comunidade ...
 F14- na comunidade tem um grupozinho aqui ... ((apontando para o local))
 E1 - é:: o senhor sabe em que época foi construída desde quando ela está ... aqui na comunidade?
 F14- eu acho que essa escola deve está aqui: ... eu acho que mais ou meno dos ano 70 ... eu penso assim ... que quem/quem fundou essa escola aqui foi meu pai ... ele tinha um bucado de filho ... e aquele pessoal muito: rígido com os filho ... num dava a oportunidade de ninguém estudar lá fora ... e então ele preferiu arru/ fazer uma casinha ... arrumar uma pofessora ... como ele feizi e pagava do bolso dele pra ensinar os filho na casinha dele lá ... depois foi qui surgiu: o tempo foi aumentando mais a população e surgiu até um grupo qui tem aí ... com o nome do meu pai ... J. P. S. ...
 E1 – é o nome do seu pai
 [
 F14- é o nome do meu pai qui foi o fundador disso aqui ... dessa escola aqui
 E1- eu estava até pensando quando cheguei, olhei a escola e vi o nome e falei assim será se eles estão homenageando alguém aqui da comunidade ou é algum/ porque geralmente eles homenageiam pessoas de fora né ... mas ainda bem que aqui eles colocaram um nome
 [
 F14- colocaram da comunidade
 E1- o nome de uma pessoa da comunidade
 F14- foi ...
 E1- e os funcionários é: são aqui da comunidade também?
 F14- do grupo
 E1- sim ... os funcionários de lá ... os professores?
 F14 – os professores são ... eram três professores ... mais agora parece que só existe dois ... porque

tem um de manhã tem um à tarde e um à noite ... tiraro o da noite ... a falta de aluno ... ((tosse)) desculpa aí ... e hoje só tem duas ... mais uma mora aqui a vizinha ... todas duas são vizinha daqui ... os dois professor ... duas moça ... a minha irmã/ quando começou as aula ... a minha irmão trabalhava pra merendeira essas coisa né ...

E1 – sim

F14 – agora só que ela trabalhava e nunca recebeu um centavo como voluntário

E1 – trabalhava como voluntário ((repete baixinho))

F14 – até o pessoal reclamava com ela deixa de ser besta ... trabalha pra prefeitura tanto tempo ... e não recebeu um centavo ... depois tentaro fazer o grupo dissero agora vai trabalhar pra prefeitura vá vão registrare ... mais não ela nunca se interesô ... tombéim arrumaro outras pessoa mais novo e colocaro no lugar ... e () é a vizinha daqui que toma conta () da da merenda ...

E1 – em relação aos anos escolares aqui na escola funciona do primeiro ao quinto ano?

F14 – aqui é não acho/ acho que é de primeiro ao quarto

E1 – do pimeiro ao quarto ...

F14 - do primeiro ao quarto ...

E1 – sim ...

F14 – purqui já vão pra cidade

E1 – já vão pra cidade ...

F14 – já vão pra cidade ...

E2 – tem transporte escolar?

F14 – tem ... a o o prefeito (desculpe) manda/ antigamente era pau de arara mais qui hoje é qui tudo são ônibus né ...

E1 – ônibus

F14 – eles pega nesse cruzamento aqui ó ((o entrevistado aponta com a mão direita para o local onde os estudantes esperam o transporte escolar, como ponto de embarque e desembarque)) todos os dia vem busca aí

E1 – sim

F14 – a população aí

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2017).

Nesse evento comunicativo, aparece a heterorrepetição do item “comunidade”, ao longo das falas dos participantes da conversa. Essas repetições, ao longo dos turnos de E1 e F14, são indícios de condução do tópico conversacional. Destinam-se a organizar o tópico, de modo que os falantes mantenham a coerência de permanecer no mesmo assunto sem se desviar dele.

Outro item repetido pelo entrevistador (E1), em turnos diferentes, como num processo de *listagem*, é a palavra “escola”: “eu tenho observado que há uma **escola** aqui na na **comunidade**”, “é:: o senhor sabe em que época {Ø} foi construída desde quando **ela** está ... aqui na **comunidade**”. Nesse processo, a repetição garante a coesividade do texto falado, possibilitando maior envolvimento na interação. No segundo turno de E1, a palavra “escola” é suprimida por elisão {Ø} e pronominalizada através do pronome pessoal “ela”.

Continuando o processo interativo, aparece a expressão “eu acho”, *marcador oracional* repetido que está servindo para estabelecer a opinião pessoal de F14 em relação ao que E1 perguntou: “desde quando ela está aqui”. Para estabelecer a interação, F14 usa a heterorrepetição “essa escola deve estar aqui” após o uso do

marcador conversacional. Essa estratégia é muito válida para mostrar o envolvimento dos participantes que cooperam com o propósito informacional da entrevista e, ao cooperarem, utilizam-se da *função interativa* da repetição.

Para garantir a *manutenção do tópico*, F14 utiliza constantemente a repetição dos pronomes “ele” e “dele”, evidenciando que seu pai fundou a escola e, portanto, iniciou o processo educativo na comunidade quilombola.

Posteriormente, o entrevistado utiliza a repetição da construção sintagmática “o nome do meu pai” a fim de enfatizar que a escola recebeu o nome de um dos quilombolas que é seu pai. Nesse momento, há sobreposição de vozes dos interlocutores, o que permite a tomada do turno por parte do entrevistado.

Continuando a entrevista, E1 expõe sobre a relevância da homenagem a alguém da comunidade. Isso mostra a valorização de alguém que inicia o processo educativo dos filhos e depois da comunidade. Mais uma vez há sobreposição de vozes, no sentido de colaborar com o que o entrevistador expõe. O item lexical “comunidade” mais uma vez aparece mantendo-se a *função tópica* da repetição.

Quando E1 pergunta sobre os funcionários da escola, F14 relata que as professoras são vizinhas à comunidade. Atualmente, a escola só funciona em dois turnos. À noite não funciona pela falta de alunos. F14 informa também que sua irmã trabalhou como voluntária da escola, mas nunca foi reconhecida nem remunerada pela prefeitura. Utiliza o marcador “né” no intuito de obter uma resposta afirmativa do entrevistador.

Nesse fragmento da entrevista, E1 repete quatro vezes o marcador “sim”, mantendo a *interação* e *ratificando o papel de ouvinte (função interativa)* de modo a extrair maiores informações de F14. Essa operação se dá em turnos alternados, contribuindo para as relações interpessoais existentes na conversação (MARCUSCHI, 2002). Os diversos marcadores conversacionais que aparecem nesse fragmento ocorrem no início (sim, até, já, é::), no meio (aqui, muito:, então, lá, quando, aí, né, hoje), no final (né, aí, aqui,) dos turnos e solitariamente (sim). A interação é garantida com a utilização desses marcadores, pois se percebe que os falantes almejam continuar o processo de negociação e interpretação do que está em evidência (SANTOS, 2004).

Também se encontram repetições que sinalizam a reafirmação de argumentos por meio de heterorrepetições: “do primeiro ao quarto”, “já vão pra cidade”, “ônibus”. A argumentatividade se dá pela reafirmação de material já

existente. Os falantes não preferem apresentar novos argumentos, mas manter as construções idênticas.

Por último, F14 relata que, por a escola não atender às séries mais avançadas, os alunos vão estudar na cidade. Para isso, existe ônibus que, cotidianamente, vem buscá-los para levá-los às escolas da cidade. Desse modo, o entrevistado utiliza o marcador “aí” tanto para referir-se ao local (cruzamento) onde os alunos esperam o ônibus, quanto para referir-se à população da comunidade.

5.4.6 Sexto momento interativo

O sexto momento interativo busca como tópico a discussão a respeito do trabalho dos quilombolas. A entrevista aborda o que a população da comunidade fazia para sobreviver antigamente e o que fazem para sobreviver atualmente. Esse momento tem como participantes o entrevistador E1 e o entrevistado F14. Nele, aparecem algumas incompreensões de palavras () que não foram possíveis transcrever a partir da audição da gravação realizada no dia da entrevista.

Fragmento da entrevista 14 – Tópico: Trabalho

E1 – é: o senhor sabe dizer como nessa comunidade as pessoas viviam ... sobreviviam antigamente ... como é que sobrevivem hoje ... eles vivem de que ... trabalham em quê?

F14- bem ... até quando eu cheguei praqui ... os pessoal mais velho morreram tudo ... então só tem hoje a turma jove ... nós vivia trabalhando ... trabalhando um dia de serviço a um e a outro quem tinha pra pagar ... inclusive meu pai quando chegou praqui mermo ... ele abriu um'çoite de serviço aí ... e toda semana ... toda semana não ... todos os dia tinha dezoito vinte trabalhado trabalha()lhava lá onde eu moro alí ... e plantando batata plantando essas coisa ... e os coitado num tinha o que fazer ... lá ganhava a diária ... a maioria deles aqui da região ... mais depois foram se adaptando as coisa foram melhorando pra eles ... e hoje eles num têm mais nem essas precisão toda ... já tão tendo alguma oportunidade ... né ... já que saiu esse negócio de bolsa família ... já tem esse negócio dessa feira que já é uma ajuda grande ... e eles num tão mais nem se preocupando tanto ... graças a deuse já tão vivendo uma vida mais melhor ... tombeim tão procurando estudar tão procurando mais sair fora ... o que eu digo de mim mermo se eu de se eu disser de minha casa nós nem tem pai nem mãe ... somos dezessete irmão ... dos dezessete irmão tem doze em São Paulo ...

E1 – sim

F14 – qui aqui num tem como sobreviver ... aí correu tudo pra lá ... e hoje só resta quatro por aqui ... quatro cinco ... mais aqui só tem três irmão morando aqui ...

E1 – sim

F14 – os outro tudinho em São Paulo Maceió ni União ... qui aqui num tem como sobreviver todo mundo né ... e todo mundo () num tem como tá arrastando terra pros pés num pode não ... aí eles abriram

E1- aí vai geralmente pra cidade pra buscar melhoRIAS...

F14- buscá melhoria

E1- pra estudar

F14- pra estudar

Fonte: *Corpus da pesquisa* (2017).

O fragmento da entrevista vem retratar que os quilombolas sempre viveram da agricultura. Evidentemente, o entrevistado (F14) mostra que muitos deles já migraram para outros lugares em busca de melhorias. Ele também vê na educação a possibilidade de crescimento para ter financeiramente um futuro melhor.

Desse modo, E1 pergunta sobre o trabalho, que serve para o sustento das famílias quilombolas: “**trabalham** em quê”. A forma verbal “trabalham” serve de matriz para as repetições posteriores.

F14 mantém as repetições a fim de que seu turno não seja desviado, permanecendo, assim, de posse dele: “nóis vivia **trabalhando**”, “**trabalhando** um dia de serviço a um e a outro”. O entrevistado mostra a importância da agricultura para as famílias da comunidade. Ele também mostra que a vida que as famílias da comunidade levam hoje se tornou melhor, pois tem algo que antes não tinha: o incentivo do governo federal, através de uma feira mensal e do Bolsa Família.

E, para que o entrevistador compreenda melhor a situação da comunidade, F14 repete: “e eles num **tão** mais nem se preocupando tanto”, também **tão procurando** estudar **tão procurando** mais sair fora”. Essa repetição vem manter a compreensão do que está sendo falado, por meio da intensificação dos itens repetidos.

E1 mostra que acompanha o turno de F14 por meio da repetição do marcador “sim”. O entrevistador mostra seu assentimento frente ao que o entrevistado está falando, possibilitando o envolvimento na entrevista e ratificando o papel de ouvinte e mantendo a *interatividade*.

Continuando sua fala, F14 intensifica seu discurso utilizando um marcador de lugar: “**aqui** num tem como sobreviver”, “e hoje só resta quatro por **aqui**”, “mais **aqui** só tem três irmão morando **aqui**”. Ele vem retratar que a comunidade não oferece emprego senão o trabalho braçal, pesado e duro. Por isso muitos saíram da comunidade em busca de melhores condições de vida. Fato exemplificado pelos irmãos dele que migraram para São Paulo.

A intensificação do marcador “aqui” é efetivada por meio de repetições, assegurando ao texto conversacional a fruição do discurso, a manutenção do tema em questão e o fortalecimento da interação.

Ao final do fragmento, tem-se a repetição das seguintes construções: “buscar melhoRIAS”, “pra estudar”. Em todas elas, a matriz é dita pelo entrevistador (E1),

sendo repetida pelo entrevistado (F14). Essas heterorrepetições marcam a argumentação utilizada pelo entrevistador e reafirmada pelo entrevistado.

Constatou-se que as entrevistas realizadas a remanescentes quilombolas apresentam as repetições como marcas de interação. Essa interação é efetivada por meio do revezamento dos turnos, marcado pelos pares adjacentes em perguntas e respostas, que se dão, muitas vezes, por meio dos marcadores conversacionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou a análise de elementos da modalidade oral da língua, a partir do tratamento e interpretação de entrevistas realizadas na comunidade quilombola Mariana, na zona rural de Santana de Mundaú-AL.

A elaboração da pesquisa permitiu confrontar as teorias estudadas com o material colhido em campo por meio de entrevistas, podendo evidenciar o que há de “novo” na pesquisa e sua contribuição em contexto educacional.

Assim sendo, para justificar este estudo, as contribuições de teóricos como Marcuschi (2002; 2003; 2006), Santos (2004; 2007; 2013), Galembeck (1999) e Fávero, Andrade & Aquino (2002; 2012), dentre outros, apontaram para a descrição de elementos interativos presentes nos fragmentos do *corpus* e enriqueceram as análises por fundamentarem a *práxis* a partir da abstração de categorias presentes no material empírico.

Os estudos conversacionais representados pelas categorias analisadas nas entrevistas permitiram que se observasse a interação na fala dos quilombolas de Mariana. Esses elementos interativos possibilitaram que houvesse a percepção do planejamento da fala na entrevista oral. A incidência dos elementos interativos presentes nos diálogos reflete a importância dos aspectos de estruturação e de organização do texto conversacional para a pesquisa em evidência.

Trazendo essas categorias para o contexto de um *corpus* nunca antes analisado nos estudos conversacionais, faz com que o “novo” se estabeleça de modo relevante nas fronteiras dos estudos linguísticos com as questões culturais de remanescentes quilombolas.

A comunidade é o espaço onde acontecem os discursos que aproximam os interlocutores (entrevistador e entrevistado). A função dos entrevistados não seria apenas de receptores cordiais, mas de agentes principais da comunicação estabelecida nas entrevistas. Os quilombolas estão para ser ouvidos enquanto sujeitos do processo de construção da sua história. Por isso, esta pesquisa contribui de forma significativa com os estudos da oralidade realizados no cenário acadêmico alagoano.

Ao utilizarem a repetição, os falantes almejam garantir a posse do turno e levar seus interlocutores a crerem naquilo que está sendo posto na conversação. Além de garantir a continuidade do tópico discursivo, através de reafirmação de algo

previamente estabelecido por um dos interactantes, a repetição pode ser uma ferramenta de intensificação, pois algumas vezes o falante deseja reforçar a compreensão do interlocutor e garantir que o conteúdo anunciado seja explicitado, assegurando o *status* informacional veiculado.

Tal como os teóricos enunciam, a exemplo de Marcuschi (2002; 2003; 2006), a repetição é um recurso coesivo/interativo, que clarifica as ideias do discurso oral, assegurando sua unidade, não permitindo perder o foco do tema tratado, sustentando, desse modo, a coerência do texto oral através de estratégias de processamento textual-discursivo.

A presença de marcadores conversacionais favorece a interação do discurso presente nas entrevistas. Eles não acrescentam informações ao diálogo possibilitado pela relação entre entrevistadores e entrevistados, mas favorecem a organização da conversa, sinalizando a manutenção da atenção entre os interlocutores e buscando garantir a interação por meio de elementos de consentimento daquilo que foi posto.

No trabalho, observaram-se as teorias pertinentes ao objeto a ser pesquisado, o tipo de metodologia a ser empregado (MINAYO, 1998; HUSSERL, 2000; MOREIRA, 2002; FLICK, 2004; GIL, 2008) e as perguntas que nortearam a constituição do objeto como problema de pesquisa.

Mediante as análises, foi percebido, em resposta às perguntas que nortearam esta pesquisa⁵⁵, que a interação estabelecida nas entrevistas, por meio dos pares adjacentes (P-R), é configurada através de uma organização interativa, cujas categorias analisadas contribuem para as mais diversas funções, tais como: a monitoração da coerência do texto falado, a continuidade do tópico discutido nos turnos conversacionais ou o seu monitoramento por meio de marcadores conversacionais, a coesividade e o desenvolvimento da argumentação.

Desse modo, confirmou-se a disposição relativamente assimétrica na gestão dos turnos conversacionais em torno dos quais as entrevistas se organizam (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012). No que respeita ao processo interacional dos participantes, coube aos entrevistadores efetuarem as perguntas e aos entrevistados, procederem às respostas. É inegável a interação existente no evento comunicativo representado nos fragmentos do *corpus* analisados.

⁵⁵ As perguntas constam na seção introdutória.

Nas entrevistas, verificou-se que a repetição, enquanto recurso utilizado pelos interactantes, é a categoria mais recorrente. Ela é evidenciada pelo constante uso da coesividade, enquanto função da repetição, responsável pela referenciação e pela sequenciação das ideias discutidas nos diálogos.

Quando os entrevistadores saíram de seus espaços e fizeram-se partícipes do espaço dos entrevistados, visitando e conhecendo a realidade dos quilombolas, instauraram relações de poder no novo ambiente (SANTOS, 2004; 2013), cujas propriedades representaram a interação verbal de uma realidade empírica e construída no par dialógico, na busca incessante de informações sobre a comunidade quilombola.

Os entrevistadores detêm o poder estabelecido nos momentos interativos porque são os responsáveis por conduzir as entrevistas, que apresentam marcas de turnos relativamente assimétricos. Os entrevistados, enquanto sujeitos do diálogo, “[...] não estão acabados. Estão em constante processo de construção, pois é no outro e nas relações com esse outro onde buscam a sua completude” (SANTOS, 2013, p. 76).

Nesse processo, observaram-se também traços de cordialidade (polidez), de correção, de pedidos de informação, de digressões e de parentetizações, de paráfrases, de aceitação e de negociação, de resgate da identidade da comunidade⁵⁶. Verificou-se também que o jogo a que os interactantes se submeteram é regido por um princípio de cooperação (GRICE, 1975), pois, sem ele, a interação estabelecida na entrevista fracassaria.

Além disso, como em qualquer conversação face a face, o discurso oral dos quilombolas é organizado em sua espontaneidade, de modo a evidenciar as marcas do não planejamento dos diálogos ou trílogos efetuados nas entrevistas. Esse caráter, ao passo que reflete a linguagem dos sujeitos envolvidos na interação em seus aspectos sociointeracionais, põe em evidência a natureza do texto conversacional, em sua dinamicidade, como rascunho de si mesmo (KOCH, 1992).

A perspectiva teórico-metodológica defendida nesta dissertação seguiu uma postura que concebe a linguagem enquanto prática social, geradora de sentidos,

⁵⁶ Muitas categorias identificadas no *corpus* não foram possíveis ser analisadas neste momento, pois o trabalho restringiu-se a categorias do campo da Análise da Conversação, tais como: os turnos, os pares adjacentes, os marcadores conversacionais e as repetições, sendo que as análises incidiram para a recorrência dessas duas últimas categorias.

que se manifesta dentro de um *continuum* tipológico, em que não há mais espaço para o tratamento dicotômico dos gêneros textuais produzidos.

Sendo assim, o estudo das categorias de análise possibilitou enxergar que o texto oral é planejado e replanejado localmente, no contexto em que está inserido. Desse modo, as entrevistas realizadas evidenciaram não somente a assimetria existente nos turnos conversacionais, mas também a cultura de um povo sofrido, refletida nos diálogos possibilitados pelo evento comunicativo. Os resultados apontam para a existência de marcas interativas que possibilitam a organização dos turnos por meio dos pares adjacentes, do uso de repetições e de marcadores conversacionais.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PETRI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1999, p. 129-156.
- BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 189-214.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____ (org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas-SP: UNICAMP, 1989, p. 249-279.
- CESTERO MANCERA, A. M. **El intercambio de habla en la conversación**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2000.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DIONÍSIO, A. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. vol. 2. p. 81-112.
- FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 33-54.
- _____. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (org.) et al. **Fala e escrita em questão**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 79-97.
- FÁVERO; L. L.; AQUINO, Z. G. O. A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In: PRETI, D. (org.) **Interação na fala e na escrita**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p.159-177.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (orgs.) **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2002. vol. IV, p. 465-499.
- _____; _____. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FIORIN, R. P. Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade. In: **Revista Eutomia: revista de Literatura e Linguística**. Recife: UFPE, 2008. n. 2, p. 538-559.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.

GARRET, A. **A entrevista: seus princípios e métodos**. Trad. Maria de Mesquita Sampaio *et al.* 10. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. (orgs.) **Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1975. vol. 3.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PETRI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1999, p. 103-127.

_____. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante – um caso de interação intraturno. In: PETRI, D. (org.) **Interação na fala e na escrita**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 89-124.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 195-208.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.

HYMES, D. H. **Acerda de la competencia comunicativa**. Madri: Edelsa, 1995.

ITERAL. Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas. **Comunidades quilombolas de Alagoas**. Disponível em <http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas>. Acesso em 30 mai. 2017.

JUBRAN, C. C. A. S. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. In: KATO, M. A. (org.) **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2002. vol. V. p. 343-357.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação: princípios e métodos**. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In: NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP; São Paulo: HUMANITAS, 1999. vol. VII. p. 29-52.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2005.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Trad. Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP; São Paulo: HUMANITAS, 1999. vol. VII. p. 159-194.

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (org.) **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP/ FAPESP, 2002. vol. VI, p. 105-141.

_____. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: a construção do texto falado**. Campinas-SP: UNICAMP, 2006. vol. I, p. 209-254.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b. p. 19-38.

_____. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

MONDIN, B. **Curso de filosofia: os filósofos do ocidente**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003. vol. 3.

_____. **O homem, quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. Trad. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MORAIS, E. P.; SANTOS, M. F. O. Cortesia numa perspectiva retórica no gênero entrevista oral, no radiojornalismo alagoano. In: SANTOS, M. F. O.; DIKSON, D.; MORAIS, E. P. **Interfaces com a Análise da Conversação**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 47-60.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

OLIVEIRA, C. L. **Práticas linguístico-não verbais no discurso interativo de sala de aula**. Tese de doutorado. Orientação: Maria Francisca Oliveira Santos. Maceió: UFAL, 2012.

PRETI, D. Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI, D. (org.) **Interação na fala e na escrita**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 45-66.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **A comunicação não verbal**: a gestualidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. V. (org.) **Gramática do Português Falado**. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2002. vol. VI, p. 21-57.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. **A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation**. *Language*, 1974. v. 50, n. 4, p. 696-735.

SANTOS, M. F. O. **A interação em sala de aula**. Recife: Bagaço, 2004.

_____. Os aspectos linguístico-interativos em aulas de Português do Ensino Médio. In: MOURA, Maria Denilda (org.). **Leitura e escrita**: a competência comunicativa. Maceió: Edufal, 2007

_____. **Os saberes construídos no processo da pesquisa**. Maceió: Edufal, 2013.

SILVA, L. A. **A língua que falamos – Português: história, variação e discurso**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

SILVA, J. B. **educação escolar quilombola**: limites e perspectivas. Palmeira dos Índios-AL: FACESTA, 2015.

SILVEIRA, M. I. M. **Análise de gênero textual**: concepção sócio-retórica. Maceió-AL: Edufal, 2005.

TAVARES, R.R. **A negociação da imagem na Pragmática**: por uma visão sociointeracionista da linguagem. Maceió: EDUFAL, 2007.

URBANO, H. *et al.* Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, A. T. (org.) **Gramática do Português Falado**. 3. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2002. vol. III, p. 75-96.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999a. p. 81-101.

_____. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP; São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999b. vol. VII, p. 195-238.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO-GUIA PARA AS ENTREVISTAS

1. Como surgiu a comunidade?
2. Tem quantos anos aproximadamente?
3. Quem foram os primeiros habitantes?
4. Como era a comunidade nessa época?
5. A comunidade tinha um representante? E hoje?
6. Como eram os casamentos?
7. Qual o significado do nome da comunidade?
8. Essa comunidade tem alguma ligação com a Serra da Barriga, com o antigo Quilombo dos Palmares?
9. Como as pessoas sobreviviam antigamente? E como sobrevivem hoje?
10. Religiosidade?
11. Festas típicas, danças, brincadeiras, cantigas?
12. Tem quantos moradores?
13. Tem escola?
14. Atendimento médico?
15. Tem transporte?
16. Como eram as casas? Como são hoje?
17. Tem associação?
18. A comunidade produz algum tipo de artesanato?
19. Quais os principais problemas enfrentados pela comunidade hoje?
20. Tem alguma história antiga sobre a comunidade?

ANEXO B – TABELA COM AS NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Normas de Transcrição estabelecidas por Marcuschi⁵⁷ (2003); Preti⁵⁸ (2006)

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras	()
Hipótese do que se ouviu/dúvidas ou suposições	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	MAIÚSCULO
Prolongamento de vogal e consoante	: ou :: ou mais
Silabação	- - -
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários do transcritor	((comentário))
Sobreposição de vozes (depois de começado o turno)	[
Falas simultâneas (no início do turno)	[[
Nomes dos entrevistados	Abreviado
Entrevistador (a)/documentador (a)/ pesquisador (a) 1, 2, 3, 4...	E1, E2, E3, E4...
Entrevistado (a)/Falante/Informante (participante reconhecido)1, 2, 3, 4...	F1, F2, F3, F4...
Falantes/participantes ocasionais e espiões	Fx, Fy...

⁵⁷ A partir do livro *Análise da Conversação*.

⁵⁸ A partir do desenvolvimento do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC/SP), presente no livro *Fala e escrita em questão*, da série Projetos Paralelos.

ANEXO C – ENTREVISTA 4

F4: Q. S. S.

Entrevistador 1: Josimar Gomes da Silva

Transcrição: Josimar Gomes da Silva

Duração: 21:53

E1 – entrevista com Q. S. S. ... dona Q. ... como surgiu a comunidade? ... a senhora vai nos contar um pouco da história aqui da comunidade

F4 – tá bom/ a comunidade coisou porque de primeiro era uma curadera que tinha ... essa curadera era chamada de Mariana ... pu Mariana ela ficou ... eu nasci já ca minha vó minha mãe mim insinuando que era a gente era ... da Mariana da Mariana por Mariana ficou ...

E1 – então essa a origem né

[

F4 – é ... é ... a gente era muito homilhada ... dane da minha vó que a gente era muito homilhada pelo povo ao redó ... só chamava a gente de raça de mundiça porque agente num tinha nada ... a gente num tinha nem uma cama pra durmi agente num tinha nada na vida aí o povo chamava noi de mundiça ... os minino brigava muito ... assim encrencando de um pra outro sabe?

E1 – sim

[[

F4 – mais aí ficou esse nome de Mariana oia a raça da Mariana oia a mundiça ... hoje ... eles são lôco pra entrá na raça aqui na Mariana ... e hoje num tem brecha pra eles mai né ... a gente num podia nomorar com rapais de fora assim de redó que eles num deixava ... você vão si misturá com aquela ... raça de cachorro era o nome qui a gente levava aqui ...

E1 – ah então quer dizer que ... é geralmente a os casamentos ... aconteciam da própria família?

F4 – era se vinhesse aigüem de fora sabe?

E1 – alguém de fora

F4 – aigüem de fora ... que se o povo num pudesse te afastar assim pá conta uma coisa que a gente era ou num era ... mais só qui graças a Deus a gente num era o que eles pensava

E1 – entendi

F4 – é hoje eles estão lôcos pa entrá aqui que é da do coisa dos quilombola ...

E1 – a comunidade cresceu ...

[[

F4 – e tu é é aí eles quiere ... entrar aqui mais agora num tem mais jeito né?

E1 – num tem mais jeito

F4 – é o povo fica as vez com raiva da gente ... e tudo porque a gente ... num bota eles para ser/ mais a gente num pode quem pode é o povo ... que eles pode entrá tudo aqui na comunidade né/ a gente num pode

[

E1 – eu sei

F4 – e só era essas esses três hectáre de terra aqui que era dos quilombola

E1 – a senhora sabe dizer ... QUANto tempo mais ou menos tem essa comunidade DESde essa essa senhora chamada Mariana? ... faz mais ou menos quantos anos?

F4 – eu acho que oxe fa/ minha vó está com sessenta anos que morreu e já existia isso aí

E1 – e já existia aqui

[

F4 – e já existia isso aí

E1 – entendi

F4 – sabe que era uma/ ela também era curadeira essa vó minha também que morreu

E1 – sim

F4 – essa T./ é T. ... já era curadeira também uma vó outa vó da gente também que ela chamava Maria Venâncio ... era ... curadeira também ... e bem sabida essa visse ela sabia de muita coisa mermo

E1 – entendi

F4 – foi entonse ... começou Mariana Mariana por Mariana tamo aqui

E1 – mas a comunidade se organizou em torno de algum líder ... que fique para orientar as famílias?

F4 – não né porque as veiz aqui as veiz agente também a gente quer chamar um um acordo outo num quer ... aí é sempre você sabe que muita gente assim é tudo ... num vai tudo num ... num cacho só pá chamá uma atenção e tudo quere ir né

E1 – sim

F4 – agora quando diz diz assim chegou a fêra todo mundo fica animado ... ((risadas))

E1- ah é porque vocês recebem

F4 – é agora passa seis meisi as veiz cinco as veiz quatro sem chegar essa fêra né

E1- sem chegar essa feira

F4 – mai candi chega é uma festa pa nós ((risadas))

E1 – é um incentivo do governo do governo federal num é?

F4 –
[
é ...

é é que chega pa gente aqui é

E1 – mas vem muita coisa é essa feira só alimentos ou traz também materiais de ... de higiene?

F4 – não não só assim arrosi ... fuba ... feijão farinha ...e açúcar

E1 – só os de necessidades básicas ...

F4 –
[
é somente é feijão que vem essas coisas assim que é o que vem

E1 – entendi

F4 –
[
num vem essas coisa de limpeza essas coisa num vem não nem mistura nem nada só o que vem é isso

E1 –
[
de limpeza vem não ... só isso entendi

F4 –
[
só

E1 – essa comunidade ... sabe dizer a senhora ... se tem alguma ligação com a serra da barriga que foi o antigo quilombo dos palmares?

F4 – é o que todo mundo diz a gente vai as menina já foro pra lá eu nunca fui não porque eu num posso muito tá viajando sabe?

E1 –
[
sim

F4 – mas as menina já foram pa lá e tudo agora eu nunca fui não eu tenho a maior vontade de ir lá ... nasci e me criei aqui e nunca fui lá ... porque as vez as menina que ir eu quero ir aí ... eu digo vá você que pode que tem saúde na perna e pode ir eu num tenho

E1 –
[
entendi

F4 – é

E1 – entendi é ... as pessoas logo no início ... sempre viveram aqui da agricultura ou ... eles tinham outro tipo de de de de trabalho?

F4 – não meu fio aqui toda vida ... era cortando cana e tirava conta a gente ia pro Santo Antoin da Lavagi de pé ... pro Brejo do Vieira que entra ali pu Santo Antoin ((fazendo gesto com o braço apontando para o local onde fica Santo Antônio da Lavagem)) ia pá Ponte Nova ... ia pá Serra dos Cachorro lá cortá cana tirá conta a vida de nós era essa

E1 – era essa

F4 – aí depois que eu me casei que meu marido é muito trabalhado ... seu A. tinh'uma terra ali entonce ele dava pá gente trabalha a gente saia daqui ia trabalhá lá

E1 – sim

F4 – sabe?

E1 – sei

F4- assim plantá assim negócio de milho e feijão ... nem mandioca a gente nunca plantou que eles num quiria

E1 – e na época da sua avó a senhora sabe dizer alguma coisa?

F4 – seio não

E1 – hum

F4 – num sei mais isso aqui era tudo cheio de lavora assim de milho ... essas coisas que eles plantava era tudo assim

E1 – eles trabalhavam com algum artesanato aqui?

F4 – que eu saba não

E1 – não vocês trabalham atualmente com ate/ artesanato?

[

F4 – não ... num trabalho não o o que eu mermo sei fazer e a menina só é sabão quebra queixo ...a minha minina sabe caprichar bem no bolo ... maise é ((risos)) ... é mais no bolo de mandioca nessa coisa agora no pé de moleque eu sou ... franca sei lá mai no outro bolo eu ((risos))

E1 – no outro bolo a senhora não não

F4 – se eu for fazer só pra casa eu faço ... agora que eu num posso mexer muito porque eu tenho muito probema nos osso

E1 – ah entendi

F4 – sistema nervoso

F1 – sim

F4 – essas coisa assim aí eu num posso ... mexer muito sabe?

E1 – e aqui a a a comunidade ... é: tem alguma festa ... que reúne todo mundo alguma brincadeira alguma dança?

F4 – não/ tinha ... um ano e seis mese antes dele morrer que era meu irmão que morava ali ((apontando para o local e com um tom de voz mais brando)) ... tá com um ano e seis mese que ele morreu ... a Mariana pode dizer que se acabou-se porque só tinha animação quando ele tava vivo

E1 – quando ele tava vivo

F4 – era fazia a festa de meu pade ciço e de vez em quando fazia um aniversário ... e ()

[

E1 – como era o nome dele?

F4 – era R.

E1 – R.

F4 – é ... ainda hoje eu num posso falar nele porque dueu muito ni mim

E1 – entendi

F4 – a morte dele porque ele sempre ... ficava gritando por um puroutro ... e sempre ele que quem matava ajuntava comprava uma nuvia pra pra

E1 – pra festejar com com a comunidade

[

F4 – sim ... sim e tinha essa irmã minha qui mora fora qui ... ela morava nessa casa ((casa onde está acontecendo a entrevista)) foi lá

E1 – sim

F4 – sempe era ele que ajudava ela ... mode ela num passá necessidade ... e hoje o que eu posso fazer pu ela eu faço.

E1 – a senhora sabe dizer quantas famílias têm aqui ou quantas pessoas moram na Mariana?

[

F4 – óia eu sei qui assim quantas pessoa têm na casa eu num sei comparação ... na minha tem quato ... aí na outra eu num sei te conta ... agora é vinte e duas famía

E1 – vinte e duas

F4 – aí sim aí vai mais a agora só que tem ... três minina que tá no cadasto só que elas num recebe essas coisa agora os outro ... rapaiz e moça eu num sei dizer quantas pessoas tem ... sabe mais no cadasto mermo tem vinte duas pessoa

E1 – e a religião daqui ... como é que vocês fazem pra ... pra se voltar para um ser superior para espiritualidade?

F4 – assim né a gente o sonho da gente era fazer uma igreja aqui ... que aqui mesmo nós de nois num tem nenhum ... que seja negócio de crente sabe?

E1 – sim

F4 – só tinha uma cunhada minha aqui que ela está ni Mato Grosso que é um irmão meu que tá em Mato Grosso

E1 – sim

F4 – foi ver se trabalhava pra fazer uma casinha pra ele né ... mais já tá com dois ano e num teve condições de fazer essa casa dele né ... o sonho dele a casinha dele estava caindo aquela num tem ... o sonho dele era fazer essa casa ... aí ele ta pra lá pra Mato Grosso ele dixeu que ia passar um ano pra lá pra vê se adquire mais os filhos e a mulé ver se ... volta pra fazer essa casa ... mais o sonho da gente era ser ... do jeito que a gente somos do jeito que eu nasci ... negócio da de igreja evangélica eu sou e vou morrer assim ...

E1 – sim

F4 – sabe?

E1- e em relação a reuniões ... a o pessoal sempre se junta pra fazer reunião na casa dos dos outros Missas?

F4 – não assim tem/ ali embaixo tem um minino qui ... de vez em quando chama o pade o pade já vem pa aí pa pa ... pa escola celebrá missa ... ((apontando para a escola))

[

E1 – pra escola celebrar missa

F4 – assim como tem brincadera no dia das criança o pade já vem ... pr'aí também ... sabe?

E1 – entendi

F4 – sim tem ali embaixo na beira da rodage ... qui seu A. ajeita o pade vem também pra lá ...

E1- hurum

F4 – aqui quando tem uma reunião a gente se senta alí dibaixo do pé de manga ... ou aqui a gente da do movimento das mulé né ... SEMpre elas vem pra aqui ...

[

E1 – sim

F4 – o movimento das mulé

E- a:h e é?

F4 – é acho que vocês sabe quem é aquela G. ...

E1 – não não conheço

F4 – O MININO que veio mais vocês sabe quem é ela ...

E1 – sim

F4 – aí sempre ela vem pr'aquí com as minina ... da outra comunidade de Junçara ela vem pra aqui pra fazer reunião ...

E1 – a senhora falou da escola se reúne na escola ... celebra missa ... tem festas da criança que é comemorada na escola ...

F4 – [é na escola é

E1 – enTÃO a escola é o principal ponto que vocês se se reúnem ... atualmente

F4 – [é

é é por isso que a minina minha fia quer que batalha atrás disso pra fazer um canto porque as vez ... a médica vem e fica na casa da minha irmã agente tem uns problema e num vai dizer tudo né?

E1 – [sim

sim sei

F4- não vai dizer tudo né assim na vista do médico na casa dos outro aí as vez na escola tá ensinando aí ... num pode

E1 – ok

F4 – aí então

[[

E1 – é: em relação a escola é a única escola que tem aqui na comunidade?

F4 – é: só é aquela dali

E1 – é:: ensina que série aqui na escola?

F4 – é os pepeprezin parece qui até a ca a ca/ quarta série ...

E1 – a quarta série

F4 – é o resto vai tudo pra Mundaú ...

E1 – vai pra Mundaú estudar/ tem transporte né?

F4 – tem o oinbus vem pra aí pegar os menino aí ...

E1 – é da prefeitura?

F4 – é da prefeitura é

E1 – mas chega aqui a comunidade ou fica lá no cruzamento?

F4 – ele fica no no cruzamento aqui em cima

E – fica no cruzamento aqui em cima

F4 – [é

E1 – é:: ... as pessoas que trabalham na escola como professores e merendeiras e serviçais ... é eles eles são daqui mesmo ... de Mariana?

F4 – [não ...

são não

E1 – são não

F4 – são não minha irmã essa mermo era professora daí ... só que ela ensinava à noite ... aí tiraro ela num deixaro nem pur serveçal ... essa irmã minha ... aí é tudo de fora num tem nenhum daqui

E1 – entendi

F4 – é ...

E1 – a senhora falou também em relação a assistência médica que tem tem médicos que vêm pra cá num é ... eles vêm de quanto em quanto tempo?

F4 – de mês em mês de quin quinze em quinze dia – de dois em dois mês o problema só é esse ... vem só vem assim agora toda segunda eu tô ni mandaú ...

E1 – e quando/ entendi

[

F4 – toda segunda-feira porque eu faço fisioterapia passo pela psicolo ... aí toda segunda eu tô ni mundaú ... aí na segunda que eu não posso ir ... ela já sabe que eu num consigo chegá lá ... mode as duas perna qui fica inxada e ... fica munhecando sem eu poder fazer movimento ...

E1 – sim ... aí quando tá DUENte mesmo ...

[

F4 – não ... não consigo ir qui eu num passo uma perna nem numa mota

E1 – sim

F4 – mais as duas perna ()

[

E1 – mas eles vêm lhe atender aqui?

F4 – vem não

E1 – vem não?

F4 – vem não quando eu mioro na quarta-feira ou na quinta eu vou ...

E1 – aí a senhora vai

F4 – é

E1 – TEM transporte também aqui ... pra levar a seNHOrá

[

F4 – não transporte não ...

eu vou pegar a besta na ... na pista

E1 – na pista

F4 – é eu vou de pé toda dimanhã vou e volto ... às veiz quando eu venho que o ônibus passa ou qualquer motoqueiro os minino daqui qui passa ... mim dá uma carona e eu venho embora num é

E1 – e pra levar pra feira o o pessoal?

[

F4 – o carro vem praqui mais é o carro ...

E1 – é mas é só no sábado?

F4 – é só no sábado

E1 – final de semana?

F4 – é só no sábado

E1 – mas aí no dia a dia se precisar de transporte tem que descer a ladeira?

F4 – é::

E1 – pra ir pra pista

F4 – é se um dia adoecer um aí a gente vai/ arruma uns minino aí que tem carro paga e vai pá rua

E1 – entendi ...

F4 – ()

E1 – é::: em relação ... à a segurança daqui da comunidade a senhora nota que ... a comunidade vive tranquilamente?

F4 – vevi graças a Deus meu fio veve sossegados sossegados/ às vez chega esses bebinho ((referindo-se a um senhor que chegou bêbado no ponto de encontro da entrevista)) aí mais ... num é fazendo bagunça mais a família aqui as vez discute porque num tem família qui num more junto pá num discutir um pouco né?

E1 – sim

F4 – mais pá andá pegado ni foice ni faca ni tiro essas coisa ... não não

E1 – [mas_num já/ nunca mataram
ninGUÉM por aqui não?

F4 – [não ... tá com uns trinta ano qui mataro um mais nera daqui não era
nessa incruziada aí ((apontando para o local)) mais nera daqui dos quilombolas não

E1 – não era daqui não dos quilombolas

F4 – não ... não mais graças a Deus aqui nunca aconteceu certas coisa e num é de acontecer ()
...

E1 – [vocês são muito unidos em relação ... à:: a segurança de vocês mesmos

F4 – [é::

E1 – vocês se ajudam ...

F4 – é ... nós dorme com a porta aberta aí óia ... a noite toda se for possível/ ninguém/ anda a
noite todinha puraqui e ninguém ... vê movimento de ninguém mexer com ninguém ... não ...
de jeito nenhum

E1 – [entendi ... olha em relação às casas de vocês a gente nota que ... tem
algumas casas/ a sua casa mesmo é uma casa de alvenaria num é?

F4 – é:

E1 – mas nós temos essa casa aqui que ... está servindo de ponto de apoio pra gente ... que: é
de taipa

F4 – é de taipa

E1 – é mas assim ...

F4 – [Era da minha mãe essa casa daqui ... aí minha fia

E1 – [era da sua mãe?

F4 – a minha irmã tava solteira com ela e ficou morando na casa ... eu só sei que ela ganhou
essa terra mais ela disse que todo tempo que sair essa casa ela disse que vem embora

E1 – [ela ...

F4 – [vem embora

E1 – [vem embora volta pra cá?

F4 – é e eu eu dou graças a Deus porque o que eu ... peci/ nós precisamos nós duas nós
estamo junto ...

E1 – ótimo

F4 – ela é que é minha ... como é minha procuradora ela quem toma de conta de mim ...

E1 – ela toma de conta da senhora?

F4 – é:

E1 – ótimo é em relação/ mas tem algum projeto para para/ que a senhora falou todo tempo
que fizerem ... a casa de alvenaria sua mãe virá pra cá

F4 – MINHA IRMÃ

E1 – a sua irmã isso ... é:: tem algum projeto aqui pra ...

F4 – tamo

E1 – derrubar essas casas?

F4 – tamo tomos esperando esse projeto ... qui tá vindo já tá com mais de mês que foi pegado o nome da gen/ das menina tudinho para fazer essas casa ... e ela disse que os projeto já tava no na na Caixa pra vim fazer essas casa

E1 – quem é responsável por esse projeto aqui da comunidade?

F4 – é C. V.

E1 – C. V.

F4 – é agora só que a minha minha/a aminha irmã saiu porque ficou... foi minha filha

[
E1 - quem ficou tomando conta foi a sua filha

F4 – foi

E1 – entendi e em relação ... a: ao ponto de apoio é alguma associação?

F4 – não

E1 – participam de alguma ...

[
F4 – não nós participava da associação antes de ter essa energia então depois que essa energia ...che/ chegou os presidente era muito enrolão o dinheiro que a gente botava eles num ... guardava estragava tudo entonce depois que chegou ré essa energia nova ... a gente num fiquemo na associação ...

[
E1 – aí vocês não ficaram/ mas essa associação era daqui mesmo da comunidade?

F4 – era ... de tudo assim daqui a vizinhança toda sabe?

E1 – sim

F4 – aí C. V. quer ... que a gente faça uma associação mais a menina/ a minha filha só quer fazer essa associação ... quando ela entregar o papel do certificado na mão dela ... que ela disse que num vai ficar fazendo essa reunião com esse povo tudinho/ com essas coisa tudinho ... para fazer uma reunião para fazer uma associação sem tá com o certificado na mão né?

E1 – entendi

F4 – aí ela disse que vai conversar com ela para rever isso daí ... mais as outras comunidade já estão tu tudo com ... () e a gente aqui num tá aí ela disse que num se mete a fazer não

E1 – o que é que as pessoas fazem para conseguir trabalho remunerado? ... aqui na comunidade vai pra fora continua indo pra ...

[
F4 – vamo ... vão pra fora ((pigarreia)) muitos vão para fora trabalhar lá ... fora e muito trabalham ali numa cerâmica ali de D.

E1 – sim

F4 – muitos daqui be/ bem uns oito qui trabalha tudo lá

E1 – sim

F4 – e: ... os outro sai para fora/ tem daqui mesmo tem uns oito fora chegou aqui ele passou aqui de mota

E1 – sim

F4 – e:: tem bem uns oito pra lá tudo trabalhando fora

E1 – entendi

[[

F4 - é:

E1 – em relação a ... a agricultura é:: ... o pessu/ mas tem um pessoal que trabalha aqui na lavoura né trabalha também na laranja num é?

F4 – é:: assim trabalhando a: assim o dia quando encontra um dia de serviço a um e a outro aqui ... eles ficam trabalhando sem ser fichado sabe?

E1 – entendi

F4 – trabalhando a um dia aqui outro dia acolá onde acha eles vão trabalhar ... pra sobreviver/ agora quem tem o seu benefício ... vai sobreviver daquele benefício ...

[

E1 – com aquele benefício?

F4 – é: agora quem num tem ... vai trabalhar um dia aqui acolá muitos num querem sair de perto da família ... aí fica trabalhando um dia aqui acolá

E1 – entendi ... em relação ... a:: ... a formação das crianças as brincadeiras das crianças aqui na comunidade ... é:: ... essas crianças elas elas têm uma perspectiva de de continuar aqui ajudando os pais? ... os adolescentes também ... ou eles têm uma perspectiva de ir pra a cidade pra trabalhar na cidade porque estão estudando?

F4 – é muitos diz né que vai estudar vai simhora trabalhar e tudo e muitos ... num têm vontade de sair daqui muitos num têm

E1 – muitos num têm e em rela/

[

F4 – tem não

E1 – justamente para dar continuidade ao trabalho a comunidade não é?

F4 – é ... é ...

E1 – e em relação a brincadeiras há alguma brincadeira que os pais ensinam pros filhos ou ... eles só aprendem brincadeiras na escola porque tem a hora do intervalo?

F4 – é né e mesmo vem uma menina todo ano tá com dois ano que vem uma uma turma de ... de Maceió pra cá ni em Rio Largo ... elas morava aqui entonce elas ... ver que a gen/ que as criança são muito carente gostam muito de brinquedo ... elas vêm todo ano elas vêm dia das crinça ... sabe uma brincadeira mais junta tanta criança aqui que num sabe de onde é que vem tanta para brincar os menino eles se veste de palhaço ... tanta brincadeira que é demais isso é um divertimento para as criança

E1 – isso é bom

F4 – é: eu fi eu fi eu mesmo eu fico alegre muito ...

E1 – é bom

F4 – é: ... ficam ... porque os bichinho num tem muitos pai também tem vontade de comprar as coisa pra os filho num pode né comprar de tudo

E1 – é verdade

F4 – né né isso

E1 – é

F4 – aí assim vamo passando essa irmã minha mesmo ... as criança dela veste uma roupinha quando eu dou ... quando os os conhecido arruma muita roupa ... a gente traz pra dar a eles também que é dois menino ... os dois menino é:: os povo só chama ele de artista os menino tem seis ano mais o menino canta tanto ... que faz da desgosto a gente vê ele cantando ... é

E1 – então ele canta imitando os artistas que cantam ou ...

F4 – não ... é é música de natal é música daqueles cara que/ aqueles brinquedo que passa na televisão cantando

E1 – que ótimo

F4 – eles sabe demais só queria que você visse

E1 – que ótimo

F4 – é: ... aí ele diz que quer ser um cantor eu digo ei meu filho vai tão longe ... é ... ((risos))

E1 – ((risos)) muito bem... é ... a senhora sabe me me relatar ... quais são os principais problemas aqui ... que a comunidade enfrenta hoje?

F4 – hoje eu vou dizer pra você ... nós têm água aqui mais só ... que é muito difícil porque dá pra um num dá para outro uns quer lavar roupa em casa ... outros num num se combina nesse negócio de água sabe?

E1 – num se combina

F4 – aí a dificuldade mais é essa ... a água ... e essas casa qui eu ... porque eu eu fiz aquela casinha fiquei devendo muito mais ... com meu salário eu paguei mais os outro têm vontade de morar numa casinha de tijolo ... que a vida da gente era muito triste morar nessas casa de taipa ... era triste a vida de nós era triste nós estamos nós somos ... dez irmão ... tem cinco mordido do barbeiro ... já morreu dois/ antes de fazer dois mês morreu dois irmão mordido do barbeiro ... e tem três irmão atacado do barbeiro ... aí a gente num quer o que a gente passou dá pra aquela criança filho de nós né?

E1 – sim

F4 – aí é difícil né a gente imaginar isso fazer uma casa ter uma casa ... que tenha tenha move mais tenha meno uma casinha lá mais ... confortável pra criar os filho da gente né porque a vida nóise ...

[
E1 – isso daí ... é

F4 – foi muito cansada muito difícil demais

E1 – muito difí/ a senhora acha que a vida ... embora tenha esses problemas ainda ... mais a senhora acha que a vida aqui no campo ... é:: melhorou nos últimos tempos?

F4 – melhorou muito pra vista que a gente vivia a gente pode dizer que sou rico ... olhe minha gente aí eu a vida da gente

[
Fx - () ((chega o filho dela que estava sendo entrevistado também por outro documentador e quer saber algo sobre ele))

E1 – pode responder a ele sem problema

Fx – foi em União ou Mundaú que eu nasci?

F4 – é o que D.? ... é o que?

E1 – foi em União ...

[
Fx – ou em Mundaú que eu nasci?

E1 – União ou Mundaú que ele nasceu?

F4 – nasceu aqui município de Mundaú ... foi ((movimentando a cabeça)) ... não na cidade você nasceu aqui ((risos ao se referir que ele nasceu no sítio))

E1 – foi em Mundaú Mundaú né? ((dizendo ao filho da entrevistada))

F4 – é

E1 – muito bem ... é::

[
F4 – ô () vai olhar aquela carne vai ((aproveita o momento e fala para uma das filhas))

Fy – eu nasci na onde? ((a filha faz a pergunta))

F4 – aqui também ô () vai mexer a carne

E1 – ((rindo)) ela veio perguntar também onde nasceu ... olhe só ... a senhora sabe alguma lenda alguma historinha que os pais ficam contando para as crianças ... justamente à noite ou num existe mais esse negócio de estar contando historinha à noite ... para criança para se reunir para contar alguma história ... ou o pessoal vive mais assistindo a novela na televisão?

F4 – não mais é mermo ... o povo vevi mais assistindo televisão agora ... até agora tem uma que num gosta de televisão ela num liga a televisão é B. J. ... mais sempre os filho agora é tudo nesse desenho é tudo nessas coisa assim ... quando o o o L. era pequinininho esses dois sobrinho meu ((referindo-se aos sobrinhos que gostam de cantar)) ... sempre eu gostava de tá

brincando mais eles assim mais depois que eles cresceram ... só querem televisão ((inconformada))

E1 - quando a senhora era criança tinha ... é: esse negócio de assistir televisão ou contava história

F4 - tinha nada mamãe dizia olha vai dormi que o bicho vem ali vai pegá você

E1 - o bicho? ((rindo))

F4 - sim ... aí eu dizia que bicho é o bicho papão ela dizia a nós assim a nós né?

E1 - aí causava medo?

F4 - é: ... pra fazer é pra fazer medo a gente era o papa figo era o bicho essas coisa assim que ela ...

E1 - entendi ... a senhora tem alguma coisa a mais a a falar a acrescentar aqui a entrevista?

F4 - ah ... não assim ... só o que eu queria assim eu que eu mais queria na minha vida era que fizesse essas casinha das meni/ dos menino ... e pronto e que melhorasse assim menos seja um um canto para gente fazer uma ... que nem uma sede para a gente tiver a entrevista da gente a gente conversar a gente ... ter uma ... coisa melhor né assim para nós

E1 - ótimo

F4 - sabe

E1 - certo olha uma ...

[

F4 - um um médico também eu queria assim porque minha situação

E1 - hum melhor por causa da sua situação

F4 - é aqui

[[

E1 - se pudesse vir atender a senhora num é?

F4 - aqui eu só falo para você que aqui nessa comunidade ... o pior que tem aqui de doença é eu ... eu sou a mulher mais doente que tenho aqui ... eu sou ... eu dependo de remédio ...

E1 - depende de remédio

F4 - se eu passar um dia sem tomar um comprimido que eu tenho em casa ... eu enlouqueço que eu num sei nem que eu sou ... tou conversando aqui mais você mais ... se eu for para pegar uma coisa eu não me lembro mais

E1 - entendi

F4 - sabe eu acho assim as vez eu pido até a morte mais já vem meu marido minhas fia ... faça isso não tem gente pior que a senhora ... eu penso as vez de ficar em cadeira de roda que é o médico ... o médico que diz a mim que eu posso ficar em cadeira de roda ...

E1 - sim

F4 - as vez eu me movimento minhas duas perna ... meus dois braço é de momento que tem hora que cai tudo da minha mão

E1 - entendi

F4 - sabe ...

E1 - mas assim mas a senhora é forte

F4 - é é

E1 - a senhora é forte é claro que o remédio ajuda ... mas diante de tudo isso a senhora tem os filhos que lhe ajudam

F4 - tenho

E1 - seu esposo né?

F4 - tenho tudo que eu tenho na minha eu tenho eu tenho muitas amizade do meu filho mais ... acho assim que a minha a a o meu marido é tudo na minha vida ... é tudo é tudo na minha vida ... toda a riqueza que eu tenho na minha vida é meu véio ... eu tenho tudo na minha vida que eu tenho ele ... eu acho se num fosse ele eu num acho que eu num existia mais ... no mundo mais não mais eu tenho ele eu tenho tudo na vida

E1 – muito bem olha obrigado viu dona Q. terminamos a entrevista

F4 – de nada ((risos)) ... tá bom ... desculpa alguma coisa que tiver errado ((risos))

ANEXO D – ENTREVISTA 11

F11: M. S.

Entrevistador 5: Gisele

Entrevistador 2: Dariana Nunes

Transcrição: Josimar Gomes da Silva

Duração: 17:20

E2 – está ligado já...

E5 – como surgiu... como surgiu a comunidade/ conte um pouco da história da comunidade?

...

E2 – o senhor sabe como surgiu a comunidade?

[

E5 – comunidade

F11 – a comunidade é: é boa né é boa né

E5 – mais assim o senhor lem/ sabe de quando o senhor nasceu quando ela cre/ surgiu como foi num conhece nenhuma história não dela não?

F11 – minha filha meu sofrimento quando eu nasci eu fui eu fui meio meio cruel... fui criado sem pai sem mãe

[

Fx – ô D.? ((chamando alguém))

F11 – eu fui criado pela casa dos outros ... já fui mesmo já fui criado pelos outro de fora

Fx – ()

Fy – cala a boca L.

Fx – ()

F11 – já fui criado pelos outros ... mais donde eu fui criado fui bem recebido que ainda hoje eu estou vivendo né

Fx – ((risos))

Fy – criado sem pai

E5 – o senhor sabe mais ou menos quantos anos faz que ela surgiu essa comunidade... a Mariana?

F11 – homem Mariana já faz um bucado de ano ... muito tempo...

E5 – o senhor sabe quem foi os primeiros habitantes ... as pessoas que vieram morar aqui ...

Fy – a:: aí é diferente ninguém sabe né M. ...

F11 – eu num sei não

Fx: num sabe não num conhece nenhuma história não ((risos))

F11 – peraí homem ((pedindo para parar a conversa dos ouvintes enquanto ele é entrevistado))

E5 – como era... a comunidade né na época que o senhor nasceu mais ou menos o senhor lembra ... como era?

F11 – do tempo ... que que a gente nasceu era tão ruim ((risos))

E2 – era ruim por quê?

F11 – oxe passava uma fome da pega ... inté bananin

[

Fx – () ((risos))

F11 – inté inté inté banana verde com sal é nós comia

[

Fx – ()

F11 – para ver para ver se escapava

E2 – como era as pessoas na época... na/ nessa época que o senhor nasceu mais ou menos... como era as pessoas ... é diferente de hoje?

F11 – oxe é muito mais ... hoje a coisa é coisa ... mais mió né ... o cara tem uma roupinha ... antigamente nós num tinha ... só vestia uma roupa quando achava um que desse alguma roupinha né... e hoje o caba já pode ... comprar né

E2 – antigamente pra sobreviver aqui o que é que fazia para poder sobreviver trabalhava na agricultura?

F11 – [trabalhava na agricultura plantava mandioca batata macaxe ... macaxeira né que antigamente era o ... mandioca nera ... hoje é que a gente planta macaxeira né mais antigamente nós fomo criado era mandioca né daquela () ... se lembra?

E5 – naquele tempo já tinha ... representante a comunidade alguém que já falasse com vocês?

F11 – tinha não

E5 – tinha não

F11 – tinha não

E5 – como era que as mulheres e os homens ... se relacionava nesse tempo como era feito os casamentos deles?

E2 – no seu tempo

E5 – no seu tempo

E2 – um rapaz casar com uma moça como era?

F11 – a minha filha eu num me lembro não

E5 – lembra não ...

E2 – no seu tempo quando que o senhor casou com a sua esposa como foi ... era da mesma família era primo com prima como era?

F11 – homi toda vida teve isso ...

E5 – qual o nome do: a origem do significado do nome da comunidade/ por que Mariana?

F11 – porque tinha uma mulher que chamasse Mariana ... ela era uma curadeira e o nome dela era Mariana

E2 – aí ficou o nome ...

F11 – [aí ficou o nome de/ por Mariana

E5 – essa comunidade tem ligação c'a Serra da Barriga ... vocês vão eles vêm aqui?

F11 – vem

E2 – a história de vocês tem a ver com a história de lá do Quilombo dos Palmares?

F11 – homi disse que os mais velhos disse que tinha ... aqui do Ciço Amaro num num tem a comunidade dos Carambola ... eles pertende o povo da Serra da Barriga

E2 – então vocês são tipo família do pessoal de lá?

F11 – só uma maioria que que ve vieram vieram fizeram os exames e num deu não... uma turma alva num deu

E5 – foi feito exames para comprovar que alguém é descendente de lá?

F11 – [foi ... foi feito ... aí fi aí teve esses os cara comprovou que que tinha era da mesma ... família

E2 – [aí comprovou?

E5 – já tentaram invadir aqui a comunidade os branco?

F11 – não

E5 – não

E2 – nunca ninguém tentou tomar essas terras aqui de vocês que bom né?

- [
- F11 – nunca... aqui não
- E5 – como ave as pessoas da comunidade sobrevivam antigamente... e como elas vivem hoje/
COMO era a vida antes e hoje?
- F11 – as de hoje a de hoje tá mió né
- E5 – vocês passavam muita necessidade antigamente?
- F11 – passava
- Fx – e o amor é melhor... ((risos))
- [
- E2 – E HOJE como é que tá?
- F11 – hoje
- [[
- E2 – está bom de viver aqui?
- F11 – tá mai mió de viver né
- E2 – continua plantando vivendo da agricultura?
- F11 – mesma coisa
- E2 – vocês plantam o que hoje?
- F11 – é laranja... quem tem que o... deixa os pedacinho para plantar de mandioca de milho
- E2 – e vende né?
- F11 – vende para cooperativa
- E2 – a cooperativa
- F11 – AÍ JÁ tem quem compre
- E2 – a cooperativa é de quem?
- F11 – é de C. V.
- E2 – então tudo que vocês fazem aqui vendem para ele para ele vender?
- [
- F11 – é: é vende para eles ... a cooperativa é quem compra
- E5 – e: aqui como era as práticas religiosas como era que ni que eles acreditavam se era ... acreditava em santos ne candomblé alguma coisa?
- Fy – D. ((chamando alguém))
- E5 – assim não antigamente como era tinha na nada assim de... sobre santo Deus alguma coisa aqui não?
- F11 – tinha
- E5 – tinha?
- F11 – tinha
- E5 – como era o senhor lembra?
- F11 – lembro não
- E5 – lembra não
- E2 – qual é a religião do povo aqui... a religião de vocês?
- F11 – é católica
- E2 – católica né?
- E5 – TODOS?
- F11 – todos
- E5 – e tem alguma festa antigamente aqui dança brincadeira?
- E2 – típica aqui da comunidade que vocês gostavam?
- E5 – sim antes quando era mais novos?
- F11 – tinha ...
- E5 – o senhor lembra ...
- F11 – tinha

E5 – de alguma

F11 – lembro não mais os mais velho dizi o ... da gente para trás dizia que tinha

E5 – o senhor num lembra nem como ... o senhor nunca brincou não num lembra não

F11 – [não não

E5 – e hoje tem alguma?

F11 – hoje tem não... depois que o menino ali morreu aí acabou toda fusaca ... via ali quando o Gi () tava vivo

E2 – mais ele fazia o que lá?

F11 – aí/

[[

E2 – sim era o que ... forró?

F11 – é ele fazia o forró tinha guerre tinha ele fazia guerre/ ... quadrilha

Fx – [os forró os quadrilha

F11 – festa do pade Ciço todo ano eles fazia ... do mesmo tempo daquele menino do Tim/ da da Pindoba

E2 – o senhor falou que a religião aqui é católica ... aí como é vocês vão para missa na cidade o padre vem para cá?

F11 – não o padre num vem pra aqui não a gente é quem vai ... para igreja

E2 – tem terço novena alguma coisa aqui?

F11 – tinha de não/ que nem eu estou dizendo a você num tem porque... todo ano ele nó ele tinha ele fazia o terço e tinha as procissão ...

E2 – como era a procissão?

F11 – hem?

E2 – como era a procissão aqui?

F11 – eu fazia o baguezinho butava o pade eu meu padrinho Ciço em ci e mais nós saia arroteando... com monte de fogo... aí nós aí quando dentro terminava o terço aí butava os menino pá... vinha o menino pá tocar aí maincia o dia

E5 – tipo uma novena né?

F11 – é tipo novena

E5 – quantos habitantes há aqui ... quantas pessoas moram aqui?

E2 – quantas famílias ... o senhor acha que mora aqui?

E5 – [quantas família?

F11 – trinta e três

E5 – trinta e três

F11 – é

E5 – trinta e três famílias... há escola na comunidade... qual desde quando há escola nessa comunidade ... o senhor sabe como ela foi construída?

F11 – ela era uma casinha bem miudinha

E5 – sabe por quem foi não como foi que ela surgiu aqui ... a escola?

F11 – eu nem eu nem sei direito visse

E2 – sabe há quanto tempo a escola está aqui?

F11 – ô minha filha agora agora pegou eu... ô C.? ((falando com uma das ouvintes))...

Fz – sinhô?

F11 – quantos tempo faz que essa escola está aí... fizeram?

Fz – uns cinco ano

F11 – quanto?

Fz – uns cinco

F11 – tem mais ... cinco ano ela passou lá embaixo na casinha de taipa

E5 – ela quer dizer que ela ((a escola)) começou como uma casinha de taipa?

F11 – foi a ca casinha de taipa

E2 – tem quantas sala de aula a escola?

F11 – só tem uma

E5 – ela atende todas as crianças daqui?... de que idade?... do primeiro ao quinto ano é?

F11 – é de de de cinco ano arriba ... de manhã

[

E5 – cinco ano arriba ((bem baixinho))

E2 – funciona manhã e tarde ou só manhã?

F11 – a man de manhã à tarde de dia à noite mais num tem mais professor a noite... e nem os aluno querem estudar a noite o/ os adulto

E2 – à noite era para adulto nera?

F11 – era para adulto

E2 – jovens e adulto era a noite?

F11 – era só adulto

E2 – só adulto

F11 – só adulto

E2 – só adulto

E5 – o pessoal que trabalha nessa escola é daqui mesmo ou vem de outra cidade?

F11 – é:: da mesma comunidade

E5 – da comunidade?

F11 – é

E2 – tem muita gente trabalha aí ... é uma professora só?

F11 – é duas professora ... é uma de manhã outra a tarde

E5 – aqui na aqui tem alguma assistência médica ... é posto de saúde alguma coisa?

F11 – tem não

E2 – quando alguém adoece aqui como é que faz?

F11 – liga pá Mundaú

E2 – e eles vem buscar?

F11 – vem buscar

E5 – em ambulância? ... e transporte assim para levar as pessoas para fora ... da comunidade ... pra ir pra Mundaú por exemplo ... como é que faz para vocês sair daqui?

F11 – tem que alugar carro

E5 – alugar carro?

E2 – e os meninos quando saem do quinto ano aqui para estudar como é que faz?

F11 – vai pra Santana

E2 – Santana do Mundaú?

F11 – é

E2 – tem ônibus tem?

F11 – tem

E5 – quer dizer só sai da comunidade se alugar um carro?

F11 – fora de hora só sai se alugar uma carro se num alugar num vai/

E5 – MAIS tem horário que passa carro por aqui pra ir pra cidade?

F11 – tem não só no sábado ... no sábado tem carro de... de manhã é um caminhão

[

E5 – é o que caminhão ônibus um caminhão

F11 – agora o caminhão é da mesma comunidade

E5 – o senhor acha que aqui é um lugar seguro de morar?

F11 – homi aqui graças a Deus nunca aconteceu nada não

E2 – é violento?

F11 – não... isso aqui é calmo

[
E5 – nunca aconteceu nada assim?

F11 – não

E5 – uma desgraça alguma coisa assim?

F11 – ah isso faz muitos ano

E2 – foi o que que foi que aconteceu?

F11 – foi a... faz uns cinquenta ano... que que

E2 – e o que foi que houve?

F11 – foi de foi de tiro... faz cinquenta ano

E2 – o único caso?

F11 – quando o último caso... era aí nessa () do bazinho para lá

E5 – tem alguém que garanta a segurança daqui se caso alguém precisar de alguma coisa como é que faz... nessa parte assim... assim se o senhor acontecer alguma desgraça e quem é que vocês chamam ... vocês tem alguém que proteja e tem segurança?

F11 – tem não só se for da rua

E5 – só se for da rua ...

as casa daqui são todas de taipa alvenaria?

F11 – uma maioria é

E5 – todas de taipa

F11 – todas de taipa

E2 – elas são como é que elas são construida essas casas?

F11 – a de taipa?

E5 – sim

F11 – vai para o mato corta pau... traz para casa e faz o:: aí... faz/ arma ... e acabamento e barro nela aí ela fica tapadinha que nem casa de tijolo

E5 – aí

[[

F11 – aí reboca bem rebocadazinha

E5 – cada um ajuda o outro na construção né?

F11 – cada cá ajuda o outro

E5 – aqui... o trabalho como é que vocês fazem para conseguir dinheiro... pra trabalhar... assim que pra ter algum uma renda alguma coisa ... trabalha na agri além da agricultura tem alguma?

[
E2 – além da agricultura tem...

F11 – tem minha filha... só tem agricultura mesmo... tem que arrumar o troquinho da agricultura mesmo

E5 – o pessoal sustenta as suas famílias aqui pela agricultura?

F11 – é... num tem outros meio né

E2 – ninguém tem benefício não aqui de bolsa família de aposentadoria?

F11 – tem

E2 – tem também né...

[[

Fx – aleijado num pé e a...

E5 – aqui tem associação a comunidade?

E2 – tem

- F11 – tem
 E5 – quantas quantas?
 F11 – é como tu dissesse?
 E5 – quantas quantas associações?
 F11 – duas
 E5 – o senhor sabe assim mais ou menos desde quando elas tão aqui ... essas associações?
 F11 – tem cinco ano num tem P.? ((perguntando a um ouvinte))
 Fp – a derna de noventa e dois... primeira
 F11 – primeira foi de A. C. num foi?
 Fp – noventa e dois () a de A.
 F11 – noventa e dois num foi?
 E5 – quem são os re esses representante... dessas associações?
 Fp – A. C. de M.
 F11 – Ab a de lá de A. C. é A. C. de M.
 E5 – e a outra?
 [[
 E2 – e a outra?
 F11 – é de C. V.
 E5 – aqui eles ajudam muito a comunidade... esses representante?
 E2 – melhorou depois da associação?
 F11 – melhorou
 E5 – fale um um algo
 [
 E2 – por quê?
 F11 – porque que a lavoura num num num num en num engancha né ele num instante vai simbora ... e ele dizendo que tirar só para os outro aí ... demorava e agora na associação num instante vai
 E5 – aqui as crianças ... costumam brincar de que o senhor sabe mais ou menos... as crianças daqui elas brincam muito?
 F11 – brinca de bola
 E2 – tem mais alguma brincadeira?
 F11 – tem de correrem um atrás do outro e brincando de de de boto ((risos))
 E5 – tem alguma brincadeira que o senhor brincava quando era criança e as crianças ainda brinca hoje?
 F11 – homi se eu for fazer o que eu fazia do do sabe do tempo que eu era pequeno eu fui dizer o o ... essa semana as menina aqui em casa disse oxe... era peão... era peteca e reio... aí eles disse num sabe o que é isso não
 E2 – o que é reino?
 F11 – reio de de de de coisa ne cavalo... sabe não
 E2 – não como é...
 [[
 Fx – e o carro
 F11 – oxe corta assim grande e bota um cabo ... ô P. tu ainda sabe fazer aquele negócio de de reio de banana
 Fp – seio
 F11 – depois eu também seio
 E5 – como é que o senhor o senhor brincava com esse reio?
 F11 – hem?
 E5 – como é que o senhor brincava com esse reio?
 F11 – para judiar com os outro... aí eu butava uma ponteira... dava riada nos cabra

- E2 – ah era para bater era?
- F11 – era os caba queria dá ni nós nós também aproveitava né
- E5 – as criança num num brincam da mesmas coisa que você brincava?
- F11 – não
- E5 – a comunidade produz algum tipo de artesanato alguém faz alguma coisa assim?
- E2 – produz não?
- E5 – as mulheres faz negócio de barro de costura alguma coisa?
- E2 – produz não
- F11 – produz não hoje num estão fazendo mais não
- E5 – mais fazia?
- F11 – fazia
- E2 – fazia o quê?
- F11 – panelinha de barro... mais hoje é tudo rico né... fazia de alumínio ninguém quer mais o barro... um pote ninguém quer
- Fx – quer nada
- F11 – quer geladeira
- E5 – quais os principais problemas que vocês enfrentam aqui ... qual a maior dificuldade para vocês ... que moram aqui ... o senhor sabe como fale um pouco?
- E2 – o que o senhor acha que é problema/ que é dificuldade aqui ainda para você?
- F11 – é mais a água né
- E5 – o que falta?
- F11 – mais a água
- E2 – por quê?
- F11 – porque o caba já vevi meio enfadado para carregar a de de longe fica difícil... o caba já vevi meio doente
- E2 – não tem água encanada?
- F11 – tem não
- E2 – como é que faz para pegar água?
- F11 – é num bardinho carrega na carroça num carrinho de mão
- E5 – todos aqui é desse mesmo jeito?
- F11 – da comunidade daqui é ... a promessa é muita mais nunca apareceu
- E5 – tem alguma outra coisa não que vocês ache ruim também ... aqui?
- Fx – eu moro na casa de barro quando eu abro a porta
- E5 – assim tipo né o transporte mesmo você num acha ruim não
- F11 – o transporte?
- E5 – para sair da cidade o transporte o carro para sair da/
- F11 – é meio difícil que quando a liga para o telecarro é cinquenta reais pra ele vim... quando é uma precisão... liga é cinquenta reais
- E5 – e a saúde de a vocês tem alguma reclamação não?
- F11 – para isso é da muita
- E5 – aqui há alguma história alguma lenda que o senhor sabe... daquela que envolva a comunidade alguma história que o pessoal conta
- E2 – passado de pai para filho
- F11 – sei não minha filha
- E5 – sabe nenhuma história?
- F11 – nenhuma
- E2 – o senhor gosta de morar aqui em Mariana... queria que o senhor falasse um pouco e porque o senhor gosta
- F11 – eu gosto... é que eu nasci e me criei aqui né
- E5 – fale um pouco dela as coisa boa que ela tem... que Mariana tem as coisas boas

F11 – ah num sei não

E2 – o senhor gosta de viver aqui?

F11 – gosto nasci e me criei tem que viver aqui né... num tem para onde ir vou vou ver o que na rua... já doente que eu vou viver de que da rua?

E5 – seus filhos gostam daqui?

F11 – gosta... apulso tem que gostar né... mais já são novo da daqui uns dia quando eles tiver maior já parte no meio do mundo né ... tem que arrumar o troco deles lá fora

E2 – porque a comunidade não oferece meios né

F11 – é aqui só dá para quem para os dono né mais para quem é morador

E5 – aí quer dizer que aqui tem terras que só tem moradores?

F11 – é as terra é da é do é da turma... aí nós somo morador né

E5 – tem alguém que tem terra aqui que num mora aqui?

F11 – não os os que tem terra tudo mora aqui

E2 – seu M. muito obrigada viu

F11 – de nada mnha filha

E2 – pela entrevista

ANEXO E – ENTREVISTA 14

F14: A. J. S.

Entrevistador 1: Josimar Gomes da Silva

Entrevistador 2: Dariana Nunes dos Santos

Transcrição: Josimar Gomes da Silva

Duração: 21:28

E1 – Seu J. A. como surgiu a comunidade? ... o senhor vai nos contar um pouco sobre a história aqui da comunidade Mariana

F14- a comunidade Mariana ... eu quero falar pra dá eu num sei explicar muito sobre isso não ... porque eu vivo muito desligado disso aqui ... eu inclusive eu não vivo aqui ... final de semana é que quandixistia alguma reunião alguma coisa ... eu vivia mais na cidade qui eu trabalhava na feira ... e eu não tenho muito o que contar disso sobre isso aqui não ... agora quem tem de contar bastante é um irmão meu qui sempre vive aqui envolvido de dentro né incluído com o pessoal ... mais eu num tenho não muito o que falar não ...

E1 – mas o senhor sabe nos contar mais ou menos há quantos anos surgiu essa comunidade? ... faz mais ou menos quanto tempo?

F14 - pra falar a verdade eu num sei não ... sou di ... sou desligado totalmente disso aí ...

E1 – o senhor sabe nos contar ... é:: ... quem foram os primeiros habitantes as primeiras pessoas e por que elas vieram pra cá?

F14 - praqui pra comunidade?

E 1 – sim

F14- eu ouvi falar quando eu cheguei praqui qui existia uma senhora ... por nome de Mariana ... e acho qui era uma das benzedoras daqui ... daquele pessoal muito ... muito muito conhecido no na comunidade né ... e todo muito respeitava bem devido a idade ... e o trabalho prestado dela ... por isso surgiu essa comunidade por aqui ... acho que deve ter sido por causa disso aí ...

E1 – ok o senhor sabe informar se havia um representante nessa comunidade ... se havia um líder ... para juntar as famílias aqui?

F14- não ... qui eu saiba não ... isso aqui é pouco tempo ... mais na época que cheguei pra aqui num existia isso não ... há 50 anos atrás ... nera ... isso aqui era uma ... uma coisa esquecida sobre isso ...

E1 – o senhor sabe dizer ... é: ... como os homens e as mulheres se relacionavam nesse tempo ... como eram feitos os casamentos deles?

F14- não casamento praticamente era o que ... era só um se se um se encontrar com o outro ... e depois o padre é quem fazia isso aí ... né ...

E1 – o padre

F14- ... é ... por () o padre era ... acho qui existia até morte ... nera como hoje que é todo mundo liberal aí pra quem quiser ... antigamente era coisa muito mais ... nera ... muito mais bem complicado ... é o que eu sei dizer

E2 – é verdade que antigamente aqui se casava muito primo com prima?

F14- ... inclusive isso aqui a maioria são casados ...

E2 – o senhor sabe dizer por que ... que casava muito primo com prima?

F14- não ... não sei se era porque tinha medo dos outro pessoal e ficava tudo na família ... eu tinha uma pa ... uma pa ... uma prima que ela sempre fala isso ... inclusive até eu gostei de uma prima mesmo ... né ... vinha de Maceió praqui ... aí sempre tinha uns encontro ... aí a mãe dela disse olhe ... acabe esse namoro que isso num dá certo não porque ela tá namorando

com você porque tem medo de falar com outro homem ... e vendo que é parente com parente não vai ter produção nenhuma ... só o que eu sei falar é isso aí ...

E1 – o senhor sabe dizer ... é: ... se essa comunidade tem alguma relação com a Serra da Barriga ... com o o antigo Quilombo dos Palmares?

F14- eu acredito qui não ...

E2 – por quê?

F14- porque é tão diferente as comunidades quilombola com os quilombo ... os quilombo dos palmares que se fala ... né ... eu acho que é muito diferente ... isso aqui começou de ontem ... esses quilombola ... e e o o quilombo dos palmares quando eu me entendi/ quando eu nasci já existia isso aí ... praticamente já tinha até terminado o ... esse negócio dos quilombola ... quilombola não ... dos quilombo dos palmares ... né ... já tinha terminado com isso aqui e num existia mais nagro nenhum por aqui ... depois que surgiu essas reuniãozinha por aqui ... e inventaram esse pessoal do quilombola aqui ... num sei nem como nem porquê ... inclusive acho qui eu ... até eu tô envolvido nesse meio ... eu sou dos quilombola sem saber porque o pessoal por aqui ... os quilombola têm direito a uma feira ... né ... acho qui é todo mês ... não sei se é todo mês vem uma feira por aqui ... ni outro dia eu precisei ((tosse)) um problema aí de um um ... leite ... qui eu pego leite do governo ... mais precisou de um cadastramento ... do cadastramento precisava do NIT ... e eu não tinha esse NIT aí fui pra Mundaú pra tirar esse NIT ... aí quando chegou lá qui a moça puxou no computador disse mais o senhor é beneficiado do governo né ... eu disse eu sou não senhora ... rapaz o senhor não recebe a feira ... eu nunca recebi não ... e ela qui falou isso porque o meu nome tá lá num tava?

E1 – com certeza...

F14- e depois fui outro dia outro () outra senhora já em outro lugar ... foi o computador novamente e me perguntou se eu era beneficiado ... tá recebendo a feira ... eu recebo não senhora ... aí não sei porque foi qui me envolveram o meu nome que eu nunca fui beneficiado a nada ... sobre isso ... só o que eu sei falar é isso aí ...

E1 – a comunidade já sofreu algum tipo de invaSAO ... algum tipo de ataque de alguma pessoa, de algum branco de ... de outras comunidades?

F14- não ... do meu tem/() ... que que eu tenha conhecimento não ... nunca sofreu essas coisas não ... e se tem esse ele se recrimina por ele mesmo né ... se sente inferior aos outro por isso ... vai mesmo qui alguém venha por aqui pra fazer alguma coisa com eles ... qui eu saiba não ... também eu não vivia muito aqui ... e se acontecesse isso mais era final de semana ... eu comecei desde criança ... sendo toda semana tinha que sair daqui ... saía na sexta chegava na segunda na terça aí num num conto num sei contar nada sobre isso aqui não ... mais tenho certeza que não existiu não isso não

E1 – sei... o senhor havia dito em conversa anterior que já mora aqui há 50 anos ...

F14- 50 anos ...

E1 – é: o senhor sabe dizer como nessa comunidade as pessoas viviam ... sobreviviam antigamente ... como é que sobrevivem hoje ... eles vivem de que ... trabalham em quê?

F14- bem ... até quando eu cheguei praqui ... os pessoal mais velho morreram tudo ... então só tem hoje a turma jove ... nós vivia trabalhando ... trabalhando um dia de serviço a um e a outro quem tinha pra pagar ... inclusive meu pai quando chegou praqui mermo ... ele abriu um'çoite de serviço aí ... e toda semana ... toda semana não ... todos os dia tinha dezoito vinte trabalhado trabalha()lhava lá onde eu moro alí ... e plantando batata plantando essas coisa ... e os coitado num tinha o que fazer ... lá ganhava a diária ... a maioria deles aqui da região ... mais depois foram se adaptando as coisa foram melhorando pra eles ... e hoje eles num têm mais nem essas precisão toda ... já tão tendo alguma oportunidade ... né ... já que saiu esse negócio de bolsa família ... já tem esse negócio dessa feira que já é uma ajuda grande ... e eles num tão mais nem se preocupando tanto ... graças a deuse já tão vivendo uma vida mais melhor ... tombeim tão procurando estudar tão procurando mais sair fora ... o que eu

digo de mim mermo se eu de se eu disser de minha casa nós nem tem pai nem mãe ... somos dezessete irmão ... dos dezessete irmão tem doze em São Paulo ...

E1 – sim

F14 – qui aqui num tem como sobreviver ... aí correu tudo pra lá ... e hoje só resta quatro por aqui ... quatro cinco ... mais aqui só tem três irmão morando aqui ...

E1 – sim

F14 – os outro tudinho em São Paulo Maceió ni União ... qui aqui num tem como sobreviver todo mundo né ... e todo mundo () num tem como tá arrastando terra pros pés num pode não ... aí eles abriram

E1- aí vai geralmente pra cidade pra buscar melhoRIAS...

F14- busca melhoria

E1- pra estudar

F14- pra estudar

E1- é: em relação às práticas religiosas como eram realizadas por aqui práticas religiosas na comunidade qui tipos de práticas é:: o pessoal se volta para um ser superior para Deus?

F14- aqui ...

E2 – a religião

F14 - a religião aqui/ aqui todos eles são ... são católico

E1- sim

F14- não tem outra religião ... e se tiver alguma aí mais é variado ... vai prum canto procura negócio de igreja de crente na cidade ... mais praqui mermo sempre o padi () vinha lá pra casa do meu pai ... todo ano tinha missa lá em casa ... tinha reunião lá em casa com o pessoal ajuntava muita gente ... e o pessoal era um pessoal católico ... sobre essa religião deles ... nossa aqui

E1 - sim

F14- e a comunidade acompanhava também

E1- os encontros de vocês como se davam ... eram todo todo mês toda semana?

F14- não nem todo mês nem toda semana ... tinha ... de praticamente de seis em seis mês de ano em ano ... nera ... o padi vinha e se reunia aqui ... fazia uma missa ... hoje tá mais desenvolvido porque já tem aqui na na: ... na MOVAM associação nossa aqui da MOVAM assim de dois em dois meses tá tendo uma missa se reuniu um monte de gente ... na vizinhança também o pessoal procura o o padre pra dizer missa em casa ... e a vida é só essa aqui do do do ((gaguejando)) da comunidade ...

E1- entendi... o senhor sabe dizer mais ou menos quantas pessoas moram aqui na comunidade?

F14- pra te falar a verdade não

E2 - quantas famílias?

F14- só se for pra lá pra contar ((risos)) mais eu nem fiz isso ... só sei que são bastante gente ... um bucado de família

E1- eu tenho observado que há uma escola aqui na na comunidade ...

F14- na comunidade tem um grupozinho aqui ... ((apontando para o local))

E1 - é:: o senhor sabe em que época foi construída desde quando ela está ... aqui na comunidade?

F14- eu acho que essa escola deve está aqui: ... eu acho que mais ou meno dos ano 70 ... eu penso assim ... que quem/quem fundou essa escola aqui foi meu pai ... ele tinha um bucado de filho ... e aquele pessoal muito: rígido com os filho ... num dava a oportunidade de ninguém estudar lá fora ... e então ele preferiu arru/ fazer uma casinha ... arrumar uma professora ... como ele feizi e pagava do bolso dele pra ensinar os filho na casinha dele lá ... depois foi qui surgiu: o tempo foi aumentando mais a população e surgiu até um grupo qui tem aí ... com o nome do meu pai ... J. P. S. ...

E1 – é o nome do seu pai

[

F14- é o nome do meu pai qui foi o fundador disso aqui ... dessa escola aqui

E- Eu estava até pensando quando cheguei, olhei a escola e vi o nome e falei assim será se eles estão homenageando alguém aqui da comunidade ou é algum/ porque geralmente eles homenageiam pessoas de fora né ... mas ainda bem que aqui eles colocaram um nome

[

F14- colocaram da comunidade

E1- o nome de uma pessoa da comunidade

F14- foi ...

E1- e os funcionários é: são aqui da comunidade também?

F14- do grupo

E1- sim ... os funcionários de lá ... os professores?

F14 – os professores são ... eram três professores ... mais agora parece que só existe dois ... porque tem um de manhã tem um à tarde e um à noite ... tiraro o da noite ... a falta de aluno ... ((tosse)) desculpa aí ... e hoje só tem duas ... mais uma mora aqui a vizinha ... todas duas são vizinha daqui ... os dois professor ... duas moça ... a minha irmã/ quando começou as aula ... a minha irmão trabalhava pra merendeira essas coisa né ...

E1 – sim

F14 – agora só que ela trabalhava e nunca recebeu um centavo como voluntário

E1 – trabalhava como voluntário ((repete baixinho))

F14 – até o pessoal reclamava com ela deixa de ser besta ... trabalha pra prefeitura tanto tempo ... e não recebeu um centavo ... depois tentaro fazer o grupo dissero agora vai trabalhar pra prefeitura vá vão registrar ... mais não ela nunca se interesô ... tombéim arrumaro outras pessoa mais novo e colocaro no lugar ... e () é a vizinha daqui que toma conta () da da merenda ...

E1 – em relação aos anos escolares aqui na escola funciona do primeiro ao quinto ano?

F14 – aqui é não acho/ acho que é de primeiro ao quarto

E1 – do pimeiro ao quarto ...

F14 - do primeiro ao quarto ...

E1 – sim ...

F14 – purqui já vão pra cidade

F1 – já vão pra cidade ...

E14 – já vão pra cidade ...

E2 – tem transporte escolar?

F14 – tem ... a o o prefeito (desculpe) manda/ antigamente era pau de arara mais qui hoje é qui tudo são ônibus né ...

E1 – ônibus

F14 – eles pega nesse cruzamento aqui ó ((o entrevistado aponta com a mão direita para o local onde os estudantes esperam o transporte escolar, como ponto de embarque e desembarque)) todos os dia vem busca aí

E1 – sim

F14 – a população aí

E1 – em relação a transporte é: o senhor fala do transporte escolar mas há-al-gum outro tipo de transporte aqui qui leva o pessual pra feira ... pra cidade?

F14 – tem ...

E1 – geralmente vocês vão mais a União dos Palmares que também fica vizinho aqui OU VÃO mais a Mundaú

[

F14 – não ... acho que aqui é dividido

E1 – é dividido

F14 – é - uma parte pra União outra pra Mundaú ... mais é só qui pra União as pessoa fala dia de feira ... mais dia de feira só na semana né ...

E1 – sim

F14 – o dia de feira qui se fala é de sábado e domingo

E1 – sim

F14 – ninguém fala na semana então tem um rapaz aqui com um F4000 ... todo sábado di manhã ele vem pegar gente aqui pra feira

E1 – pra feira ...

F14 - e quando não a vizinhança tem carro a maioria tem carro ... pega o carro ... pega uma carona cum outro e si disloca todo mundo ...

E1 – você sabe mais ou menos quantos transportes têm quantos carros mais ou menos vêm aqui pra levar vocês pra feira geralmente?

F14 – não ... pr'aqui mesmo só tem um

E1 – aqui só tem um

[[

F14 – só tem um pra todo mundo qui é mei caminhão ... mais os outros sai nos carro próprios né ...

E1 –

[
nos carros

próprios certo ...

F14 – quem tem carro próprio

E1 – é:: em relação à assistência médica, existe aqui algum PSF na comunidade ... quando as pessoas adoecem é:: eles são atendidos aqui ... vem médico pra cá ... ou vão pra cidade?

F14 – não/ eles vão pra cidade quando adoecer porque é em caso de emergência né ...

E1 – sim ...

F14 – mais a não ser caso de emergência todo eu ach/ todo mês tá tendo médico aqui na comunidade

E1 –

[
na

comunidade

E14 – tá ... inclusive alí perto daquela casinha ((o entrevistado aponta para o local)) per/ era no grupo ... depois passou pr'aquela casa vizinha ... sempre vem quase todo meisi ... tem uma doutora qui vem pr'aí ... reuni bastante genti ... tem a agente de saúde né ... aqui na comunidade reunindo o pessual ... e sempre o pessual se reuni tudinho aí ...

E1 – eles fazem o cadastro junto a à Secretaria ...

F14 – [secretaria de educação de saúde

E1 –

[
de saúde ...

F14 – é ...

E1 – ótimo ... e:: o o agente da comunida/ o agente comunitário é daqui mesmo da comunidade ou é de fora?

F14 – é de fora

E1 – é de fora?

F14 – é de fora é ... é uma moça que trabalha lá no/ mora lá no Carara ... sabe onde é o Carara

E1 – não não sei ...

F14 – Nessa fazenda aí depois ...

E1 – [logo_aqui_abaixo_né?

F14 – é uma senhora que mora lá e trabalha com o pessual aqui ...

E1 – é:: em relação à segurança, a comunidade é um lugar seguro pra se morar ... e quando acontece alguma coisa como por exemplo um assassinato o que é que se faz aqui ... quem/ é: quem as pessoas procuram ... há alguma coisa que garanta o mínimo de segurança para os moradores?

F14 – aqui não ... a segurança aqui si aqui garante aqui é cada um faça por si ... né ... cada um faça prudonde num fazê negócios errado ... pois se até chegar a segurança/ tem que ir na cidade ... pra ter segurança ... e às veiz chegando na cidade já num tem nem ninguém ... e graças a Deus aqui é um lugar muito tranquilo ... e que houve negócio de assassinato essas coisa ... isso há muitos anos atrás mais na:: presente ... graças a Deus tá muito tranquilo ... sobre isso aqui ... () mais tranquilo em canto nenhum ... todo mundo é assustado hoje cum tudo ... né ... e hoje ninguém sabe quem é ami/ quem é inimigo ... existe todo mundo em segurança por causa disso ... sobre negócio de intriga essas coisa aqui não ... num ixisti isso não ...

E1 – Como são construídas as casas aqui ... construídas de quê?

F14 – [hoje ... hoje esse negócio o pessoal tão ta tu tudo evoluído ... antigamente não era de alvenaria essas coisa assim ... antigamente era tudo de barro inclusive a casa que eu morei/ meu pai trabalhou e gantou um mundo de dinheiro pra construir uma casa e fazer uma casa de barro ... como se chama de barro né

E1 – sim

F14 – o pessoal/ mais rapaz deixa de tua besteira rapaz/ tu gastar tanto dinheiro pra fazer uma casa de barro ((suspiro forte)) ... faça uma casa de tijolo que é pra filhos e netos ... mais eu vou gastá muito mais ainda ... só que hoje ninguém quer isso aqui ... inclusive tá tendo até uma lei aqui qui tá/ num sei se vocês trabalha sobre isso ... que é pra tirar essas casas de barro todinha que tem aqui ... pra ser tudo de alvenaria ... pra esse pessoal qui não tem condições ... inclusive essacasinha vai ser derrubada pra construir outra/ é o que o pessoal fala ... mais hoje todo mundo tá bem bem sobre isso tá bem

E1 – o senhor disse que aqui na comunidade existe uma Associação num é?

F14 – existe...

E1 – vocês fazem uma associação ... é:: só é uma associação mesmo ou existe um outro tipo de associação aqui na comunidade?

F14 – não pra gente aqui só existe uma ... mais só num é aqui na sociedade/ é:: aqui na comunidade ...

E1 – sim

F1 – a associação que existe aqui é a MOVAM

E1 – Sim

F14 – num sei se vocês já tão sabendo disso ... que a gente somos associados da MOVAM

E1 – não

F14 – é mais a MOVAM é pra negócio de/ negócio de safra de plantio de laranja essas coisa ... a gente planta laranja que antigamente passava pra os atravessadores e então tinha época qui ninguém não queria nem de graça no causo ... qui o qui pagava não compensava nem a tirá ... só qui hoje depois da comunidade da associação ... e então a gente pra associação fica melhor pra gente produtor

E1 – sim... a sede dessa associação é onde?

F14 – abaixo da cerâmica aqui onde você/ num sei se você lembra a cerâmica abaixo

E1 – [sim, lembro, lembro

F14 – da casa que tem uma barra verde

E1 – como é o nome do sítio lá?

F14 – lá é Penha

E1 – Penha ... sítio Penha ... então essa associação serve ao sítio Penha aqui Mariana e outras comunidades num é?

[

F14 – é que a gente somos associados lá né ...

E1 – ok ok ((neste momento o entrevistado tosse)) certo... o representante é de lá mesmo do de Penha?

F14 – é o representante é de lá ((tosse)) é Absolão, Absolão Correia/ acho Correia de Melo se eu num me engano

E1 – sim.

F14 – é isso que eu tenho pra contá

E1 – em relação às crianças aqui da comunidade ... elas costumam brincar de quê? ...

F14 - ... criança a brincadeira quem fazem é eles né ... o que eles acharem mais interessante

E1 – humm

F14 - é qui eles qui qui ((gaguejando)) isso mesmo

E1 – é mas assim há algum tipo/algum tipo de brinquedo específico ou alguma cantiga que eles costumam é: cantar na hora na hora que eles estão brincando que foram passados de pais para filhos? ...

F14 – rapaiz se acontece isso acho que nem é de pai para filho acho que é o/ ... o professô qui ensina isso aí ...

E14 – o professor ... acho que tem atividades que brincam

[

F14 – acho que seja o professô

E14 - que cantam na escola num é?

F14 – às vezes na hora do recreio/ num existe recreio né

E1 – é ... existe recreio.

F14 – na hora do recreio eu vejo tudo correndo e cantando aí ((apontando para a escola)) acho que é ensinado pelo professô

E1 – sim

F14 – ou professoras ... mais pelos pai de casa os pai num tem tempo pra isso não

E1 – a comunidade Mariana ... ela produz algum tipo de artesanato? ...

F14 – ((ascena com a cabeça indicando sinal negativo))

E1 – não?

F14 – ((pigarreia)) qui eu conheça/ qui eu conheça não ...

E1 – entendi... mas o senhor sabe dizer se as primeiras pessoas que habitavam aqui ... elas produziam alguma coisa ...

F14 – de artesanato?

[

E1 – de artesanato? ...

F14 – ((mais uma vez ascena com a cabeça para indicar não))

E1 – também não... o tarbalho aqui sempre foi ...

[

F14 – sempre foi

E1 – de agricultura

[

F14 - de agricultura né

E1 – de agricultura

F14 - serviço pesado braçal ...

E1 – e tem sido a renda de vocês?

F14 – a renda de cada um

E1 – o dinheiro ou então a aposentadoria/ tem algumas pessoas aqui na comunidade que já estão aposentadas?

F14 – já tem vários aposentados

[
E1 – ou ou benefícios... é: quais são os principais problemas enfrentados aqui pela comunidade? ...

F14 – os principais problemas?

E1 – os principais problemas o senhor fala/ ou a gente pode até elencar como problema essa questão da construção que ainda existem casas de taipa né/ casa de barro... aí a comunidade é é tá lutando pra conseguir é colocar/ fazer casas de alvenaria

[
F14 - fazer casas de alvenaria...

E1 – num é de tijolo... é:: além disso temos energia/ todas as casas aqui têm energia?

F14 – todas ... todas temos energia ... hoje se considera o pessoal tudo rico sobre isso aí

E1 – sobre isso daí

F14 – é porque antigamente nada disso há uns vinte anos/ há uns vinte e poucos anos atrás ... isso aqui era tudo a luz de caindieiro e vela

E1 – sim

F14 – mais através dessa comunidade/ dessa

E1 – associação

[[
F14 – associação ... a MOVAM foi qui conseguiu essa energia ... pra pra nós aqui purisso nós entramo nessa comum/ associação

[
E1 – nessa associação

F14 – e a uns quatro ou cinco anos atrás qui eu num tenho bem lembrança ... aí veio essa negócio de luz para todos

E1 – luz para todos ... foi do governo ...

F14 – né ... do governo

E1 – governo federal

F14 – aí foi a/ foi desativado a do da associação e foi deixado essa luz para todos ... tá sendo o nosso desenvolvimento aqui ...

E1 – seu A. é: há alguma história ... alguma lenda ou algum mito que envolva a comunidade?

F14 – eu acredito qui não ... qui eu conheça não

E1 – que o senhor conhece não?

F14 – não

E1 – o senhor tem mais alguma coisa a acrescentar a esta entrevista?

F14 – não

E1 – seu A. muito obrigado

F14 – por nada